ETERNAL IDOLS: CJ SNARE (FIREHOUSE) ᛉ PLAYLIST: JYRKI 69 (THE 69 EYES) ᛉ COLLECTION: ENTHRONED

ROADIE CREW

Clube de Revistas

Metal & Classic Rock

Judas Priest

VITAL, VIBRANTE...

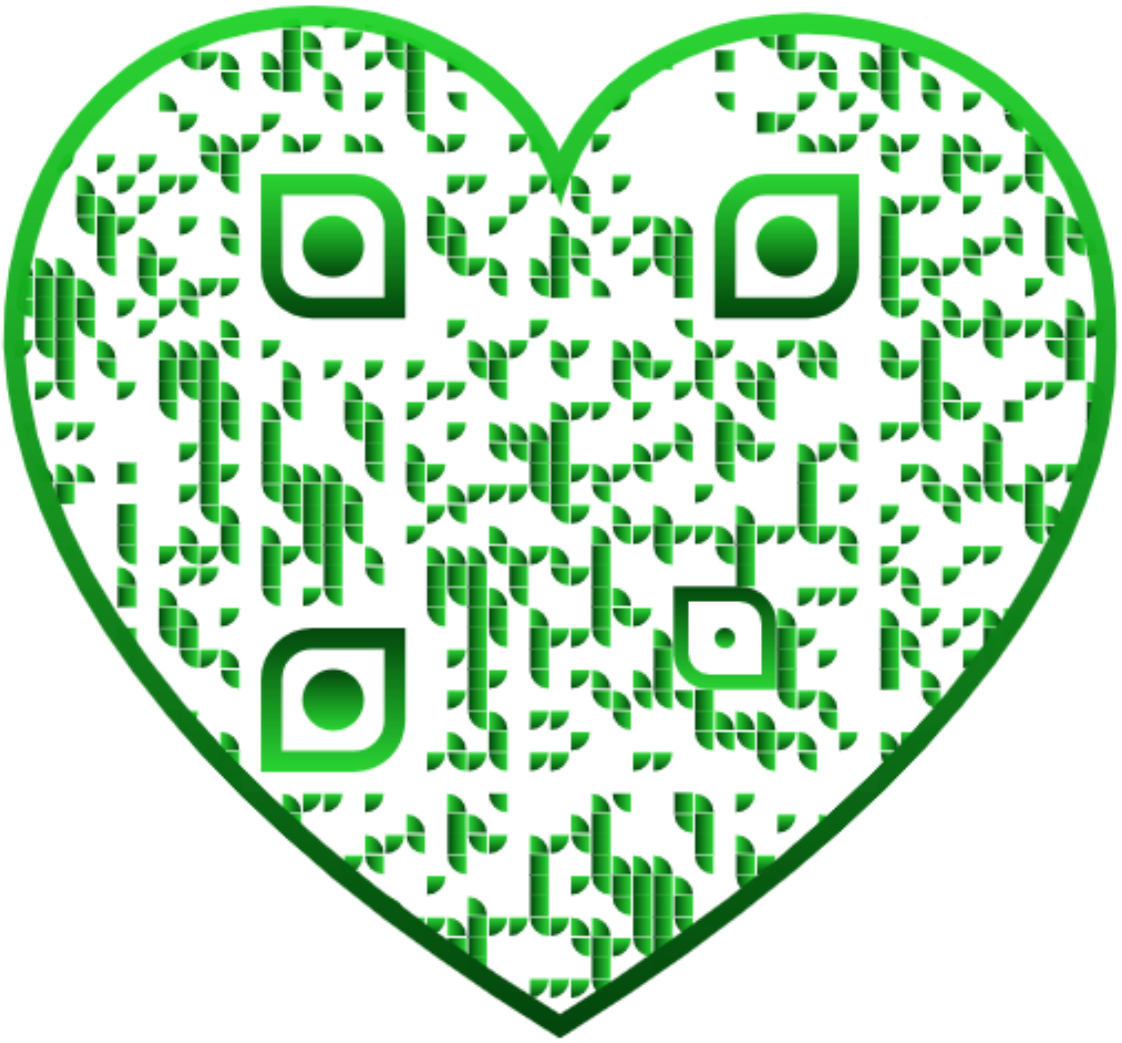
PODEROSO!

ENTREVISTAS

DORO ᛉ JINJER ᛉ DEICIDE ᛉ TÝR ᛉ LUCIFER
AMARANTHE ᛉ RHAPSODY OF FIRE
SCOTT STAPP ᛉ REVOLUTION SAINTS
SEBASTIAN BACH ᛉ RED DEVIL VORTEX

ACCEPT

METAL DE CARNE E OSSO



Esse ano, o Summer Breeze chegou com uma novidade que impactou quem foi ao evento. O Sportsbet.io chegou como patrocinador oficial do festival e preparou incríveis ações em um estande imponente e mega interativo, que verdadeiramente chamou a atenção de quem passava por lá. Além disso, a marca assinou o naming rights de um dos principais palcos (o Hot Stage), e teve presença de marca maciça na área de signing sessions, local onde os ídolos cediam autográfos e promoviam um contato mais próximo com os fãs.

Confira alguns números conquistados pelas ações da "io" ao longo dos três dias de evento.

Sportsbet.io

@TOPLINKMUSIC
APRESENTA

Matanza
RITUAL

Mata e Amassa

22/06 - AUDIO
SÃO PAULO
INGRESSOS EM TICKET360

MASSACRATION

Symphony X

27/07 - TOKIO MARINE HALL
SÃO PAULO - INGRESSOS EM EVENTIM

KIKO LOUREIRO

10/08 - TOKIO MARINE HALL
SÃO PAULO - INGRESSOS EM EVENTIM

ANGRA

ACÚSTICO
17/08 - ESPAÇO UNIMED
INGRESSOS EM TICKET360

arte: www.jduartedesign.com

Living Colour

(CONVIDADO ESPECIAL BLACK PANTERA)
12/10 - TOKIO MARINE HALL
SÃO PAULO - INGRESSOS EM EVENTIM

@TOPLINKMUSIC /TOPLINKMUSICOFICIAL

WWW.TOPLINKMUSIC.COM

Clube de Revistas

ÍNDICE

06 CENÁRIO
16 PORTAL RC
18 JUDAS PRIEST
22 TÝR
24 PLAYLIST
Jyrki 69 (The 69 Eyes)
26 ACCEPT
30 RED DEVIL VORTEX
32 AMARANTHE
34 DEICIDE
38 DORO
40 COLLECTION
Enthroned
42 HIDDEN TRACKS
Obtained Enslavement
44 SEBASTIAN BACH
48 RELEASES
51 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Death - Leprosy
53 ROCK AVERAGE
Bon Jovi - Slippery When Wet
58 SCOTT STAPP
60 BLIND EAR
Fabiano Negri
62 REVOLUTION SAINTS
64 JINJER
68 RHAPSODY OF FIRE
70 BACKGROUND
Nightwish (Parte final)
74 CLASSICREW
The Beatles, Queen, Mötley Crüe e Angra
76 ETERNAL IDOLS
CJ Snare (Firehouse)
78 LUCIFER
80 GESTOS
80 PROFILE
Alan Souza (Inventtor)
82 STAY HEAVY REPORT
Homenagem - Vinicius Neves

FOTOS:
Judas Priest: Travis Shinn
Accept: Isabela Lopes

BEHIND THE STAGE

SER INFLUENTE...

Ninguém fica indiferente ao Judas Priest, pioneiro que ajudou a moldar, definir e redefinir o heavy metal. Os Metal Gods atualmente promovem *Invincible Shield*, décimo nono trabalho de estúdio e foco da entrevista de capa com Rob Halford. Por falar nisso, o Metal God também é influente por sua capacidade vocal, pelo visual e estilo, com elementos de couro, jeans e tachas, que se tornaram associados ao metal e influenciaram a estética do gênero. Além disso, a história de vida de Halford o fez se tornar um ícone da diversidade e da luta pelos direitos LGBTQIA+, contribuindo para aumentar a visibilidade e aceitação da comunidade LGBTQIA+ no meio do rock e do metal.

E aqueles riffs de guitarra icônicos, os solos e os duelos de Glenn Tipton e K.K. Downing? Bem, *Invincible Shield* traz Tipton, Richie Faulkner e Andy Sneap recriando a fórmula que definiu o heavy metal. Se o novo trabalho algum dia irá figurar na lista dos preferidos dos fãs, saberemos daqui a algum tempo. Sim, porque o Judas Priest manteve sua relevância e segue batalhando pelo metal, seja lançando discos ou realizando turnês.

Esta edição ainda traz Accept, outra lenda do metal que recentemente passou pelo Brasil e tem sua história ligada ao Priest. Além destas, a ed. 280 traz entrevistas com Sebastian Bach, Týr, Amaranthe, Deicide, Doro, Scott Stapp, Revolution Saints, Jinjer, Rhapsody of Fire, Red Devil Vortex e Lucifer. Das seções, destaque para o Playlist com Jyrki 69, vocalista do The 69 Eyes, que foi uma das atrações do festival Summer Breeze Open Air Brasil, realizado entre os dias 26 e 28 de abril. Por sinal, os pôsteres desta edição são também de bandas que tocaram no evento, que volta nos dias 3 e 4 de maio de 2025 – e desta vez terá um warm-up em 2 de maio.

Outro momento marcante desta edição e que traz grandes lembranças é o retorno, em caráter especial, da seção Stay Heavy Report. Desta vez para homenagear o saudoso amigo Vinicius Neves, falecido aos 45 anos de idade vítima de câncer de pâncreas. Em seu último show com o About2Crash, o tema de sua festa era a celebração da vida. Vinicius, que foi homenageado pelo About2Crash no Summer Breeze, também será lembrado por sua luta e resiliência.

Entre as seções, Fabiano Negri no Blind Ear e CJ Snare (Firehouse) no Eternal Idols, enquanto o Hidden Tracks vem com Obtained Enslavement e o Collection pega pesado com o Enthroned, assim como o Front Cover com a capa de *Leprosy*, do Death. Divirta-se.

Ricardo Batalha

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 280
MAI-JUN/2024
ANO 26

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Daniel Agapito, Écio Souza Diniz, Gustavo Maiato, Heverton Souza, Ivanei Salgado, Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Thiago Prata e Valtemir Amler

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Thiago Prata e Joe Daly

FOTÓGRAFOS
André Simões dos Santos, Belmilson dos Santos, Elvis Rafael Andrade, Leonardo Palma Benaci e Roberto Sant'Anna

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

O GOVERNO DE GOIÁS, POR MEIO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, APRESENTA

CHRONOS - THE TOUR

A PRIMEIRA DO METAL MUNDIAL COM ORQUESTRA

21/06/24 - GOIÂNIA - TEATRO MADRE E. GARRIDO
22/06/24 - BRASÍLIA - TEATRO ROYAL TULIP
25/06/24 - CURITIBA - TEATRO UP EXPERIENCE
27/06/24 - RIO DE JANEIRO - TEATRO DOS 4
28/06/24 - SÃO PAULO - TEATRO GAMARO

INGRESSOS: Sympla DiskIngressos

PATROCÍNIO: HARMONIA MUSICAL, CLÍNICA BONIFÁCIO

APOIO FINANCEIRO: PROGRAMA GOYAZES, SECULT Secretaria de Estado de Cultura, GOVERNO DE GOIÁS O ESTADO QUE DÁ CERTO

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

SIEGRID INGRID

REVIGORADO E MAIS BRUTAL DO QUE ANTES

Um hiato de 24 anos separa o álbum mais clássico da Siegrid Ingrid, *The Corpse Falls* (1999), do atual *Back from Hell* (2023). Contudo, este período não foi capaz de desmembrar a banda que retorna à cena com 90% daquela formação, pois M. Punk (vocal), Borô e André Gubber (guitarras) e Luiz Berenguer (baixo) agora contam com Romulo 'Minduim' (Victorizer, ex-Tribal Scream), que substituiu Herbert Loureiro, responsável por registrar a bateria em *Back from Hell*. Conversamos com os veteranos M. Punk e Borô, que não escondem a satisfação nesta nova fase e entregam mais informações.

Fotos: Divulgação

Luiz Berenguer, M. Punk, Romulo 'Minduim', Borô e André Gubber: direcionamento mais brutal para o Siegrid Ingrid

Em 2024, o Siegrid Ingrid chega aos 35 anos de história. Para uma banda que testemunhou várias fases do cenário musical, como vocês avaliam a relação atual entre músicos e gravadoras?

M. Punk: Isso mesmo, 35 anos de existência! Apesar de alguns hiatos, a banda nunca deixou de existir para mim, pois sempre soube que voltaríamos à ativa. Testemunhamos várias fases no consumo de música, como fita cassete, vinil – tanto que nosso EP de estreia, *The Choice* (1992), foi lançado nesse formato no mundo inteiro – CD e agora streaming. Nossa relação com as gravadoras sempre foi muito boa, nunca tivemos nenhum problema. Mostrávamos algumas músicas antes de qualquer negociação, e quando era satisfatório para ambos os lados, que mostrasse progresso para a banda, assinávamos tranquilamente. No novo álbum *Back from Hell*, contamos com onze selos parceiros que acreditaram nesse trabalho, mesmo após 24 anos sem lançarmos um álbum, e tudo ocorreu da melhor forma possível.

Borô: A diferença é que hoje a divulgação mudou completamente. Antigamente, contávamos com apoios massivos de zines, revistas e programas de TV. Atualmente, dispomos de inúmeros veículos, sites, canais etc., todos digitais, o que teoricamente deveria facilitar e agilizar o apoio daqueles que realmente apoiam. No entanto, infelizmente, não é assim que funciona.

***Back from Hell* inicia uma nova era para o Siegrid Ingrid. Também traz uma sonoridade distinta ao que se apresentou nos dois álbuns anteriores. Que referências vocês trouxeram para este trabalho mais pomposo e gutural?**

M. Punk: Na ascensão do Siegrid Ingrid, tudo acontecia de forma automática: ensaios, gravação de álbuns e shows. Nesse intervalo, ocorria a evolução musical e pessoal de cada músico. Mesmo ao ouvir bandas antigas dos anos 80, sempre surgem bandas mais recentes com as quais nos identificamos. Em alguns casos, absorvemos essas influências até mesmo inconscientemente. Estamos sempre em constante evolução, mas sem perder a originalidade e as características distintas que são marcas registradas da brutalidade do metal.

De acordo com os comentários no lyric video de *Never Again*, que fez a prévia do lançamento de *Back from Hell*, as pessoas ficaram animadas com o retorno da banda ao estúdio. Como vocês reagiram a esse feedback?

M. Punk: Todos tínhamos certeza de que *Never Again* seria uma excelente escolha para apresentarmos essa nova fase. Os feedbacks foram incríveis, inclusive os fãs mais antigos têm sido extremamente gratificantes, afirmando que a marca registrada do Siegrid Ingrid está lá, intacta e revigorada. Isso não tem preço! Também estamos totalmente satisfeitos com os novos fãs que chegaram agora e já estão curtindo nossos trabalhos anteriores!

Borô: Temos um público fiel que viveu a melhor fase do Siegrid Ingrid e eles sempre estarão conosco, pois sabem o que esperar. O mais importante agora é tentarmos conquistar os fãs mais jovens, pois hoje esses mesmos jovens têm praticamente a mesma idade do tempo em que ficamos em hiato! Temos que correr, pois atualmente existem muito mais bandas do que antigamente e a impaciência das pessoas é grande a ponto de nem saberem que existíamos.

Como surgiu a ideia de chamar alguém para participar nessa música, e como chegaram ao nome de Rohh Krammer (Nephall) para essa tarefa?

M. Punk: Ele possui uma voz incrível e está sempre presente no Dual Noise, o estúdio onde gravei os vocais do novo álbum e onde me sinto muito confortável para gravar. A primeira pessoa que me veio à mente para fazer os backing vocals de *Never Again* foi ele. Tudo o que eu havia imaginado para a música, ele executou brilhantemente. Um vocalista excepcional, prestem atenção nele!

Mayara Puertas (Torture Squad) e Henrique Fogaça (Oitão) foram outros nomes que colaboraram neste lançamento. Como foi a preparação para esses artistas de estilos distintos se sentirem à vontade?

Borô: Tínhamos acabado de fazer um show junto com o Torture Squad, e decidimos convidar Mayara para participar da música *Dead Inside*, que aborda o inadmissível tema da violência contra as mulheres. Ela simplesmente fez um trabalho magistral, que se encaixou perfeitamente com a letra e a música. O Fogaça é um parceiro e amigo pessoal nosso há muitos anos e a faixa *Fuck I Hate You*, que tem uma vibe hardcore com grindcore, era perfeita para ele! Ele aceitou de imediato e gravou os vocais em um dia!

Com o lançamento do videoclipe de *Nojo*, veio novamente a aprovação do público com um número de visualizações até maior do que a do lyric video de *Never Again*. Pode falar um pouco sobre essa produção?

M. Punk: Muitas pessoas conheceram a banda após o lançamento do lyric video de *Never Again*, uma música muito intensa. Com o vídeo de *Nojo*, produzido, filmado e editado por Michel Oliveira, do Sputnik Estúdio, o mesmo produtor de *Back from Hell*, ainda mais pessoas se interessaram pela banda. Isso mostra que acertamos em cheio em todos os aspectos, desde essa produção até o nosso álbum, já que o videoclipe foi lançado alguns dias antes. Optamos por não sobrecarregar o clipe com muitos efeitos, seguindo a filosofia de que menos é mais. O resultado ficou brutal, direto ao ponto!

Vocês estão divulgando *Back from Hell* e o direcionamento mais brutal que a banda adotou foi aprovado pelos fãs. Existe espaço para experimentações?

M. Punk: Adotamos naturalmente uma abordagem mais brutal e pesada. Realmente, voltamos com os dois pés no peito, ainda mais agressivos e intensos! Era como despertar um monstro adormecido por vários anos. Essa nova fase foi muito bem recebida pelo público, tanto pelos fãs antigos quanto pelos mais recentes. Não seguimos nenhuma tendência específica no Siegrid Ingrid, mas consideramos válido explorar experimentações dentro do nosso estilo contundente. Claro que certas combinações não estão nos nossos planos, pois não condizem com a nossa essência (risos).

Leonardo M. Brauna

WEEDEVIL
O RITUAL PROFANO DO STONER FEMININO

Formada em 2019 pelo baterista Flávio Cavichioli, o Weedevil tem se destacado no cenário do stoner doom nacional há um bom tempo, contando com três lançamentos (dois EPs e um álbum completo) e tendo dividido palcos com grandes nomes do estilo, como Asteroid (SUE) e Pesta (BA), também sendo uma das bandas de abertura para o show do Lucifer (SUE) agora em outubro deste ano. Antecipando o lançamento de seu novo trabalho de estúdio, *Profane Smoke Ritual*, conversamos com o fundador da banda.

Cláudio Funari (baixo), Flávio Cavichioli (bateria), Jimmy Olden (guitarra), Poison (vocais) e Henrique Bittencourt (guitarra)

***Profane Smoke Ritual*, o novo álbum, leva o ouvinte em uma profunda jornada por ideias existenciais, tendo como base figuras como Aleister Crowley, Lilith e Baphomet. De onde veio a inspiração para abordar estes temas?**

Flávio Cavichioli: A inspiração para abordar os temas de *Profane Smoke Ritual* surgiu de uma longa jornada pessoal de conexão com o ocultismo e o desconhecido. Essa jornada começou nos anos 80, influenciada pelo Black Sabbath e pelas bandas pioneiras do black metal, como Slayer, Venom, Possessed e Celtic Frost. As figuras de Crowley, alinhadas ao lema 'faz o que tu queres, há de ser tudo da lei', Lilith e Baphomet representam a coragem de desafiar normas estabelecidas e buscar liberdade espiritual. Lilith inspira a exploração da rebeldia e liberdade, enquanto Baphomet simboliza a dualidade humana e a busca pelo equilíbrio.

O line-up da banda foi completamente reformulado para este novo álbum. O que diria que mudou agora? O que a nova vocalista, Poison, agrega ao grupo no geral?

Flávio: A reformulação trouxe uma energia revitalizada e uma dinâmica criativa renovada para o Weedevil. Essa mudança permitiu explorar novas estratégias musicais de maneira mais livre e fluida. Praticamente fizemos o álbum juntos na semana do carnaval deste ano. Com gostos musicais semelhantes, cada um trouxe sua contribuição única. Quanto à Poison, eu já a estava sondando desde a saída da Lorraine na época do *The Return* (2022). Vi pelas redes sociais ela cantando *Children of the Sea*. Seu vocal único carimbou o selo de heavy metal na banda, enriquecendo ainda mais nossa sonoridade e transformando o Weedevil em uma verdadeira banda de heavy/doom.

De acordo com você mesmo, a faixa-título do novo disco 'retrata uma jornada de libertação espiritual através de rituais e experiências com a fumaça da cannabis'. Como a cannabis se conecta com a espiritualidade e o que de fato é o ritual profano da fumaça?

Flávio: *Profane Smoke Ritual* é um convite para transcender as barreiras da mente e a buscar verdade e iluminação no âmago do eu interior. O álbum captura um momento singular da sociedade moderna, na qual ainda existem estigmas e tabus em torno do uso da cannabis, uma tradição ancestral em várias culturas ao redor do mundo. Ao explorar temas de liberdade, transcendência e conexão com o divino por meio do uso da cannabis, o Weedevil convida os ouvintes a questionar e redefinir suas próprias referências e valores. Dessa forma, o ritual profano da fumaça se torna uma expressão de resistência contra as restrições impostas pela sociedade.

Em relação à sonoridade de *Profane Smoke Ritual*, ela visa 'agregar o peso do heavy metal' à sua essência doom/stoner. Como diria que *Profane*... se diferencia de *The Return* ou *The Death is Coming* (EP, 2021), por exemplo?

Flávio: *Profane Smoke Ritual* busca resgatar a sonoridade pesada e atmosférica do doom, semelhante ao estilo apresentado em *The Death is Coming*, o que representa um retorno às origens da banda. Em contraste, *The Return* adotou uma abordagem mais voltada para o stoner doom, caracterizado por músicas mais longas e experimentais. Portanto, *Profane*... se diferencia desses álbuns anteriores ao incorporar elementos do heavy metal, adicionando uma nova dimensão à essência doom/stoner.

O tópico do uso de substâncias prova ser cada dia mais delicado. Há algum cuidado especial quando abordam este tema, que acaba sendo um dos pilares da banda?

Flávio: É fundamental questionar por que a maconha é proibida, especialmente quando comparada a outras substâncias legalizadas, como álcool e cigarro. A história da proibição da maconha revela uma série de motivos muitas vezes questionáveis, que incluem preconceitos étnicos, interesses econômicos e influências religiosas. É crucial promover um diálogo mais amplo sobre a maconha no Brasil para entender as razões por trás de sua criminalização. Temos que estar abertos para discutir e revisar nossas políticas em relação à maconha, buscando uma abordagem mais justa e baseada em evidências.

Tanto esse álbum quanto o anterior contam com lançamentos internacionais pela D.H.U. Records (HOL) e pela Smolder Brain Records (MEX). Diria que esse já é um sinal da possibilidade de sucesso internacional?

Flávio: Ser lançado por selos internacionais é uma validação do nosso trabalho e uma oportunidade para nos conectar com um público diversificado. Os lançamentos internacionais representam um passo importante para alcançar uma audiência global. Eles nos oferecem uma plataforma mais ampla para compartilhar nossa música e alcançar fãs em diferentes partes do mundo. Por meio do apoio que recebemos em plataformas como o Bandcamp, percebemos o interesse e o engajamento dos fãs de fora, que muitas vezes colaboram para nos apoiar adquirindo nossas músicas, mesmo estando disponíveis em outras plataformas gratuitamente.

Outra possível prova de sucesso é que abrirão para os gigantes do doom metal Lucifer, em outubro. Considera eles como uma influência, dada a importância dos vocais femininos nas duas bandas? O que espera do show?

Flávio: Sim, o Lucifer é definitivamente uma influência para nós, assim como outras bandas com vocais femininos, como Coven, Blood Ceremony, WindHand e Acid King, entre outras. É uma grande honra compartilhar o palco com uma banda que tanto admiramos. Esperamos que o show seja uma experiência poderosa e memorável para todos os envolvidos, e vamos oferecer um ritual cheio de energia.

Além do lançamento do CD, vocês também participaram de um split com a banda mexicana Electric Cult (*Cult of Devil Sounds*, 2023). Como surgiu essa parceria?

Flávio: Ela surgiu através da Bruxa Verde Produções, que tem sido peça fundamental na conexão com outras bandas e selos. Essa colaboração nos proporcionou a oportunidade de lançar o split. Além disso, *Profane Smoke Ritual* será lançado pela Smolder Brains Records, solidificando ainda mais nossa parceria e alcance internacional.

Daniel Agapito

Clube de Revistas

THE HEATHEN SCŸTHE
OS PODERES DA FOICE PAGÃ

Vindo de um futuro assustadoramente próximo, o sexteto The Heathen Scÿthe, que conta com Tato Deluca (vocal), Bruno Luiz e Paulo Roveri (guitarras), Fernando Giovannetti (baixo), Flávio Sallin (teclado) e Marcus Dotta (bateria), visa, por meio de suas músicas e shows, espalhar uma mensagem de cuidado com o meio-ambiente, pautada em antigas religiões pagãs. Confira detalhes do universo intrigante proposto pela banda por meio das palavras de seu vocalista e xamã Da'at, interpretado por Tato Deluca.

André Tedim

Bruno Luiz, Flávio Sallin, Tato Deluca, Marcus Dotta, Paulo Roveri e Fernando Giovanetti são os membros da seita que promete prevenir um grande apocalipse

Vocês interpretam personagens que vêm de um futuro nem tão distante assim (600 anos no futuro), 17 anos após O Apocalipse. O que é este apocalipse?

Tato Deluca: No universo dessa história, o apocalipse é a extinção dos recursos do planeta que forçou a Elite da humanidade a deixar a Terra, deixando para trás apenas as populações que não tinham condições econômicas de pagar pela sua salvação.

Qual sua mensagem para as gerações futuras em relação a evitar este apocalipse?

Tato: Optar sempre pela Natureza acima dos interesses dos grandes oligopólios. A humanidade deve retomar a ligação de respeito e idolatria ao próprio planeta e seus fenômenos naturais. A divinificação da Mãe Terra, por exemplo, é um caminho antigo, que uniu os primeiros povos aos ciclos da Natureza, permitindo que prosperassem perante as demais espécies. A retomada das tradições xamânicas e pagãs é o caminho para a salvação desse mundo.

Cada integrante representa uma pessoa de um dos clãs restantes. Qual a diferença entre os clãs? Poderia falar brevemente de cada um?

Tato: Os clãs se diferenciam de acordo com seu modo de sobrevivência. Temos os Visari, que se incumbiram de guardar o grande cofre de sementes e os bancos de DNA, se preparando para o que estava por vir; temos Ashari, composto pelas mentes mais brilhantes da época, mas que se recusaram a usar recursos extraterrestres enxergando os alienígenas como invasores; os Silavi se isolaram em zonas rurais e foram os primeiros a sentir o impacto da extinção; os Tarkasi eram o exército responsável pela segurança das populações; os Ghenari se tornaram mais ciborgues do que humanos: com o fim dos recursos, muitos tiveram que se livrar de seus implementos; os Isteni faziam parte da Elite, mas não conseguiram chegar aos pontos de extração a tempo de deixar a Terra.

Pelo que entendi, o Heathen Scÿthe é uma seita de intelectuais de cada clã. Qual a dinâmica da Heathen Scÿthe? Como ela foi formada?

Tato: Cada clã sobrevivente enviou um representante para ajudar em uma tentativa de manter a vida no planeta. A iniciativa veio dos Visari, que não tinham como reviver suas espécies na escassez de recursos daquela época. Com isso, foi proposta aos sobreviventes a criação de uma seita que buscasse reverter os efeitos da destruição causada pelos humanos, com cada representante trazendo os conhecimentos de sobrevivência de seus clãs. Juntos, acharam uma maneira de espalhar esta mensagem em tempos atuais.

Descreveria a estética visual da banda como bastante steampunk, meio Mad Max.

Tato: Aliás, os figurinos foram feitos pelo mesmo time que fez 'Mad Max: Estrada da Fúria'. Criamos nesse momento figurinos que poderiam ser costurados a partir de destroços do futuro, que chamamos de Ferro Velho Futurista. Com o tempo, vamos adicionar elementos da tecnologia do futuro aos trajes e por fim vamos trazer elementos das religiões vigentes na época, sincretizadas após o contato com civilizações extraterrestres.

Em relação à sua sonoridade, vocês fazem uma grande mescla, misturando power metal com elementos vindos do metalcore ao metal clássico, criando o metal pagão pós-apocalíptico. Como chegaram nessa mistura?

Tato: Todos da banda cresceram e no passado tiveram bandas de power metal e metal mais tradicional. Nosso guitarrista acabou tendo mais contato com o metal moderno ao formar o Command6, o tecladista, Flavio Sallin, tem influência de diversas vertentes. Quando resolvi criar a banda, passei a ouvir coisas mais modernas e também mais pesadas, buscando me atualizar para poder criar um som atual. Misturando tudo isso com uma temática mais ritualística, pagã e ocultista, conseguimos chegar no nosso som.

O clipe *Welcome (to the Dead)* emula um show, esbanjando em efeitos pirotécnicos e diversos outros aparatos de palco. Como descreveria a experiência ao vivo do The Heathen Scÿthe?

Tato: Estamos trabalhando para levar o ritual presente no EP para a plateia. Certamente teremos uma energia absurda. Não queremos levar a experiência apenas para os sentidos físicos, mas também para o espírito... Queremos que ir a um show nosso se torne uma experiência transformadora para todos os presentes.

O encarte do EP contém instruções passo a passo para um ritual, que ao que tudo indica, realmente funciona. O que pode ser atingido com ele? Tem alguma dica?

Tato: Se for fazer o rito, recomendo que o propósito sempre seja para o autodesenvolvimento, autoconhecimento, abertura de portas... Nunca deseje o mal, pois isso te colocará em uma frequência de energias inferiores e pode te trazer consequências terríveis. O ritual que fazemos e que queremos replicar ao vivo com a plateia é para que as sementes que plantamos deem frutos que possamos colher e usufruir, apenas isso. O ritual segue todo o passo a passo de uma magia cerimonial, que você encontra tanto em grimórios antigos, quanto nos escritos de Crowley e em rituais de bruxaria moderna.

Você não só é o vocalista do Heathen Scÿthe, mas também foi o idealizador por trás do projeto Levante do Metal Nativo, que reuniu bandas que falavam sobre história e cultura do Brasil. Fale um pouco mais sobre o projeto.

Tato: Na realidade, isso veio de conversas que membros dessas bandas já estavam tendo na época. Algumas pessoas ajudaram-nos a nos apresentar. Eu fui apresentando ao Zândhio Aquino, do Arandu Arakuaa, que mistura música indígena com metal. Já era muito amigo do pessoal da Armahda, conheci o pessoal do Tamuya Thrash Tribe, as bandas foram se juntando pelo propósito de misturar metal com nossas raízes brasileiras. A ideia era realmente muito legal, mas infelizmente as bandas têm estágios e ciclos muito diferentes. No fim, fizemos alguns festivais, concedemos muitas entrevistas, um barulho legal, mas a falta de apoio e estrutura para festivais maiores e turnês acabou inviabilizando o projeto para muitas das bandas.

Daniel Agapito

SOUND CITY RECORDS

Valhall Music

NAPALM RECORDS

DELAIN
DARK WATERS
Dark Waters é uma imersão épica em melodias poderosas e atmosferas sombrias, onde cada faixa é um convite para explorar profundezas emocionais e sonoras.

LEGION OF THE DAMNED
POISON CHALICE
Poison Chalice, é um ataque implacável de riffs agressivos e letras sombrias, capturando a essência brutal do thrash metal do Legion of the Damned em sua forma mais pura.

DRAGONFORCE
WARP SPEED WARRIORS
Cinco anos depois, a volta com um novo álbum. Warp Speed Warriors mantém a explosão de velocidade vertiginosa do DragonForce, com solos de guitarra incendiários que elevam o power metal a novas alturas de intensidade e técnica.

VISIONS OF ATLANTIS
PIRATES II - ARMADA
Após Pirates, de 2022, e de A Pirate's Symphony, de 2023, o Visions of Atlantis apresenta Pirates II - Armada, uma jornada épica pelos mares do symphonic metal, repleta de melodias grandiosas e aventuras cativantes.

COBRA SPELL
666

EVERGREY
FROM DARK DISCOVERIES TO HEARTLESS PORTRAITS

LORD OF THE LOST
WEAPONS OF MASS SEDUCTION

POWERWOLF
MISSA CANTORE II

THE GEMS
PHOENIX

VISIONS OF ATLANTIS
PIRATES

Adquira em
www.valhallmusic.com.br

www.jplunadesign.com

Clube de Revistas

DEAD OR A LIE

EXPLORANDO CONCEITOS FILOSÓFICOS

A veterana banda do interior de Araraquara/SP está lançando seu sexto álbum, segundo capítulo de uma trilogia que começou com *Monster* (2020). Desta vez explorando o conceito filosófico da ambivalência, Wiliam Albino (vocal), Matheus Vieira (guitarra) e Carlos Oliveira (guitarra) cercaram-se de convidados para levar a cabo *Ambivalence*. Matheus, criador do conceito que envolve o álbum, e Carlos falaram sobre a obra.

Fotos: Divulgação

Para Matheus Vieira, Wiliam Albino e Carlos Oliveira o importante é fazer acontecer!

Comparando *Monster* com o disco mais recente percebe-se claramente uma melhora geral na qualidade sonora e uma mudança em termos de estilo, já que, ao menos para mim, soa mais pesado, graças aos drives do vocal e ao peso das guitarras. Concordam com isso? Em caso positivo, a que se devem essas mudanças?

Matheus Vieira: Concordo que ele é mais pesado. Acredito que isso muito se deve ao fato das músicas serem mais diretas, com arranjos com menos detalhes de guitarra, principalmente. *Monster* tem várias camadas, *Ambivalence* é mais direto ao ponto, acredito. E tudo isso foi proposital.

O novo disco traz, segundo o material de divulgação, 'uma exploração audaciosa do conceito filosófico de ambivalência, inspirado pelo renomado sociólogo polonês Zygmunt Bauman'. Antes de mais nada, por favor, apresente-nos Zygmunt Bauman.

Matheus: Entre outras leituras, o pensamento do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman na obra 'Modernidade Líquida', de 1999, me chamou muita atenção quando cursava faculdade de Jornalismo. De maneira extremamente resumida, esse livro resume que o indivíduo é o total responsável por moldar a sociedade à sua personalidade. Essas liquidez e volatilidade seriam características de desorganização de todas as esferas de uma vida social, como o amor, a cultura, o trabalho e por aí vai.

Qual é o conceito da ambivalência, no qual as músicas do disco se baseiam?

Matheus: Após o gatilho com 'Modernidade Líquida', Bauman tornou-se uma constante em meus devaneios literários. E, após escrever *Monster*, que passava uma atmosfera atormentadora, um estado de pavor extremo do ser humano, pensei em como continuar essa história. O que viria após um surto? Talvez uma sensação de dúvida? Foi aí que lembrei do conceito de ambivalência do Bauman que outrora havia lido. Assim, cheguei à definição: a ambivalência é o reverso da ordem, um incômodo causado pela multiplicidade presente, pela incerteza. Um sentimento de profundo desconforto com a impossibilidade de regrar. Fiquei contente com essa sequência dramática. Mas ela ainda não acabou.

Uma provocação: não se trata de um tema extremamente árido para se tratar num disco de rock?

Matheus: Talvez ele seja um pouco subjetivo, num primeiro momento, e não tão comum para o metal. Mas, ao explicar o conceito de uma maneira não acadêmica, fica fácil trazê-lo para nossa realidade. Acredito que a sociedade vive um momento existencial, com muitas pessoas revendo conceitos e maneiras de como encarar o mundo. A pandemia fez isso, acredito. Muitos se perderam ou se revelaram ignorantes funcionais. Outros, talvez, partiram para uma autoanálise.

Mais uma vez, Ali Zaher Jr. respondeu por produção, mixagem e masterização, além de a gravação ter acontecido em seu estúdio, Sunrise Music. O curioso é que ele também é baixista do CPM22. Ou seja, ele vem de uma escola totalmente diferente do Dead or a Lie. Como fazer para isso dar certo (como tem dado)?

Matheus: Ali se tornou um membro da banda, praticamente (risos). Sem ele, não tem disco e não abrimos mão disso. O trabalho dele é diferenciado e um dos mais singulares do Brasil. Apesar do CPM 22, cujo novo álbum ele produziu, ter uma sonoridade diferente da nossa, ele é um cara que conhece muito de rock e metal, conhece escolas e, o mais importante, está sempre aberto a ouvir e tirar o que há de melhor numa música, independentemente do estilo. É um cara que também tem uma grande bagagem cultural, o que traz uma sensibilidade extra.

Vocês mantinham uma formação bem diferente, na qual Matheus Vieira e Carlos Oliveira se dividiam entre guitarra e baixo, enquanto William Albino respondia por vocal e bateria. Agora, William aparece apenas como vocalista, Matheus e Carlos respondem somente pelas guitarras e Ali Zaher Jr. (baixo), Daniel Cestari (bateria) e Matheus Botelho (teclado) são convidados. Por que implementaram essas mudanças? Não existe a intenção de fixar uma formação completa?

Carlos Oliveira: Essa mudança não foi bem uma escolha nossa. Wiliam acabou se mudando pra Santa Catarina e a gente que teve que encontrar uma maneira de fazer o disco acontecer. Tivemos uma conversa com o Wiliam e ele concordou com a ideia. Chamamos Júnior, Daniel e Botelho, que além de grandes músicos também são parceiros de longa data. Por enquanto, a gente vai vivendo um dia de cada vez. No próximo disco pode ser que mude tudo de novo. O importante é fazer acontecer.

***Monster* era um EP, *Ambivalence* também é. A música ficou mais urgente, não comportando mais álbuns completos, como antigamente?**

Carlos: A gente sempre teve vontade de fazer um álbum completo. Eu acredito que ainda existe espaço pra isso hoje em dia, mesmo que a relação das pessoas com a música tenha mudado com o tempo. Ainda falta o terceiro disco dessa nossa trilogia, quem sabe a gente não consegue fechar essa história com um disco completo. Quem topa uma campanha de financiamento coletivo?

***Ambivalence* sai em formato físico ou vai ficar apenas nas plataformas de streaming?**

Matheus: Como colecionador de CDs, afirmo, com dor no coração, que não há planos para o lançamento físico. Até fiz algumas cópias artesanais pra mim e para o Carlos, mas não acho justo vender um material assim.

Pelos plays nas plataformas de streaming, como avaliam a performance do disco até aqui?

Matheus: Dentro deste assunto, o que mais nos surpreendeu é que, depois do Brasil, somos bem ouvidos na Suíça e República Tcheca. Queríamos morar nesses países (risos).

Como está a agenda de shows da banda? Seus discos costumam ter shows especiais de lançamento, há algo planejado nesse sentido para *Ambivalence*?

Matheus: Até nosso quarto álbum, *Unholiness* (2016), os lançamentos ocorreram no palco do SESC Araraquara. Infelizmente, em *Monster* não rolou show por conta da pandemia. Agora, com *Ambivalence*, para acontecer algo do tipo, essa oportunidade precisa ser especial em todos os sentidos, pois hoje temos uma logística mais difícil, com o vocalista e baterista morando em outro estado, por exemplo. Pela estrutura das músicas, também precisaríamos de uma guitarra-base e até um tecladista. Em resumo, precisa ser muito bem pensado. E pago... (risos)

Antonio Carlos Monteiro

PSYCHOTIC APES
METAL ALTERNATIVO

A mistura de heavy metal, grunge, hard rock e música regional faz com que o quinteto de Natal/RN Psychotic Apes se defina como metal alternativo. Essa é uma das muitas formas que se pode rotular o quinteto formado por Pablo Rugal (vocal), Ramiro Barros (guitarra e backing vocals), Tadeu Marinho (guitarra), Patrick Sena (baixo) e Rafael Franzon (bateria). Criado em 2019, o grupo trabalhou rápido e já totaliza dois álbuns completos e dois EPs em sua discografia. Preparando-se para soltar o terceiro trabalho, a banda contempla o futuro com otimismo e muitos planos. Ramiro Barros falou sobre a trajetória do quinteto e sobre o que vem por aí.

Psychotic Apes: trabalhando de forma incessante

Vocês lançam mão de uma série de estilos musicais no trabalho, mas dá para encaixar a banda em algum gênero?

Ramiro Barros: Nunca foi fácil rotular o nosso som. Diante da variedade de influências que se manifestam em nossas músicas, prefiro nos descrever como uma banda de metal alternativo. Metal por óbvio e alternativo por ser amplo e genérico o suficiente para abranger toda a gama de estilos que aparecem de alguma forma.

O Psychotic Apes surgiu em 2019, logo em seguida o mundo parou por conta da covid-19. De que forma a pandemia interferiu nos planos?

Ramiro: Iniciamos as composições e as gravações do primeiro álbum ainda em 2019, mas a primeira formação da banda só se completou em março de 2020, há poucos dias do decreto que determinou isolamento social na nossa cidade. Isso impediu que nos reuníssemos para ensaiar, sem falar na total impossibilidade de fazer shows. Focamos, então, em concluir as gravações, investimos numa presença ativa nas redes sociais, fizemos lives acústicas e, entre um relaxamento e outro no lockdown, aproveitamos para filmar os videoclipes de *Inside the Shadow* e *Lovely Dirty Words*.

Vocês lançaram um EP, *Lifetime*, e um videoclipe, *Lighthouse*, com recursos da lei Aldir Blanc. Raramente vemos bandas de rock conseguindo verba através dessas leis de incentivo à cultura. Vocês têm ideia de por que isso acontece? Foi muito complicado conseguir esses recursos?

Ramiro: A Lei Aldir Blanc veio num momento crucial, em que a classe artística passava por muitas dificuldades por causa dos fechamentos durante a pandemia. Eu não tenho os dados, mas é bem evidente que artistas do segmento do rock, e mais ainda do heavy metal, têm muita dificuldade em ser contemplados. Creio que isso reflita o quadro mais amplo de crise de popularidade que o gênero goza no Brasil. Se formos analisar as listas de mais ouvidas do Spotify, veremos uma presença esmagadora de sertanejo, funk e gospel, por exemplo, enquanto o espaço ocupado pelo rock é irrelevante. Penso que tivemos muita sorte em conseguir emplacar esses editais.

O segundo disco, *A New Lifetime*, mesclou o EP *Lifetime* com quatro faixas inéditas. Por que optaram por essa configuração em vez de lançar um disco apenas com material inédito?

Ramiro: Já tínhamos as músicas para o álbum completo quando fomos contemplados pelos recursos da Lei Aldir Blanc. No entanto, o objeto do edital era restrito a um EP com quatro faixas. Os prazos também eram bastante exíguos e o estúdio que escolhemos para gravar e mixar estava trabalhando com vários outros artistas também contemplados. Talvez por isso o resultado da mix não tenha saído exatamente como queríamos. Assim, resolvemos gravar posteriormente as demais músicas e aproveitamos para remixar e remasterizar as faixas do EP, o que resultou em *A New Lifetime*.

A partir de *A New Lifetime*, vocês foram contratados pela Electric Funeral Records. Isso significou que o disco saiu em formato físico ou apenas digital? Você ainda veem sentido em lançamento de discos em formato físico?

Ramiro: A Electric Funeral não trabalha com distribuição física. Esse, inclusive, foi um dos motivos que nos trouxeram para a MS Metal Records. Antes de ser músico, sou fã, e passei minha adolescência, nos anos 90, em lojas de CDs garimpando as novidades. Hoje também coleciono discos de vinil, então sou muito suspeito para falar (risos). Certamente, essa paixão nos fez lançar o LP do nosso primeiro álbum de forma totalmente independente. Mas, tentando ser isento, percebo uma tendência consistente no interesse pelos meios físicos de se consumir música.

O EP *Reinventing the Shadow* saiu em setembro do ano passado e traz releituras de músicas que estão nos discos anteriores. No que elas diferem das versões anteriores? E, novamente, por que soltar um álbum com essas características no lugar de um trabalho de inéditas?

Ramiro: A gente queria celebrar de alguma forma os dois anos de lançamento do primeiro álbum e pensamos em fazer uma versão acústica da faixa *Inside the Shadow*. Mas, nesse meio tempo, acabamos mudando de vocalista e, já que o terceiro álbum ainda ia demorar um pouco, decidimos incluir mais três versões e lançar na forma de EP. Além das acústicas *Inside the Shadow* e *Under the Dusk*, também fizemos versões rítmicas, com inclusão de set de maracatu, nas faixas *The Storm* e *The Shadow Inside*. E aqui vai um spoiler: já filmamos um videoclipe para esta última, que será lançado muito em breve.

Vocês informam que estão se dedicando à produção do terceiro disco. Haverá novidades em termos musicais?

Ramiro: Sim! Estamos com grandes expectativas em relação ao novo álbum, que se chamará *Marakatus*, em referência ao ritmo pernambucano. Decidimos aprofundar as influências rítmicas, além de fazer um álbum mais pesado e direto. As composições estão mais maduras, mais coesas. Outro grande destaque é a performance do novo vocalista, Pablo Rugal, que levou tudo para outro nível. Estamos ansiosos para que vocês vejam o resultado. Ainda não dá para cravar uma data para o lançamento, mas as gravações já estão bem no fim e depois vem a fase de mixagem e masterização. A ideia é que saia ainda em 2024.

Lendo a biografia de vocês, fica claro que obtiveram várias conquistas em sua cidade, Natal. Como fazer para estender isso ao resto do país?

Ramiro: Apesar de toda a tecnologia atual, com os serviços de streaming, YouTube, redes sociais etc., acredito que a maneira mais eficiente para um artista ser conhecido e expandir sua base de público ainda são os shows. Ocorre que o Brasil é um país de dimensões continentais e, para que uma banda tenha condições de excursionar por regiões tão distantes, é necessária uma estrutura de suporte robusta, inacessível a maioria das bandas independentes, pois envolve altíssimos custos e logística. Mas acredito que estamos pavimentando nosso caminho e cada porta que se abre dá acesso a outras tantas.

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

LEFT ARM JACK
PROJETO MULTINACIONAL

Gustavo Aragão é um guitarrista e compositor brasileiro. Dominik Eckert é um vocalista alemão. Como as distâncias hoje em dia foram reduzidas a praticamente nada, não foi difícil ambos entrarem em contato e começarem uma parceria musical. Esse foi o pontapé inicial do Left Arm Jack, projeto que se encaminha para o lançamento de seu primeiro disco e que conta ainda com as participações de João Nogueira (teclado) e dos irmãos Andria (baixo) e Ivan Busic (bateria). Gustavo conversou com a ROADIE CREW e contou a história do Left Arm Jack.

Divulgação

Dominik Eckert e Gustavo Aragão são o núcleo do Left Arm Jack

Um músico brasileiro radicado no Canadá cria uma parceria com um músico alemão. Como se deu o início do Left Arm Jack?

Gustavo Aragão: Eu tive a ideia de criar um projeto com vários vocalistas da cena de hard rock/heavy metal internacional. Aproveitei a pandemia para pôr isso em prática, aplicando para uma subvenção no consulado de artes canadense. Compus e produzi uma musica para cada um destes vocalistas, que sempre escutei durante toda minha vida, como, Ian Perry (Elegy), Roberto Tiranti (Labyrinth), Johnny Gioeli (Hardline, Axel Rudi Pell) e Dominik Eckert (Crises). Todos eles me responderam aceitando participar do projeto, que poderia ser aprovado após seis meses. Durante esse período, Dominik Eckert já me enviou a musica com os vocais gravados. Então, comecei a compor mais músicas e mandar para ele e passamos a produzir muitas músicas juntos. Para mim foi um sonho ouvir minha composições gravadas por um vocalista surpreendente e criativo como ele, além de contar com os irmãos Busic nas gravações finais de bateria e baixo. No fim, a subvenção não foi aprovada e continuei a produzir mais músicas com Dominik por mais três anos, músicas essas que passearam por outros territórios musicais além do rock pesado. Finalmente, em 2023 resolvemos finalizar e lançar as dez primeiras que produzimos juntos, nascendo então o Left Arm Jack.

O nome do projeto foi tirado de um personagem de 'O Iluminado' que aos poucos vai perdendo a sanidade. Qual a relação de um personagem com essa característica com o Left Arm Jack?

Gustavo: Left Arm, neste caso, significa fazer as coisas de maneira diferente, então a imagem principal que queremos passar é Jack, aquela figura estranha que gosta de fazer as coisas de sua maneira única e diferente.

O projeto surgiu em 2020, ou seja, no auge da pandemia. O confinamento em que todos tivemos que entrar foi um motivador? Ou seja, o Left Arm Jack foi mais uma cria da pandemia?

Gustavo: Sim, a pandemia foi um momento de explosão de criatividade para mim, foi o motivador inicial e que me proporcionou parcerias bem inusitadas, como por exemplo ter tido contato com os irmãos Busic através de um grande amigo, João Nogueira, hoje tecladista do Sean Lennon e do Mastodon. O processo de produção das músicas junto com os Busic e Dominik Eckert foi algo muito genuíno e inspirador.

Segundo o material de divulgação, o estilo do Left Arm Jack é uma fusão de diferentes influências musicais, experiências culturais e gostos, misturando rock pesado melódico com elementos de rock orquestral e progressivo. Você consegue colocar isso num dos muitos rótulos em que se divide o rock pesado?

Gustavo: O som do Left Arm Jack passeia entre o heavy rock e em algumas vezes o metal, se formos medir o peso das musicas. As harmonias são bem sombrias e melódicas ao mesmo tempo. Eu uso muito elemento de fantasy music e world music nas composições e na produção. Algumas músicas lembram o espaço, outras lembram a época medieval etc. Eu, particularmente, categorizaria o Left Arm Jack como um projeto de heavy rock progressivo.

Você concorda que, além de todas essas referências, há algo de gothic rock no som de vocês, principalmente nas linhas melódicas?

Gustavo: Com certeza, a voz do Dominik tem um grave bem característico e as linhas melódicas dele são bem melancólicas. Acertou em cheio.

A música do Left Arm Jack tem um grande protagonismo do teclado. Por que essa opção sonora?

Gustavo: Os arranjos de teclado dão uma atmosfera lúdica às músicas, algo indispensável nas nossas composições. Uma das minhas premissas ao compor para a Left Arm Jack é que as músicas não devam ser músicas orientadas por guitarra. A guitarra deve suportar o instrumental e a voz; os riffs devem contar uma história e os solos de guitarra, quando necessário, devem passar o recado de maneira breve.

Como você já comentou, o Left Arm Jack conta com a participação dos irmãos Busic e do tecladista João Nogueira. Por que a escolha recaiu sobre eles?

Gustavo: João é um grande amigo, desde a época em que morávamos em Recife. Sempre gravamos e tocamos juntos antes de sairmos para morar no exterior. Chamei-o para gravar os teclados do projeto em 2020 e foi ele quem me botou em contato com os irmãos Busic.

Vocês dizem que a música do Left Arm Jack é uma mistura de heavy rock melódico com elementos de rock progressivo em uma ambiência cinematográfica. Essa questão da ambiência cinematográfica fica bem evidente ouvindo a musica de vocês. Em função disso, pretendem gravar algum vídeo?

Gustavo: A música *With the Bitterest Smile*, que fará parte do nosso primeiro álbum, intitulado *Home*, já tem todo o footage gravado. As imagens foram feitas em Portugal em 2022 por meu irmão, o cineasta Daniel Aragão. A música tem uma pegada muito medieval e épica, e vários instrumentos folk foram utilizados. Minhas imagens foram gravadas no castelo de Guimarães, as das atrizes nos espigões de Lindoso, lugar muito sombrio no norte de Portugal, e as imagens de Dominik foram feitas na região da Bavária, onde ele mora. Pretendemos finalizar a edição do vídeo após o lançamento do álbum.

O que pode adiantar sobre o álbum que vem aí?

Gustavo: Vamos lançar um terceiro single no mês de julho e o álbum completo com dez músicas final de agosto. Como este é um projeto novo, creio que esta seja uma boa estratégia para apresentar as músicas e o estilo do Left Arm Jack antes do lançamento do álbum.

Você pretende manter o time que gravou os singles nas próximas gravações? Com músicos vivendo em lugares tão diferentes, há alguma possibilidade de fazerem shows?

Gustavo: Sim, os mesmos músicos que gravaram o primeiro álbum, também serão convidados para gravarem as futuras músicas. Com relação a shows, isto é algo que poderá ser realizado em um futuro próximo, com um bom planejamento. Tudo vai depender da repercussão e das oportunidades.

Antonio Carlos Monteiro

LANÇAMENTOS EM CD

WIKIMETAL

Oporto da Música

Álbuns clássicos já disponíveis em novas edições

Acompanhe as redes do Wikimetal para ficar por dentro dos próximos lançamentos – novos álbuns são lançados mensalmente!

TODOS EM EDIÇÃO SLIPCASE!

Já disponíveis nas principais lojas, e online na Wikimetal Store!

wikimetalstore.com.br

(vendas por atacado via oportodamusica.com.br)

Clube de Revistas

DRIVEN BY
MUITO MAIS DO QUE ROCK PESADO

Misturando influências que passam por diversas vertentes do rock pesado, a banda Driven By se caracteriza pela pluralidade que, segundo ela, encoraja cada músico a "colocar sua própria personalidade" na hora de compor. Isso fica claro no EP de estreia, o conceitual *Ourselves*, que, de acordo com a banda, deve ter continuidade no próximo lançamento. Os guitarristas Dane Anzilieiro e Hueller Figueredo falaram sobre isso e muito mais com a ROADIE CREW,

Juliana Nunes

Thiago Moura e Dane Anzilieiro

Vocês são de Rio Claro, interior paulista. Poderiam nos contar em que ano e como foi que a banda nasceu?

Hueller Figueredo: A gente se conhece de longa data pelas bandas aqui do interior paulista. Eu e Wanderson somos amigos desde o ensino médio, nos conhecemos lá em 2007. A banda começou depois que a Burning Machines acabou e a Mind's Eye estava dando uma pausa. Chamei o Wanderson pra rolar um som (que topou logo de cara) e ele convidou Marlon e Dane, que eram batera e guitarrista respectivamente da lendária Horned Owl Valley de Araras (SP). Marcus, o vocalista, já era nosso camarada de altos rolês também e teve uma passagem pela Mind's Eye bem no finzinho. O que juntou a gente foi o fato de sermos muito amigos, frequentar a casa um do outro e já termos tocado muito juntos. Banda é um negócio engraçado, são amigos usando a música como pretexto pra se ver, passar um tempo juntos e se divertir, e com a gente não é diferente.

Uma das primeiras coisas que chamam a atenção no Driven By é o ecletismo: as músicas caminham em várias direções, com variações inclusive dentro da mesma faixa. Nos primeiros dias, vocês chegaram a se reunir e discutir qual caminho musical seguiriam?

Dane Anzilieiro: A Driven By começou como uma proposta que não tinha caminho definido. Não tínhamos intenção de definir um caminho sonoro, até por entendermos que isso poderia, de alguma forma, limitar o processo criativo. Os integrantes têm, de fato, gostos variados e isso foi - e ainda é - encorajado a ser apresentado na hora de compormos. Acreditamos que essa pluralidade seja o que dá, mesmo sem definir, o rumo da Drven By.

Hueller: Isso é algo que a gente realmente faz muita questão. Cada integrante conseguir colocar sua própria personalidade vai muito além de simplesmente abrir espaço pra compor, mas de dar espaço pra ser quem você é, com seus desejos, perspectivas, trajetória de vida enquanto indivíduo e com seus demônios... É isso que dá a tônica de nossos composições e dita o ritmo de cada uma delas.

Confesso que ao ouvir o som de vocês pela primeira vez, a referência que primeiro me veio à mente foi o Sevendust, talvez por conta da variedade musical aliada a um sentimento quase que constante de melancolia. O que podem nos falar sobre esse caráter mais emotivo e denso que a música de vocês evoca?

Dane: Interessante que tenha relacionado nosso som com o Sevendust, pois foi a primeira vez que ouvi essa relação. O que é divertido para nós, pois as pessoas nos trazem diversas referências do que a banda parece para elas. Achamos isso bem legal, pois, além de termos várias referências pessoais nas composições, isso dá um panorama de como nossa música conversa com a vida de cada um que nos ouve. O caráter melancólico das músicas também se dá por conta de nossa própria relação com a vida e com as diversas situações que nos acometem. Gostamos de pensar que a Driven By é um espaço para podermos expressar nossas angústias e frustrações, e, de alguma forma, botar isso tudo pra fora e convidar o ouvinte a olhar para as próprias questões, de poder fluir junto com a banda.

Hueller: Nós somos todos meio estragadinhos da cabeça... (risos). A gente vive num mundo cheio de desgraça, com violência pras todo lado, jornadas de trabalho exaustivas e pouco acesso a prazeres básicos. No fim das contas, somos meros narradores de uma perspectiva que tangencia o ouvinte.

Falando sobre as músicas de vocês, *Masks* é uma que chamou minha atenção, já que ela vai de uma intro meio shoegaze para algo mais post hardcore e então new metal, tudo em uma mesma estrutura musical. Como chegaram nela, e o que ela representa liricamente?

Hueller: Essa foi nossa primeira música. Eu tinha composto essa intro há muito tempo e na época, uns quatro anos atrás, estava ouvindo muito A Perfect Circle e Tool. Resolvi mandar uma gravação pro Wanderson, que acabou curtindo muito e foi dela que a gente começou a botar pra frente a ideia de formar a Driven By. Assim como todas as nossas músicas, ela também nasceu de um certo experimentalismo, de todo mundo tocando e criando junto. A letra aborda bastante a nossa relação contrária a religiões, dogmas, tradições... Por ser a nossa primeira música, eu pelo menos enxergo *Masks* como um tipo de manifesto ideológico da Driven By.

Também gostaria de saber mais sobre a pesada *I've Gone*...

Hueller: Cara, *I've Gone* é o nosso xodó! Essa música explora os cantos mais sombrios da mente humana. Com uma intensidade penetrante, nos conduz através das complexidades de um suicídio psicológico, um ato de autotransformação em que a pessoa escolhe enterrar sua antiga identidade para dar espaço a um novo ser. Que pode ser melhor ou pior que a versão anterior. Desde os primeiros acordes, rola uma atmosfera melancólica que ecoa a tristeza subjacente da temática.

Essas músicas são do EP *Ourselves*, que é temático. Poderiam nos falar um pouco mais sobre o que conecta todos os pontos dele?

Hueller: Sim, é um disco conceitual em duas partes. *Ourselves* é o primeiro capítulo, abordando temas mais pessoais, falando bastante de nós mesmos, de temas cotidianos, músicas que se complementam e mostram toda a nossa verdade. Desde o início, tínhamos o desejo de construir um disco em que os elementos se conectassem como uma obra completa mesmo, desde sonoridade, letras, temas até a arte da capa, mas sem soar pretensioso.

E quanto ao futuro, já existem novas composições sendo trabalhadas?

Hueller: Com certeza! A gente vem trabalhando bastante em novas composições desde o ano passado, ainda estamos arrumando a casa na transição para nova formação da banda e em breve teremos novidades, inclusive a segunda parte do nosso disco pra gente conseguir fechar essa história. Estamos alinhando novos projetos junto com a MS Metal Records e esperamos poder concretizar muito em breve um lançamento físico das duas partes do disco.

Valtemir Amler

DRAKLAND
HISTÓRIA E MITOLOGIA NO DEATH METAL

Criada em Goiás em 2018, a Drakland teve seu início como tantas outras: músicos que começaram tocando em bandas cover e resolveram apostar em material autoral. Logo mitologia e história se tornaram os temas abordados nas letras da banda, que soltou seu primeiro EP em 2020. De lá para cá, Anderson Lima (vocal), Alex Moura (guitarra), André L. Mizurski (guitarra e backing vocals), Alex Thompson (baixo) e Vinícius Oliveira (bateria) vêm se dedicando à gravação de singles e clipes, enquanto preparam o primeiro disco completo, com previsão de lançamento ainda para este ano.

Divulgação

Alex Moura, Alex Thompson, Anderson Lima, Vinícius Oliveira e André L. Mizurski agora planejam o primeiro full

Até onde sabemos, a banda nasceu em 2018. Antes disso, algum de vocês já tinha experiência musical? Como foi a passagem de fãs de música para músicos propriamente ditos?

André L. Mizurski: Então, antes de tudo eu já tinha participado de alguns projetos, dentre eles uma banda cover de Helloween e Iron Maiden, isso com meus 17 anos. Depois disso, toquei também em uma banda de death metal daqui de Goiânia. E o restante do pessoal também já tinha trabalhado com música anteriormente.

Além do aspecto musical, existiam outras conexões entre vocês? Curtiam as mesmas coisas quando se trata de filmes, livros etc.? E o quanto esses outros gostos influenciaram no que seria a Drakland?

André: Eu e o Alex éramos amigos desde moleques, sempre curtimos metal. Cada um tinha suas preferências, mas sempre gostamos desse estilo de som. O resto da galera eu conheci depois, alguns também tinham esse gosto por histórias e mitologia como eu, mas acho que o único viciado em filmes e tudo nesse sentido sou eu mesmo (risos).

Falando nisso, a banda tem sua temática lírica focada no passado, seja pelo aspecto histórico ou mitológico. Esse era um elemento que haviam decidido de antemão? Como a estética musical de vocês acabou tomando esse rumo?

André: Como disse, sempre fui fascinado por mitologia, livros, filmes de batalhas, bruxas, esse tipo de coisa, e isso acabou vindo comigo nas letras e nas composições da banda.

Como é o cenário de Goiás e do Centro-Oeste em geral para uma banda de death metal?

André: A cena é complicada por aqui. Existe um movimento, obviamente, mas há muito pouco espaço para bandas novas como nós, pouca gente dá oportunidade e existe muita panelinha. Mas a gente faz o nosso e é isso, uma hora alguém nos enxerga! (risos)

A primeira mostra de vocês veio ainda em 2018, com *The Witching Hour*. Aquela foi a primeira música que compuseram como Drakland? O que lembra dessa experiência?

André: *The Witching Hour* surgiu do nada. Eu tinha a ideia do projeto e comecei criando riffs e escrevendo letras. Essa foi a primeira que finalizei de que gostei, então foi a primeira apresentada pro pessoal que fui recrutando pra banda.

Ela também recebeu o primeiro vídeo de vocês, que pode ser visto no seu canal no YouTube. O que esse primeiro single e vídeo representaram para vocês, e como foi trabalhar no vídeo?

André: Gravar o videoclipe foi sensacional por ser a primeira experiência. Fomos para o interior de Goiás, no meio do mato, gravar em uns trilhos de trem ativos (risos). Em tempo de morrer ali ainda! (mais risos) E também levamos uma moça que fez o papel da bruxa. Foi muito legal mesmo!

Em 2020, vocês lançaram o EP de estreia, *Guardian of the Dead*, o mais completo trabalho de vocês até o momento. De um primeiro single/vídeo para um EP de seis faixas é um salto, então, como foi o trabalho de composição e arranjo que culminou no EP?

André: As músicas foram compostas por mim e tiveram produção do Vicente Luiz, produtor daqui de Goiás que acabou virando um parceiro meu. Ele deu as dicas para o EP ficar como ficou. Mandei as músicas pra ele e a gente foi acertando os detalhes até as gravações saírem. Os vocais do Anderson nós gravamos separadamente no Fusion Studio e em seguida corri atrás da arte da capa, que foi feita por outro artista daqui de Goiânia mesmo. Com tudo pronto, chegou a hora de divulgar. Tudo foi feito na unha, sem agência nem selo, apenas com a força de vontade de fazer a banda acontecer, o que não é nada fácil.

Das faixas do EP, gostaria que falassem sobre algumas, começando por *Army of Skeletons*. O 'crescendo' do início da canção remete ao Gothenburg Sound, que imagino, seja uma referência de vocês, certo? Que outros elementos buscaram incorporar na trama musical?

André: Sinceramente, não sei o que seria Gothenburg Sound... (N.R.: Gothenburg Sound se caracteriza como death metal melódico). Sobre a música, essa levada sempre foi um estilo de que gostei muito dentro do metal e quis fazer um som nessa linha, essa batida de cabeça mais lenta. Inclusive, nas novas composições temos outra música com esse beat. Sobre a letra, me inspirei no filme 'Uma Noite Alucinante 3', em que aparece um exército de esqueletos

***Guardian of the Dead* é provavelmente a minha favorita até o momento, com um riff simples e cativante. O que podem nos contar sobre essa canção?**

André: Opa, valeu demais! Sobre a letra, eu queria contar uma história de um guerreiro que já morreu, mas que mesmo após sua morte seguiu na batalha sendo o senhor ou guardião dos mortos – no caso, dos guerreiros mortos em batalha como ele. Sobre a música, ela simplesmente vem. Não penso em nada específico na hora de compor, às vezes na velocidade e tal, mas só, ela surge naturalmente. Eu faço o que gostaria de ouvir, às vezes funciona, às vezes não; às vezes a gente subestima a música, como foi o caso dessa. Eu mesmo pensei, como você disse, que era muito simples, mas você não é o primeiro que diz que é uma das preferidas do álbum.

O trabalho mais recente de vocês foi o vídeo para a faixa *Darklands*, que também integra o EP. Além dele, estão trabalhando em novas composições, algo inédito que devemos ouvir em breve? Como estão os trabalhos nesse sentido?

André: Sim, nosso último lançamento foi o clipe de Darklands, e antes dele soltamos o single *God of the Thunder Flames*. Agora vamos gravar mais dois singles, *Path of Thor* e *Around the Fire*, que são músicas que já tocamos ao vivo mas ainda não foram gravadas. Na sequência, nossos planos são gravar um álbum completo. Já temos sete músicas prontas e nosso objetivo é lançar esse disco e até o final do ano gravar mais um videoclipe.

Valtemir Amler

Clube de Revistas

PORTAL ROADIE CREW DESTAQUES ONLINE

ENTREVISTA
MISERY INDEX
Traição, discórdia e retaliação

Fotos: Divulgação

No início dos anos 2000, Kevin Talley (bateria), Sparky Voyles (guitarra), Bruce Greig (guitarra, falecido em 2022) e Jason Netherton (baixo e vocal) resolveram sair do Dying Fetus e começar sua própria banda, dando assim início ao Misery Index. Com o passar dos anos a banda passou por transformações de formação, atingindo seu melhor momento na composição com a chegada do guitarrista Mark Kloeppel, um antigo fã que elevou a música de seus ídolos a outro patamar. O repórter Valtemir Amler conversou com Kloeppel, que até deu conselhos para um guitarrista de death metal que está começando a compor: "(...) O que você realmente deveria fazer é largar a guitarra e simplesmente imaginar melodias, imaginar ritmos e aí sim você pega a guitarra e tenta traduzir a ideia que teve para a linguagem do instrumento. A guitarra deve entrar no final do processo."

ANÁLISE
STEEL PANTHER
Sempre festejando

Gustavo Maiato conversou com o baterista Stix Zadinia sobre as influências por trás de *On the Prowl*, novo álbum do Steel Panther, e também sobre o lado empresarial e a postura da banda, a participação de Dweezil Zappa e a cena hard. "Tem muita gente que é politicamente correta no mundo, dizendo o que se pode ou não fazer. Nós vamos contra isso. Se quiser ficar bêbado no show, não tem problema. É só não machucar ninguém. Estamos aqui nesse mundo por pouco tempo, é melhor festejar enquanto dá. Queremos que os fãs venham ao show e tenham ótimos momentos", declarou.

MEMÓRIA
RC #159

"Sempre gostei de ideia de produzir e consegui isso com o álbum de estreia do Tank. Por outro lado, nunca foi minha intenção produzir *Iron Fist*", Eddie Clarke, saudoso guitarrista (Motörhead, Fastway).

YOUTUBE
ONLINE FESTIVAL
EDIÇÃO 50

Fotos: Divulgação

O Roadie Crew - Online Festival, realizado em parceria com a produtora Som do Darma, chegou à marca de 50 edições. O evento tem a missão de celebrar e promover bandas brasileiras e fortalecer a cena nacional.

ASSINATURAS
E números atrasados

Para números atrasados ou fazer a assinatura para receber a ROADIE CREW em casa, acesse: www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo whatsapp: (11) 96380-2917.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Diretor/Editor)
August Burns Red - *Guardians*
Atreyu - *The Beautiful Dark of Life*
Orbit Culture - *Descent*

Leandro de Oliveira (Diretor de arte)
Kerry King - *From Hell I Rise*
Magnum - *Here Comes the Rain*
Infected Rain - *Time*

Valtemir Amler (Colaborador)
Limbonic Art - *The Ultimate Death Worship*
Dødheimsgard - *Black Medium Current*
Whoredom Rife - *Winds Of Wrath*

Marcelo Castesani (Leitor)
Avantasia - *Moonglow*
Mastodon - *Hushed and Grim*
Opeth - *Sorceress*

Luis Evandro Cavalheiro (Leitor)
Eunuchs - *Harbour Century*
Pink Floyd - *The Dark Side of the Moon*
Moonspell - *1755*

Ary César Luz (Leitor)
Van Halen - *F.U.C.K.*
Marillion - *Clutching at Straws*
Iron Maiden - *Somewhere In Time*

OUTONO MUSIC

APRESENTA:

MARKETING-PR

Hoffman & O'Brian
marketing artístico e entretenimento

DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS

Spotify deezer YouTube Music

@PRESSIVE

Clube de Revistas

Divulgação

Richie Faulkner e Rob Halford

ETERNA RELEVÂNCIA

Judas Priest

Lançando novo disco com sua banda, Rob Halford fala sobre momentos marcantes de sua carreira e exalta Invincible Shield

Por Joe Daly

Icônico vocalista do Judas Priest, Rob Halford olha através das lentes escuras de seus óculos escuros, a cabeça adornada por um quepe de couro. Ele está com seu casaco de motociclista, luvas com os dedos cortados e cravejadas de tachas. Aí tudo muda: ele pega um filhote de gato para posar para as fotos com ele no colo. "Eu adoro todas as criaturas", diz ele, conhecido amigo e defensor dos gatos. "Os animais estão aqui desde antes de a gente pisar na Terra. E são parte importantíssima das nossas vidas. Não importa se você é dono de um cachorro, um gato, um lagarto ou uma cobra. Você desenvolve uma grande conexão com eles." Ele continua: "Eles são companheiros, são empáticos." E conclui: "Principalmente quando acontece algo desafiador na sua vida, como um luto, eles te aconchegam e te consolam. É um momento muito profundo." E Halford está num momento único de sua vida. Sóbrio há quase quarenta anos, tranquilo em relação à sua sexualidade e, aos 72 anos, cantando como nunca à frente do Judas Priest. Nesta entrevista, ele fala sobre sua vida e sobre o mais novo álbum do Judas, *Invincible Shield*, lançado 50 anos após o debut, *Rocka Rolla*.

Mesmo morando há décadas nos EUA, você não perdeu seu sotaque britânico.

Rob Halford: Quem eu sou como pessoa nunca mudou! Nós nos chamamos de 'yam yams' (N.T.: modo informal como são chamados os nascidos na região inglesa de Black Country, origem de Halford). Isso me define como alguém que veio de West Midlands ou Black Country. Mas isso não me coloca numa espécie de pedestal! Somos todos iguais, apenas fazemos diferentes tipos de trabalho. O que acontece é que eu sou vocalista de uma banda de heavy metal, mas o fato de sermos quem somos ou termos conquistado o que conquistamos se torna irrelevante nesse contexto.

E qual sua relação com Phoenix (no Arizona, onde divide residência desde os anos 80 com Walsall, na Inglaterra, cidade em que nasceu)?

Rob: Bem, todo mundo tem um lugar favorito no mundo, não é verdade? É como se fosse um lugar para passar férias, você sempre acaba voltando para aquele lugar porque ele tem um significado especial pra você. É o que acontece comigo em relação à Phoenix.

Por sua importância no cenário do heavy metal, imagino que deve ser comum bandas pedirem conselhos a você em relação às suas carreiras. O que você costuma dizer nesses casos?

Rob: Eu sempre digo para que eles se lembrem de amar uns aos outros, conversar entre si, abraçar seus parceiros de banda. Toda banda é um verdadeiro furacão emocional, é um processo bastante complicado manter aquilo tudo funcionando direito. No nível musical, tudo tem que funcionar muito bem, mas você tem que estar atento a todos os aspectos extra musicais que envolvem isso. E é por isso que eu sempre digo, em meus momentos de sabedoria do metal de Gandalf (risos): conversem uns com os outros. Não importa o que esteja em sua mente, apenas diga. O desenvolvimento do seu relacionamento com as pessoas da banda é provavelmente mais importante do que o seu relacionamento com a música.

Ao longo de sua história, você lidou com algumas questões de saúde, como sua dependência de álcool e drogas, da qual se livrou em 1986, e um câncer de próstata, que você tratou em 2020 e foi declarado curado um ano depois. Como lidou com esses problemas?

Rob: Antigamente, quando eu me deparava com esse tipo de problema, principalmente antes de 'sair do armário', eu simplesmente ficava louco! Porque, além de me fazer sentir melhor, diminuía a dor que eu sentia. Então, em vez de lidar de frente com uma notícia como 'você tem câncer', eu cheirava algumas carreiras e estava tudo certo. Só que agora mudou tudo. Tenho serenidade para lidar com qualquer

coisa que a vida me apresente. É uma coisa linda, né? Eu diria que é uma bênção.

Outro grande desafio que você enfrentou foi em relação à sua sexualidade. Como foi decidir falar a respeito naquela entrevista à MTV em 1998?

Rob: Quando dei aquela declaração à MTV, sinceramente não me dei conta do quão importante isso seria. Aquilo aconteceu antes da internet, então a informação se disseminou a passo de tartaruga. Veja o que aconteceu quando (a cantora) Billie Ellish se declarou bissexual em 2023. O mundo pegou fogo por 48 horas e em seguida seguiu em frente. No meu caso, foi um processo demorado e só depois de um tempo eu me dei conta do que tinha acontecido. Pensei: 'Muito bem, o que acontece depois disso?' Hoje não tenho dúvida de que me tornei uma pessoa melhor porque pude derrubar todas as barreiras que tinha criado ao meu redor para me proteger – e principalmente para proteger a banda. Se eu estivesse no Judas naquela época (N.T.: ele ficou fora do grupo de 1992 a 2003) e ainda não tivesse assumido, será que eu teria feito esse anúncio? A vida apresenta umas coisas lindas a você e que às vezes estão fora do seu alcance. Essa foi com certeza a melhor oportunidade para eu declarar quem eu sou.

E em 2022, o Judas Priest foi finalmente aceito no Rock and Roll Hall of Fame e você teve oportunidade de se apresentar ao lado de Dolly Parton (N.T.: a veterana cantora country americana é conhecida defensora da causa LGTBQIA+).

Rob: Olha, de alguma forma, até instintivamente, eu sabia que iria conhecê-la. Sempre conto a história da avó da minha mãe, que era clarividente, e acredito que eu tenha herdado um pouco disso, porque algo dentro de mim falou: 'Você vai conhecer Dolly Parton em alguns dias.' Logo mais, chegaram alguns e-mails no nosso escritório e Dolly entrou em contato comigo. Aí, ela me perguntou: 'Você concordaria em cantar *Jolene* comigo?' (N.T.: lançado em 1973, *Jolene* é o single de maior sucesso da carreira da cantora). E eu, sendo um cara gay, já fiquei pensando: 'Não tenho nada apropriado para vestir!' (risos) Mas eu sei que ela gosta de brilhar e eu também gosto de brilhar, então o que usei naquela noite foi mais do que apropriado.

E como foi seu contato com ela?

Rob: Quando nos conhecemos no ensaio, tivemos uma conexão imediata. Ela logo disse: 'Eu amo sua barba!' e começou a acariciá-la. Foi surreal! Eu estava diante daquela lenda viva e ela estava mexendo na minha barba! (risos) Em seguida, ela disse: 'Então você vai cantar *Jolene* comigo!' Eu me senti como se estivesse flutuando.

E no ano passado, você participou da faixa *Bygones*, do disco de rock de Dolly *Rockstar* (N.T.: o disco conta com inúmeros convidados do mundo do rock, como Steven Tyler, Nikki Sixx, Peter Frampton, Joan Jett, Paul McCartney e Ringo Star). Imagino que deva ter sido uma honra para você.

Rob: A gente conversou por telefone e ela ficava repetindo (imita o sotaque do sul dos EUA): 'Mande o arquivo com a música!' Então eu mandei e ela ligou de novo: 'Eu amei! A música vai ficar ótima!' Esse foi o recado que Dolly Parton deixou na minha secretária eletrônica! (risos) Ela é essa pessoa iluminada. Talvez eu falando assim para você não dê para perceber o quanto isso é importante para mim

HALFORD COMENTA AS FAIXAS DE
INVINCIBLE SHIELD

PANIC ATTACK: "*Panic Attack* lança um olhar para a internet e para a maneira como tendemos a prestar mais atenção para as formas mais sombrias e ameaçadoras daquilo para que ela pode ser usada."

THE SERPENT AND THE KING: "A serpente é o diabo e o rei é deus. Eles estão travando uma batalha e você luz, esperança e glória, e também vê fogo, morte e destruição. Cara, isso é muito heavy metal!"

INVINCIBLE SHIELD: "Essa é uma declaração sobre esta banda sendo o escudo invencível do heavy metal – e também sobre o que nós sentimos sendo uma banda. Também é um 'muito obrigado!' aos fãs, porque cada um deles segura um escudo invencível."

DEVIL IN DISGUISE: "Às vezes, alguém se apresenta a você de uma forma, mas você consegue ver um outro lado de sua personalidade que ele está tentando esconder. É o demônio disfarçado."

GATES OF HELL: "Essa música é sensacional! Eu simplesmente adoro a ideia do Judas Priest roncando através dos portais do inferno montado em Harley-Davidsons."

CROWN OF HORNS: "Já essa é uma faixa mais reflexiva. Ela fala sobre suportar sua dor e sua responsabilidade, e tudo o que isso implica."

AS GOD IS MY WITNESS: "Aqui a gente fala de autoconfiança. É sobre você saber se defender, acreditar naquilo que é capaz de fazer e obter sucesso."

TRIAL BY FIRE: "No mundo atual, o público pode ser o juiz, o júri e o executor. Então, você tem sempre que se colocar numa situação em que respeite o seu valor e lute por seus objetivos a cada passo que der. Por conta disso, a vida às vezes pode se transformar numa verdadeira prova de fogo."

ESCAPE FROM REALITY: ""Já esta faixa é sobre se perder no heavy metal. Apenas flutue e se deixe levar para aquele lugar onde só o metal pode te levar."

SONS OF THUNDER: "Aqui nós revisitamos *Hell Bent for Leather* (N.T.: faixa do disco *Killing Machine*, de 1979). Estamos rolando como um trovão, sendo imparáveis e cultivando a camaradagem. Na minha mente, vejo milhões de headbangers em motos roncando pelo deserto."

GIANTS IN THE SKY: "O rádio é uma forma de comunicação importantíssima – você sempre ouve, não importa se esteja no carro, em casa, na hora do almoço no trabalho ou no intervalo na escola. Você ouve o rádio e escuta aqueles gigantes que estão no céu. Esses gigantes são Dio e Lemmy, pelo menos é assim que eu visualizo isso. Agora mesmo eles estão lá no céu."

INVINCIBLE SHIELD
Sony - Nac.

Clube de Revistas

enquanto músico, mas foi uma oportunidade única na vida poder trabalhar com alguém tão incrível.

E outra oportunidade única que você teve ano passado aconteceu no dia 7 de outubro, quando o Judas participou do festival Power Trip, na Califórnia, ao lado de Metallica, Iron Maiden, Guns N'Roses, AC/DC e Tool – Ozzy estava escalado, mas não pôde comparecer por razões de saúde. Foram mais de 200 mil espectadores em três dias e o Judas Priest recebeu muitos elogios, superando até o AC/DC.

Rob: A gente tinha que estar lá. Todos os nossos amigos iriam tocar, incluindo Ozzy, e eu pensei: 'Cara, isso vai ser ótimo! Vai ser uma linda mistura de rock e metal.' Foi algo único poder reunir tantas bandas importantes num mesmo evento. A única coisa a lamentar, como você disse, foi a ausência de Ozzy. Mas eu ainda recebi uma ligação dele dizendo que se estivesse lá ia fazer questão de assistir ao nosso show.

Um momento marcante desse show foi quando vocês chamaram Glenn Tipton para tocar. A plateia veio abaixo! (N.T.: Tipton foi diagnosticado com doença de Parkinson em 2008 e dez anos depois anunciou que estava se aposentando dos palcos por não conseguir mais tocar as músicas com um nível maior de complexidade; a partir de então, passou a fazer apenas participações nos shows do Judas)

Rob: Foi incrível quando ele entrou no palco e galera passou a gritar o nome dele! Glenn é um verdadeiro herói e recebeu todo o amor e respeito que ele merece. Ele é um dos maiores guitarristas de heavy metal que já existiu. Não existe outro guitarrista como Glenn Tipton! E foi um momento muito especial para ele. Foi como o encerramento de um ciclo – e eu falo isso com dor no coração. Está ficando a cada dia mais difícil para ele. E o esforço que ele tem feito para conseguir tocar é algo muito bonito. Mas, mesmo tendo dito isso, não duvido nada que no próximo show que fizermos na Inglaterra ele pegue seu carro e dirija até o local do show, toque com a gente e depois dirija de volta pra casa! (risos)

"ELE É UM DOS MAIORES GUITARRISTAS DE HEAVY METAL QUE JÁ EXISTIU. NÃO EXISTE OUTRO GUITARRISTA COMO GLENN TIPTON!"

Você e Ian (Hill, baixista) estão com 72 anos, Glenn já está com 76. Nesse sentido, qual o significado de *Invincible Shield*?

Rob: É a continuação natural da nossa carreira. É isso que sempre fizemos e *Invincible Shield* é mais uma sólida representação do que essa banda é capaz de entregar. Nós continuamos seguindo em frente e ainda temos determinação total para continuar.

Concorda que em *Invincible Shield* vocês mantiveram a essência do passado e misturaram isso com uma produção moderna? Ou seja, continuam fieis ao modelo de composição que vêm usando por décadas?

Rob: Olha, quando eu, Glenn e Richie entramos no estúdio, como o Judas sempre fez, com dois guitarristas e um vocalista, a mágica do metal acontece. Toda a energia, toda a exuberância permanecem ali naquelas sessões de composição.

E Glenn continua contribuindo nas composições.

Rob: Ele permanece sendo um colaborador importantíssimo em tudo que a banda faz. E isso inclui seu trabalho como compositor e guitarrista em *Invincible Shield*. É Glenn tocando lá. Pode ser só um acorde, um riff ou um pequeno solo, Glenn está em *Invincible Shield*. Isso é algo que precisa ser dito. Seu valor e sua importância não diminuíram em nada. Ele é tão importante para o Judas Priest como sempre foi.

De onde surgiu esse título para o disco?

Rob: Em um determinado momento durante o processo de composição, eu me dei conta de que era parte de um escudo invencível (N.T.: tradução para 'invincible shield'). O Judas é um escudo invencível.

Divulgação

Richie Faulkner, Glenn Tipton e Ian Hill

O heavy metal é um escudo invencível. Nossos fãs criaram um escudo invencível. Inicialmente, um escudo protege você. Mas ele também faz você seguir adiante. É um grande objeto. Aí você coloca a palavra 'invencível' ao lado e está criado um grande título! Eu apresentei a ideia para os caras e eles disseram: 'É isso, é assim que o disco vai se chamar!'

Vocês novamente trabalharam com Andy Sneap, que assinou a produção e também gravou várias partes de guitarra, auxiliando Glenn.

Rob: Andy é uma bênção nas nossas vidas. Quando Glenn disse que iria parar de se apresentar e queria que Andy o substituísse nos shows foi um momento muito tocante. E Andy reúne totais condições de reproduzir as partes de Glenn com muita competência.

O disco abre com uma trinca de músicas muito poderosa, com *Panic Attack*, *The Serpent and the King* e a faixa-título.

Rob: Acho que toda banda sabe que seus fãs anseiam por material novo e você tem que ser forte e determinado na hora de compor essas músicas. E, nesse sentido, nós pensamos muito nessas três faixas. No final da terceira, seu fã tem que estar conquistado. E eu acho que eles falar: 'Vocês conseguiram de novo. Estamos nessa!'

Além de estarmos falando sobre um novo disco do Judas Priest, 2024 marca os cinquenta anos do lançamento do seu disco de estreia, *Rocka Rolla*. O que isso significa para você?

Rob: Dia desses, estava ouvindo *Rocka Rolla* novamente e acabei me dando conta de alguns detalhes bem interessantes sobre ele. O tempo e o fraseado de *One for the Road*, por exemplo, são tão diferentes, tão peculiares. Aquilo nunca tinha sido feito antes. E esses pequenos detalhes estavam em *Rocka Rolla* e continuam em *Invincible Shield*.

Você já está com 72 anos e continua trabalhando de modo frenético e com os olhos fixos no futuro. O que move você nesse sentido?

Rob: Uma coisa que eu gosto no mundo da música é que antigamente as pessoas eram colocadas em caixas. E todas delas tinham uma data de validade. O etarismo era muito intenso, a aparência importava muito. Hoje há muito mais respeito pelo que você faz, pela sua aparência. Não importa se você é gay, heterossexual, o que quer que seja. Todos somos criativos e importantes no mundo da música. E nós do Judas ainda somos um bando de crianças! Entramos na van e na hora começamos a zoar uns com os outros. É meio bobo, mas é lindo! (risos)

40 ANOS DE
DEFENDERS OF THE FAITH

Se após o bem sucedido *British Steel* (1980) o Priest tinham dado uma leve amansada em *Point of Entry* (1981), os trabalhos seguintes – *Screaming For Vengeance* (1982) e *Defenders of the Faith* (1984) – serviram para reafirmar sua realeza no heavy metal.

Em *Defenders of the Faith*, que saiu dez anos após a estreia com *Rocka Rolla*, o trabalho desenvolvido por Rob Halford (vocal), Glenn Tipton e K.K. Downing (guitarras), Ian Hill (baixo) e Dave Holland (bateria) ao lado do produtor Tom Allom, tendo Mark Dodson como engenheiro de som, foi muito elogiado.

O título inicial do disco seria *Keep The Faith*, mas depois foi adotado *Defenders of the Faith* porque significava a fé da banda - e de seus seguidores - em relação ao heavy metal. Sim, é tão 'true' que dá inveja até ao Manowar.

Apesar de outros destaques, como *Jawbreaker*, *Rock Hard Ride Free*, *The Sentinel*, *Love Bites*, *Eat Me Alive* e *Some Heads Are Gonna Roll*, a escolhida como primeiro single foi *Freewhell Burning*. Curiosamente, saiu no final de 1983 e trazia uma introdução maior de guitarra. Seu videoclipe era considerado avançado, com a utilização de raios laser em meio às imagens da banda e às de um jovem jogando "Pole Position", game que simulava corridas de Fórmula 1. Anos mais tarde, a música foi licenciada para a trilha do game "Gran Turismo 4" (PlayStation). E por pouco ela não se chamou *Fast and Furious*, título provisório e servia como uma declaração aos que tentavam forçá-los a adotar uma postura mais acessível. "Nós somos heavy metal e não existe como nos deixar de fora dessa margem. Caso contrário, já teríamos parado", dizia Halford. "Nunca olhamos para as paradas de single dizendo: 'Nossa, queremos fazer um hit single', mas seríamos hipócritas de dizer que não gostaríamos. Eu queria muito ver esta banda ter um single no Top 10 dos EUA", acrescentou, como se prevendo que o discurso não funcionaria com *Turbo* (1986).

Simultaneamente à época do lançamento, o Priest seguiu em turnê pelos EUA ao lado do Accept e, na sequência, tocou na Europa e Japão. A única faixa de *Defenders of the Faith* que não foi tocada ao vivo foi *Eat Me Alive*, que tinha o título inicial de *Bad Girls Wear Leather*. O cunho real era sobre sexo sadomasoquista, mas ela acabou sendo considerada pelo PMRC - movimento pró-censura, fundado por Tipper Gore, esposa do ex-senador democrata americano Albert Gore - como a terceira maior música ofensiva de oock. O PMRC dizia que falava sobre violência sexual e estupro e que precisava ser censurada.

Seja como for, *Defenders of the Faith* é um dos preferidos de muitos fãs e acabou conquistando disco de ouro em março de 1984, além de ter obtido a 18ª na Billboard, onde permaneceu por dez meses.

Ricardo Batalha

OS TITÄS DO VIKING METAL VERDADEIRO

Gaui H.

Tadeusz Rieckmann, Heri Joensen, Hans Hammer e Gunnar Thomsen mostram a fúria das Ilhas Faroé em *Battle Ballads*

Mesmo com o novo álbum levando o título de *Battle Ballads*, novas composições não têm relação com hits de "levantar isqueiro" dos anos 80

Por Daniel Agapito

Formado em janeiro de 1998 por nativos das Ilhas Faroe, o Týr tem se tornado referência no viking metal em seus 26 anos de carreira. *Battle Ballads*, nono álbum de estúdio, promete uma sonoridade mais objetiva e direta, mas ainda mantém a essência do grupo formado por Heri Joensen (vocal e guitarra), Hans Hammer (guitarra), Gunnar Thomsen (baixo e vocal) e Tadeusz Rieckmann (bateria). Tivemos a oportunidade de discutir tanto o novo álbum quanto os mais variados tópicos com o fundador Heri Joensen.

Você chegou a comentar que a música clássica cria sons épicos que combinam com o tipo de metal que fazem no Týr. Poderia elaborar mais sobre o processo da orquestração do novo álbum?

Heri Joensen: Quando compomos músicas com a banda, escrevo todas as notas e melodias, então o cara que faz a orquestração já tem todas as partituras. Geralmente, quando fazem orquestração para músicas de metal, aqueles que vão orquestrar têm que fazer suas próprias partituras antes de realmente colocar os elementos orquestrais. As faixas que fazemos já são compostas de maneira bem semelhante à música clássica, então creio que isso agilizou o processo de Lars Winther, encarregado da orquestração do novo álbum. Pedi para que ele fizesse as orquestrações como se realmente estivessem nas músicas, não como se fosse algo que andasse ao lado delas ou fosse sobreposto por cima. As orquestrações foram feitas de maneira digital, com samples. Os sons são reais, mas não são uma orquestra sinfônica verdadeira. Por exemplo, é um violinista verdadeiro, ele só não estava lá na nossa frente no estúdio quando os arquivos foram criados. Trabalhar com o Lars é algo muito tranquilo.

Como diria que a orquestração afetou o produto final?

Heri: Ela faz com que paisagem sonora seja algo maior, mais épica e, em minha opinião, mais bonita. De modo geral, quando começamos a banda, queria que soássemos ao vivo como soávamos em estúdio, mas quando começamos a entrar na parte técnica de gravações e arranjos, descobrimos rapidamente que quando se está em estúdio é possível colocar quantas camadas quiser, mas ao vivo não dá para expandir a banda para ter 25 guitarristas. Naturalmente, o próximo passo foi adicionar sons que não fazem parte do metal convencional. Claro, não fomos nem de perto a primeira banda a pensar em fazer isso. Diria que o Deep Purple foi o primeiro a combinar o hard rock e metal com elementos orquestrais. É algo que funciona muito bem se os aspectos do metal fazem sentido em termos harmônicos e melódicos. Não é o caso de todas as bandas. Para nós, acho que é algo perfeito.

Mesmo o título sendo *Battle Ballads*, vocês abordam baladas da maneira medieval, nada a ver com 'músicas de

levantar isqueiro' dos anos 80, como vocês declararam.

Heri: Digo baladas no sentido da Europa medieval, uma música que contém uma história e que é tão velha que ninguém sabe precisamente quem a compôs ou de onde vem. Por toda nossa carreira, tomamos inspiração de melodias e da mitologia tanto nórdica quanto das Ilhas Faroe. A parte das batalhas se refere mais a uma série de batalhas internas, uma luta com seu próprio 'lado negro'. Agora também entram os elementos orquestrais, temos um novo guitarrista conosco, Hans Hammer, que tem trazido diversas novas ideias, é um pouco diferente também. A filosofia e abordagem básica permanecem. Espero que as pessoas ainda reconheçam o novo álbum como o Týr logo de cara.

Você já chegou a falar que o disco está um tanto épico por conta dos elementos sinfônicos, mas também soa um pouco mais conciso e menos progressivo. O que inspirou esta mudança?

Heri: Francamente, o integrante da banda que foi substituído por Hans Hammer era quem realmente gostava das músicas mais longas, mais progressivas e especialmente dos solos mais longos. Desde a saída dele da banda, não houve a pressão de ter que fazer músicas e solos mais longos. Esse foi o fator primário para essa mudança.

A faixa *Vælkomnir Føroyingar* foi composta em 2016, originalmente para *Hel*. Como diria que o tempo afetou o produto final de *Vælkomnir Føroyingar* até que ela entrasse no *Battle Ballads*?

Heri: Estou tentando fazer esta música funcionar já faz um bom tempo. O processo foi complicado. Quando começamos a trabalhar neste álbum, pensei comigo: 'Preciso terminar essa música, senão é mais fácil jogar a ideia inteira fora.' Eu consegui, mudei muitas coisas de lugar várias vezes. Foi bem difícil fazer o que fiz. Espero que gostem do resultado.

Vocês vêm das Ilhas Faroe, um pequeno território entre a Escócia e a Islândia, onde a cultura é muito forte. Como ela se manifesta em suas músicas? Diria que é grande fonte de inspiração para as letras e temas abordados?

Heri: Diria! Fiquei fascinado com a mitologia nórdica e a história faroense desde criança, que certamente têm inspirado minha música ao longo de minha carreira. É a base para o trabalho de minha vida. Acho que os dois se entrelaçam de uma maneira linda. Fico muito honrado de ser uma das pessoas que está apresentando a cultura das Ilhas Faroe para gringos, mesmo que em um cenário heavy metal.

Como o conhecimento sobre Týr, o deus da guerra na mitologia nórdica, influencia a música e as letras?

Heri: O Týr é mencionado só uma vez neste novo disco, na faixa *Axes*. O guerreiro o louva por conta de conseguir fazer parte da batalha. Fora isso, não temos tantas referências diretas à mitologia nórdica em nossas músicas: há *Hail to the Hammer*, *Hold the Heathen Hammer High* e algumas referências em *Ragnarok* (2006). Minha ideia por trás de dar esse nome à banda foi chamar atenção ao deus e seu autossacrifício com o lobo Fenriz. Usamos o lobo em nossas capas diversas vezes exatamente por isso, por sua conexão com o deus Týr. Essa é a maior conexão. É uma mensagem inspiradora, positiva e uma afirmação de vida que queremos espalhar.

O álbum *Lay of Thrym* (2011) traz a faixa *Shadow of the Swastika*, que ataca a extrema direita por se apropriar de símbolos e imagens pagãs da Europa setentrional pré-cristã. Como abordam a controvérsia por meio dessa música? Já tiveram que responder a acusações de promover ideologias nazistas por conta do uso de símbolos e imagens?

BATTLE BALLADS
Metal Blade Records - Imp.

Heri: Diria que não é um problema, no geral. Ouvimos isso raramente. Compus a música porque estava relativamente bravo com um incidente que havia acontecido na época. Não é um problema que temos que enfrentar. Diria que a cada dia que passa fica mais raro. Quando a lançamos, por volta de 2011, tivemos alguns problemas na Alemanha, na Noruega e talvez na Polônia, se me lembro corretamente. Como disse, não é um problema. Fiquei muito bravo com a maneira como estávamos sendo representados, mas foi algo em uma escala minúscula, por isso fiquei bravo e compus *Shadow of the Swastika*.

Vocês acreditam que é possível separar completamente a música e a arte de suas conotações históricas e políticas? Como vocês equilibram a liberdade artística com a responsabilidade social?

Heri: Boa pergunta. Bem profunda. Após a II Guerra Mundial, os compositores 'solucionaram' esse problema com a música abstrata, que seria impossível de usar para fins de propaganda. Daí veio a 'world music' contemporânea, que é absolutamente horrível, inaudível. Não têm melodia nem harmonia, são só barulhos aleatórios. Você simplesmente tem que se arriscar para fazer algo bonito. Alguém sempre pode chegar e criar uma história completamente diferente, usar suas obras para algo que você nunca quis usá-las. Desde que a música tem letra, posso ter certeza de que não falei nada horrível. Você simplesmente não escreve letras racistas por diversão se não for racista. Tem também o lado da música em si, que vem sem letra e tem um efeito psicológico mais profundo nas pessoas. Pode ser usado de maneira errada, esse risco existe. Em toda oportunidade que tenho, gosto de espalhar a mensagem de que não apoio a extrema direita. Não apoio nenhuma forma de extremismo, na real. Se usarem minhas músicas para dar a entender isso, não estão representando minhas opiniões, não conhecem o espírito da música. Faço música para inspirar e trazer as pessoas para cima mentalmente, para agregar algo bonito ao mundo. Mesmo assim, o risco persiste

Só a título de curiosidade: o que acha do álbum *Tyr*, do Black Sabbath?

Heri: (risos) Eu amo! Meio que roubamos nosso logotipo e nome dali. Foi a primeira vez que vi uma música que realmente era baseada na mitologia viking. Achei isso revolucionário. Reconheço que está longe de ser o melhor álbum deles, a primeira metade é muito boa, já a segunda é menos importante. Mesmo assim, amo o disco, ouvia muito quando era menor. Praticamente baseei nossa identidade nele (risos).

Para fechar, tem algo que gostaria de dizer aos leitores da ROADIE CREW?

Heri: Fico muito grato por toda a atenção que recebemos, por todos que nos ouvem e curtem nosso som. Adoro ouvir quando dizem que têm experiências inspiradoras com nossas músicas e que elas melhoram suas vidas. É algo que realmente me torna humilde. Desejo o melhor para todos e quero ver vocês aí pela estrada mais cedo ou mais tarde.

Clube de Revistas

PLAYLIST

Por Daniel Agapito • Foto: Divulgação/Anabel DFlux

JYRKI 69
THE 69 EYES

▶ **NOME COMPLETO:** Jyrki Pekka Emil Linnankivi
▶ **NASCIMENTO:** 15 de outubro de 1968, em Helsinque (FIN)
▶ **BANDAS QUE INTEGROU:** The 69 Eyes, The 69 Cats e solo

▶ **Lost Boys:** "Essa música está fazendo vinte anos esse ano, junto com *Devils*. Como banda, temos essa tradição de fazer diversas músicas inspiradas em filmes e HQs, de tudo que me interessa. Vi 'Os Garotos Perdidos' ('The Lost Boys') no cinema quando foi lançado e naquela época Guns N'Roses, Mötley Crüe e Billy Idol eram os maiores artistas do mundo. Quando o filme saiu e estava cheio de vampiros rock'n'roll, fiquei bastante desapontado quando não ouvi nada daquele hard rock contemporâneo. Pensei: 'E se viajássemos no tempo e Steve Stevens, Nikki Sixx e Slash tivessem feito a trilha do filme 'The Lost Boys' na época?' Essa é a ideia por trás da música, uma faixa-título imaginária para o filme. É uma faixa mágica e agora é nossa mais famosa. Acho que o The 69 Eyes será lembrado por essa música."
Álbum: Devils (2004)

▶ **Los Angeles:** "Quando o álbum *Angels* foi lançado, tínhamos uma forte influência da cena de rock de Los Angeles, porque quando *Devils* (2004) saiu fizemos uma turnê pelos Estados Unidos e pela América Latina. Amamos Hollywood e posso dizer que Hollywood nos amou de volta. Virou como uma segunda casa para nós. Quando gravamos o disco seguinte, achei que seria uma ideia interessante chamá-lo de *Angels*, em contraste com *Devils*. Como passamos tanto tempo em Hollywood, fomos inspirados a escrever uma música sobre Los Angeles, assim como The Doors e Jim Morrison."
Álbum: Angels (2007)

▶ **Dead Girls Are Easy:** "Pego inspiração de diversas fontes, seja arte, museus, ciência, livros, pessoas, filmes ou viagens. Adoro entrar em livrarias, por exemplo. Nesta turnê americana que fizemos (em abril deste ano), entrei em várias, então em algum momento que estava procurando inspiração para compor, vi essa livraria em Estocolmo (SUE), que só vende livros de ficção científica e terror. Quando entrei lá, fui direto para a seção de terror. Os títulos desses livros servem como ótima fonte de inspiração para músicas, são incríveis. Tinha esse livro de 2007 chamado 'Dead Girls Are Easy' ('Mulheres Mortas São Fáceis', de Terri Garey) e era uma série de livros cômicos de vampiros. A música em si é bem pesada, um hard rock escuro, quase metal. O título coube perfeitamente. Na época, o termo 'dead girls' era usado para descrever a cena gótica/burlesca, então se você traduzir o título ele quer dizer que mulheres góticas sexy são, sabe, fáceis, legais."
Álbum: Back in Blood (2009)

▶ **27 & Done:** "Essa nos leva novamente a Hollywood. Gosto de ir a festas e ficar por lá o máximo possível, então já conheci muitas pessoas de lá. É comum ver diversas pessoas indo para Hollywood em busca de seus sonhos e como só visito de vez em quando, consigo ver bem o que acontece quando tais pessoas não acham seus sonhos em alguns anos. Eles entram em um lado mais escuro da vida. Hollywood é um lugar bastante perigoso e arriscado. Se não conquistar sucesso, você pode trilhar o caminho errado. *27 and Done* é sobre essas pessoas que buscam seus sonhos em Hollywood. Acho que todos querem conseguir fazer algo na vida antes de certa idade, antes dos 30, levando-os ao desespero. Já ouvi pessoas me falarem: "Ah, você já tem 26 e nada aconteceu' e coisas do tipo. Várias lendas do mundo dos filmes e do rock infelizmente morreram com 27 anos, então é como se não atingir o sucesso até essa idade, nada vai acontecer, nem consegue morrer e virar uma lenda. É o meu aviso aos que ficam apenas focando no que os outros têm feito. O título faz referência ao conceito de que se você não se realizou até os 27, acabou para você."
Álbum: West End (2019)

▶ **Drive:** "Não tenho carta de motorista, então sempre que estive dentro de um carro, foi com uma mulher bonita dirigindo. A música é sobre eu estando sentado no carro e uma mulher lindíssima ao volante. Vamos novamente voltar ao exemplo de Los Angeles, que é um ótimo lugar para dirigir. Se não tem o que fazer à noite, pode simplesmente pegar seu carro e sair pela cidade, passando perto do mar. É simplesmente sobre eu estar num carro com uma mulher bonita e falar pra ela: 'Apenas dirija.'"
Álbum: Death of Darkness (2023)

▶ **Dolce Vita:** "*Dolce Vita* é uma referência clara ao clássico 'A Doce Vida', do diretor italiano Federico Fellini. Em muitas das músicas do The 69 Eyes o personagem principal, ou a grande inspiração, é quase sempre uma mulher linda que sabe exatamente o que fazer. Por exemplo, em *Drive* a motorista sabe pra onde ir. *Dolce Vita* é sobre essas meninas que têm uma vida incrível e sabem exatamente o que estão fazendo para chegar ali. Elas festejam bastante."
Álbum: Universal Monsters (2016)

▶ **Crashing High:** "É interessante que mencionou esta, porque me inspirei nas mulheres do jet set (pessoas ricas, geralmente bastante imersas na moda e que vivem viajando o mundo a lazer) de Helsinque daquela época, há vinte ou vinte e cinco anos. Elas têm tudo na vida, podem voar a Nova York ou a Paris com suas roupas da moda, mas sempre parecem não estar completamente contentes. Sempre procuram achar amor e isso não é tão simples assim. *Crashing High* é sobre

isso, ter tudo, mas querer achar amor. O problema do amor é que pode te deixar de coração partido. E quando fica de coração partido, você cai lá do alto: *Crashing High*."
Álbum: Paris Kills (2002)

► **Brandon Lee:** "Eu vi 'O Corvo' no cinema na época e já tinha lido os quadrinhos. Não gostei tanto do filme quando o vi pela primeira vez. Depois, ele acabou sendo lançado em vídeo, quando ainda alugávamos fitas VHS, acabei alugando e assisti em casa. Tendo assistido em casa, ele realmente me inspirou, finalmente tinha entendido! Por conta de conseguir assisti-lo com mais tempo, acabei vendo-o de uma forma diferente. O interessante da versão que havia alugado era que no final vinha um documentário com o making of do filme, com algumas entrevistas com Brandon Lee que devem estar disponíveis no YouTube. As entrevistas eram realmente muito bonitas, Brandon explicava sua filosofia de vida e o fato de que as pessoas não prestam muita atenção em muitas coisas belas. Podemos tomar como exemplo o nascer e o pôr do sol, acontecem todo dia e são absolutamente lindos, mas não temos tempo de apreciar esses fenômenos naturais, talvez nunca tenhamos. As pessoas deveriam entender que a vida, com tudo que ela nos oferece, é linda, mas estamos sempre caçando algo que seja importante para nós, esquecendo do belo lugar onde vivemos. Aquela entrevista com Brandon Lee mexeu muito comigo e foi dali que tirei a inspiração. Acho que acabou sendo a oitava faixa do álbum. Quando você grava um álbum, você coloca as músicas que acha que serão mais populares no começo. Nossa gravadora, a Roadrunner, ouviu *Brandon Lee* e nos disse que seria um hit. Ficamos surpresos com isso na época, mas até hoje segue sendo uma das músicas mais famosas da banda."
Álbum: Blessed Be (2000)

► **I'm Ready:** "*I'm Ready* é uma música legal! Nos álbuns do 69 Eyes, sempre há faixas que são puramente rock'n'roll e outras que são mais densas, mais melancólicas, pode-se dizer. Mesmo decidindo deixar algo mais gótico ou deixar algo mais melancólico e denso, as faixas rock'n'roll sempre aparecem – porque o rock'n'roll é muito divertido e os riffs são legais. Essa é uma das músicas super divertidas. Ela foi gravada na Suécia, então conseguimos um vocalista incrível de R&B para cantar comigo no refrão para dar um pouco mais de poder."
Álbum: X (2012)

► **Ghettoway Car:** "É outro rock'n'roll. Fico feliz que tenha a mencionado, muitos têm pedido para tocarmos ela nessa nossa turnê americana. É um trocadilho, um 'getaway car' é um carro de fuga, mas escrevemos *Ghettoway Car*. Eu a compus nos anos 90, então ela é sobre as coisas na época, sobre como as pessoas queriam escapar para uma vida melhor. *Ghettoway Car* seria a escapatória deles. Seria a outra alternativa dada a eles. Mesmo assim, é uma música divertida, com uma sonoridade de rock nova-iorquino acima de tudo."
Álbum: Savage Garden (1995)

Clube de Revistas

Christoph Vohler

Martin Motnik, Christopher Williams, Mark Tornillo, Uwe Lulis e Wolf Hoffmann: seguindo em frente, firmes e fortes

ACCEPT

O LADO HUMANO DO METAL

A criação do novo álbum, Inteligência Artificial, o fator humano na música, a relação com o Brasil, anos 1980 x anos 2020... Wolf Hoffmann abre o jogo

Por Daniel Dutra

Dizer que o Accept é um dos grandes nomes do metal germânico é coisa velha, uma vez que a banda é uma das mais importantes do metal mundial. E que, numa carreira que se aproxima do 50º aniversário, está mais forte do que nunca. É o que garantiu o guitarrista Wolf Hoffmann, líder e único membro remanescente da formação original, durante o papo sobre *Humanoid*, o 17º disco de estúdio do quinteto hoje completado por Mark Tornillo (vocal), Uwe Lulis (guitarra), Martin Motnik (baixo) e Christopher Williams (bateria) - a novidade é que a formação como sexteto, com a terceira guitarra de Philip Shouse (ou de um substituto, como no caso recente de Joel Hoekstra), ficou para os palcos. Mas a conversa envolveu muito mais do que isso, inclusive a posição de Hoffmann em relação a declarações recentes de Peter Baltes, que deixou o Accept em 2018. Curioso? Então, boa leitura.

***Humanoid* não é um álbum conceitual, mas tem um direcionamento lírico geral. A princípio, eu diria que é uma continuação mais profunda da música *Analog Man*, de *The Rise of Chaos* (2017), mas como você o definiria?**

Wolf: Você observou bem, porque não é mesmo conceitual, já que não compomos discos, e sim músicas. Quando achamos que há canções suficientes, aí vira um álbum. Nunca imaginamos o disco partindo de um tema ou de um conceito, apenas criamos as músicas e as juntamos num mesmo trabalho. Às vezes acontecem sobreposições, como agora, com *Humanoid* e *Frankenstein*, porque podemos dizer que elas têm uma relação próxima, já que ambas falam sobre uma criatura, um homem-máquina, mas isso não foi planejado. Nós apenas gostamos das duas canções e as mantivemos no álbum, e a ideia de *Humanoid* é ser uma continuação do *Metal Heart* (1985), por isso tem uma referência na capa. Nos anos 1980, havia o conceito embrionário de um coração artificial, e agora em 2024 a coisa evoluiu para Inteligência Artificial e robôs que criam coisas, então fizemos essa relação entre os discos. No início do processo de composição, tento pensar no que estamos tentando falar em determinada música, sobre o que ela fala. Qual é o clima? É sobre algo feliz? É sobre algo sombrio e sinistro? É para ser assustadora? Falaremos sobre demônios? É sobre bebedeira? Essas perguntas vão ditar a energia da música, e um bom exemplo disso é *Straight Up Jack*, cuja letra chegou primeiro porque Mark me deu um monte delas e disse: 'Veja o que

consegue fazer com isso'. Ele também escreveu *Man Up*, e tentei criar canções que se encaixassem no que ele escreveu. No caso de *Straight Up Jack*, precisava ser algo tranquilo e mais rock'n'roll, nada lento e triste, mas também nada super agressivo. Tinha que ser algo sem muita complicação. Cada música precisa da própria vibração, e o processo de composição fica mais fácil assim que isso fica claro.

A correlação com *Metal Heart* é interessante, e a letra de *Humanoid* tem uma frase que mostra tal evolução: 'Eu sou superior, não posso ser controlado. Eu fui reprogramado, com um drive interno. Você será assimilado, dentro na colmeia'. Isso me fez lembrar do filme "O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final" (1991) e do sistema Skynet... (risos)

Wolf: Essas palavras são do Mark. Eu escrevi algumas das frases principais do refrão e da ponte, mas só porque eu não sou letrista. Dou apenas o primeiro passo para que se construa o tema e a música, então passo ao Mark para que ele crie todas essas frases legais das letras. Faz parte do DNA do Accept escrever sobre coisas que nos interessam, coisas que estão acontecendo atualmente, que se encaixam no tempo.

E eu diria que o resultado é que a humanidade não está preparada para lidar com o que está acontecendo hoje, ou seja, usar uma tecnologia tão elevada. O que você acha?

Wolf: Não tenho respostas para isso... (N.R.: Hoffmann fica pensativo). Eu não sei, realmente. Quando escrevemos uma música assim, é como se estivéssemos pensando alto, falando sobre uma ideia assustadora, sobre um assunto preocupante, mas não sei até onde tudo isso vai nos levar. Estamos apenas observando tudo e levantando um questionamento. Não temos a pretensão de dizer às pessoas o que pensar, e nunca quisemos deixar uma mensagem. No caso da Inteligência Artificial, é uma ideia muito assustadora, especialmente para nós, artistas, que fazemos uso da criatividade, afinal, por muitos anos eu pensei que a criatividade era exclusividade do ser humano. Agora, inventaram máquinas que compõem músicas, pintam, desenham, escrevem... A greve dos roteiristas nos Estados Unidos foi motivada por isso, porque as pessoas estão com medo. Se as máquinas passarem a escrever um programa de TV ou a compor uma música do Accept, o que será de nós? E a pergunta seguinte é: como vamos evitar que isso aconteça se quisermos? Supondo que usem Inteligência Artificial para compor uma música do Accept, a IA vai usar partes de outras canções nossas que têm direitos autorais registrados e que, portanto, não podem ser gratuitas, então quem receberá os direitos dessa nova música? É um dilema que ainda não decifrados.

E essa tecnologia vai além, com hologramas e avatares substituindo o fator humano nos shows...

Wolf: Eu consigo ver os dois lados, mas digo a você que sou 'old school' e, lá no fundo, não gosto dessa ideia. Ao mesmo tempo, penso que um show ao vivo é a última coisa que é real, não dá para fingir muito. Você sobe no palco, toca suas músicas da melhor forma possível, e há emoções envolvidas. Nem sempre sai tudo perfeito, mas é real, certo? Só que hoje tem gente usando trilhas pré-gravadas e dublando suas próprias músicas no palco, e as pessoas

HUMANOID
Napalm/Valhall Music - Nac.

vão ao show mesmo assim! Criaram os avatares para os shows, e mesmo assim as pessoas também vão aos concertos, então quem está certo e quem está errado? Talvez as crianças de hoje não saibam mais diferenciar um show de avatares de um com seres humanos, e talvez nem se importem com isso. Eu sou totalmente 'old school', quero shows ao vivo que sejam de fato ao vivo, e se eu vou a um show eu quero ver a pessoa em carne e osso, não uma imagem recriada. No entanto, se essa pessoa não está mais entre nós, então pode ser uma segunda opção.

Penso como você. Por exemplo, sou totalmente contra os avatares do KISS, mas levaria meu filho para ver o show. Eu tenho 50 anos e vi a banda algumas dezenas de vezes, e ele, que tem apenas 5 anos, não teve nenhuma oportunidade...

Wolf: Está vendo só? Essa é uma discussão que pode durar dias. Lembro-me de uma vez estar à mesa de jantar com os meus pais, quando era adolescente, e tentar explicar para eles que eu queria ser músico, que não queria ser médico, arquiteto ou advogado. Eles disseram que eu não poderia ser músico porque todos são jovens, que nenhum continuava depois dos 30 anos, e perguntaram o que eu faria da minha vida depois. Fiquei desconcertado e quase dei razão a eles, porque à época os caras do Rolling Stones estavam com 28 anos, e não havia nenhum músico de rock profissional com 60 anos como exemplo! No entanto, aqui estamos, e os mesmos caras dos Stones estão com 80 anos! Meu ponto é: as coisas mudam com o tempo, e o que hoje achamos estranho, aquilo do qual damos risada, pode ser a realidade de amanhã, porque algumas pessoas ignoram o que achamos, então as coisas acontecem de qualquer jeito. Se eu dissesse ao meu eu de 16 anos de idade que, 50 anos depois, o Accept ainda estaria tocando ao vivo e gravando discos, e que eu estaria dando uma entrevista por vídeo para um jornalista brasileiro, e sobre o novo álbum da banda... Bom, ele diria 'você está completamente louco!' (risos). Mas eu nunca pensei que abandonar o rock era uma possibilidade (risos).

E por falar em Brasil, o Accept já começa a turnê de *Humanoid* passando pelo país (N.R.: os shows aconteceram em maio). Depois de tantas vezes tocando aqui, quais expectativas você ainda tem? Qual é a sensação ao saber que sempre pode voltar?

Wolf: Quando penso no Brasil, penso nos malucos da plateia! (risos) Penso na plateia cantando 'olê, olê, olê' e gritando mesmo antes de subirmos ao palco. Penso num público que sabe cada nuance de cada música, que canta até mesmo os solos de guitarra! Ou seja, é o público dos sonhos! Não apenas no Brasil, mas na América Latina. São fãs muito leais, muito apaixonados e animados, e é exatamente isso que você quer enquanto artista. Por isso é sempre incrível voltar ao Brasil.

Na última vez que conversamos, no lançamento de *Too Mean to Die*, falamos brevemente sobre a saída de Peter Baltes. Desde então, ele deu algumas entrevistas sobre os motivos de ter deixado o Accept, alegando que os discos passaram a soar todos iguais e que ele não participava mais da tomada de decisões. Você ficou surpreso com o que ele disse?

Wolf: Não, porque eu não li (risos). De maneira geral, quando alguém deixa uma banda, e não importa se é o Accept ou qualquer outra banda no

Isabela Lopes

(A DÉCADA DE 1980) FOI BOA, SÓ QUE, AO MESMO TEMPO, NÓS NÃO TÍNHAMOS A FIRMEZA QUE TEMOS AGORA, PORQUE TODOS ESTAVAM NA LUTA PARA FAZER DISCOS SUPER BEM-SUCEDIDOS.

universo, eu nunca ouvi esse alguém dizer 'olhando em retrospecto, eu poderia ter feito diferente, poderia ter trabalhado nisso ou naquilo, acho que também foi culpa minha e me arrependo'. Não. É sempre o cara que saiu que tem amargura por quem ainda está na banda. Isso é universal. É sempre quem vai embora que fala merda, então não há nenhuma surpresa nisso. Eu não li o que Peter disse, mas digo a você que fiquei pessoalmente triste quando ele saiu, porque era meu parceiro. Sinto falta dele, de verdade, e sou totalmente honesto quanto a isso. Desejo o melhor ao Peter porque ele é um músico brilhante, mas foi ele quem decidiu sair, porque eu queria que tivesse ficado no Accept. É isso. Não posso mudar o fato de ele ter decidido sair tanto quanto não posso mudar o fato de quem quer que tenha deixado o Accept ao decidir seguir sua carreira, acreditando que o melhor era formar seu próprio grupo. A única coisa que eu poderia fazer era seguir em frente com o Accept, afinal, eu desejava que todos estivessem juntos agora, 50 anos depois? Sim, mas a vida real é diferente. As pessoas mudam de direção, casam, têm filhos, decidem mudar suas vidas, enfim, são milhares as razões por que cada um faz o que faz. Eu só posso fazer o que está ao meu alcance, que é manter o Accept vivo, e da melhor forma possível.

Dito isso, já se passaram 15 anos desde o retorno do Accept, com Mark nos vocais, e eu diria que a banda está tão forte e em evidência quanto esteve nos anos 1980. Esse é o seu sentimento?

Wolf: Curiosamente, acredito que, de muitas maneiras, estamos melhores e mais fortes agora. Os anos 1980 foram ótimos porque tudo era novo e excitante. Tínhamos a MTV, e a cena metal estava crescendo. Havia uma aura de novidade e agitação, mas agora tudo está estabelecido. Aquela década foi boa, só que, ao mesmo tempo, nós não tínhamos a firmeza que temos agora, porque todos estavam na luta para fazer discos super bem-sucedidos. Foi uma época em que os produtores significavam tudo num disco, todo mundo olhava a contracapa do LP para saber quem o havia produzido, então foi a era dos produtores superestrelas, que deixavam as bandas ricas e famosas da noite para o dia, porque vendiam 10 milhões de cópias, e isso fazia com que todo mundo buscasse alcançar esse sonho, quisesse ter o sucesso do Def Leppard ou do Whitesnake, por exemplo. Havia bandas vendendo milhões de discos, e todas as outras queriam chegar no mesmo ponto, então nós sentimos a pressão para nos encaixarmos, para fazermos parte do que estava acontecendo. Felizmente, isso passou. O metal se estabeleceu, e agora nós sabemos o nosso lugar mais do que sabíamos naquela época. Sinto-me mais 'em casa', de certa forma. Há um sentimento de estabilidade que eu realmente aprecio.

KERRY KING

FROM HELL I RISE

Em sua estreia solo com From Hell I Rise, Kerry King e sua banda de músicos renomados honram os fãs de thrash metal com músicas brutais e impiedosas, que soam como uma continuidade natural do que o Slayer estaria fazendo em estúdio após Repentless

Orden Ogan

THE ORDER OF FEAR

Uma jornada épica através de paisagens sonoras sombrias e melodias cativantes, onde cada faixa é uma peça de um quebra-cabeça emocional que desafia e inspira, The Order of Fear eleva o status do Orden Ogan como grande representante do metal sinfônico.

Sebastian Bach

CHILD WITHIN the MAN

Após dez anos sem um álbum solo, Sebastian Bach afirma ter reencontrado o seu eu adolescente com Child Within the Man, um dos álbuns mais pesados de sua carreira, além de vibrante e cheio de energia.

DEICIDE

BANISHED BY SIN

Banished By Sin, do Deicide, é uma explosão implacável de death metal brutal, onde cada faixa transporta o ouvinte a um abismo de agressividade e blasfêmias; um álbum afrontador impulsionado por clipes que já nasceram polêmicos

RPM
REIGNING PHOENIX MUSIC

REIGNINGPHOENIXMUSIC.COM
@REIGNING_PHOENIX_MUSIC
@REIGNINGPHOENIXMUSICOFFICIAL
@R_P_M

SOUND CITY RECORDS

ADQUIRA EM
WWW.VALHALLMUSIC.COM.BR

Anúncio: www.jduartedesign.com

Clube de Revistas

Divulgação

RED DEVIL VORTEX

AMIGOS, AMIGOS... E HEAVY/HARD DE PRIMEIRA!

Grupo de brasileiros fundado nos Estados Unidos esbanja heavy/hard inspiradíssimo em primeiro full-length

Por Thiago Prata

Os primeiros passos foram dados em meados da última década e rapidamente o Red Devil Vortex se tornou realidade: os EPs *Something Has to Die* (2018) e *Dark Secrets* (2022) renderam elogios de crítica e público. Mas o melhor ainda estava por vir: eis que em 2023 Gabriel Connor (fundador, baixista e vocalista), Eduardo Baldo (baterista, ex-Hibria) e Luis Kalil (guitarrista) soltaram o trabalho de estreia *Red Devil Vortex*, discaço de heavy/hard, com a produção de Adair Daufembach (Angra, Project 46, Kiko Loureiro), apontando para um futuro pra lá de promissor. Escute cada faixa deste petardo do trio brasuca fundado nos Estados Unidos e confira o papo a seguir com Connor.

As coisas foram acontecendo de forma muito rápida para o Red Devil Vortex. Na última vez em que conversamos, Connor, você me relatava ter se mudado para os EUA em 2015 e fundado a banda em meados do ano seguinte. Logo em 2018, o EP *Something Has to Die* foi lançado e alcançado marcas relevantes, como o 16º posto da Heatseekers Chart e o 49º na Independent Albums Chart, ambos da Billboard. Aquele período com certeza foi promissor.

Gabriel Connor: Ter atingido a Billboard foi um feito muito legal e um marco para o Red Devil Vortex na época, principalmente por sermos do Brasil e termos alcançado isso nos EUA. Além disso, eu sentia que *Something Has to Die* tinha algo de especial durante a gravação e principalmente quando ouvimos o disco como um todo depois de finalizado. Soava como algo novo e diferente, e de fato marcou um momento importante da banda. É gratificante quando um trabalho seu atinge certas marcas como essa, e a repercussão foi muito legal, maior do que esperávamos.

Mas isso, obviamente, não veio de um dia para o outro, foi fruto de muito trabalho. Quais os principais desafios naquele período?

Gabriel: Nossa vida na época ainda era instável em muitos aspectos. Quando você busca caminhos em outro país, encara alguns obstáculos a mais, tanto na vida pessoal como na carreira de banda independente, mas a vontade de ver o Red Devil Vortex vivo era imperativa e acho que essa é uma grande influência no som daquele disco. Existem sangue e alma de verdade dentro daquelas músicas.

Depois da pandemia, veio o EP *Dark Secrets* (2022), que, de certa forma, inaugurou um novo ciclo na vida do Red Devil Vortex, uma vez que o trio Connor, Eduardo Baldo e Luis Kalil se estabilizou ali. Como foi o processo de mudança na guitarra, com a saída de Pablo Kravicz, em meio às gravações daquele disco, e a entrada de Kalil? Isso sem esquecer que o grupo ainda vivia um luto, pois o produtor e amigo Augustus 'Gus' Cryns havia morrido pouco antes.

Gabriel: Já tínhamos as músicas do *Dark Secrets* prontas quando Kalil entrou na banda, pois já estávamos gravando com Gus desde 2019. As mudanças aconteceram em 2020, quando Pablo deixou o RDV e Gus veio a falecer pouco tempo depois de as gravações do *Dark Secrets* serem concluídas. O Gus deixou saudades a todos nós e acredito que o legado dele esteja não só nos dois discos que gravamos juntos, como também como parte do meu amadurecimento musical. O Kalil se juntou à banda e regravou parte das guitarras, agora remixado e masterizado por Adair Daufembach. Nosso primeiro lançamento oficial com esta formação é o ao vivo *RDV's In Town* (2022).

Os integrantes da formação atual já se conheciam antes da banda, certo? O quanto esse laço de amizade impactou nas composições de *Dark Secrets* e *Red Devil Vortex*?

Gabriel: Sim, nos conhecemos em Los Angeles por causa das festas que fazíamos no apartamento do RDV em Hollywood em meados de 2016 e 2017 e somos amigos desde então. Acredito que nós três tenhamos encontrado um equilíbrio saudável como banda e confiamos uns nos outros em termos de direcionamento musical. Então, com certeza isso tudo agrega de maneira positiva no resultado do disco.

As letras de vocês já abordavam, antes do álbum homônimo, assuntos diversos, como dualidade humana, existencialismo, anseios carnais, o bem e o mal no mundo, entre outros temas. Em *Red Devil Vortex*, o disco, o que mudou, o que se manteve e o que foi 'atualizado', digamos assim, quanto às letras?

Gabriel: Existe certa escuridão na força que sempre vai fazer parte da mística do rock, e definitivamente isso faz parte da arte do Red Devil Vortex. Gosto de unir essa mística com inspirações do cotidiano e sentimentos reais para a criação das letras, que estão mais maduras e verdadeiras neste sentido.

Falando da sonoridade, o disco começa com um 'chute na porta': *Open the Gates* flerta com o thrash metal e logo se transforma num hard/heavy, mas com o lado thrash voltando a aparecer em outros momentos. A faixa conta ainda com um solo virtuoso de Luis Kalil. Que música, hein! (risos)

Gabriel: Escrevi *Open the Gates* de maneira muito rápida logo que havíamos finalizado a gravação do disco. Ela não fazia parte da seleção, mas depois de mostrar a música para a banda e para Adair, todos concordaram que ela tinha que entrar. Minha primeira intenção era escrever algo que representasse uma parede sonora, trazendo os extremos de cada um de nós como músicos. Algumas composições minhas são como uma 'sessão de descarrego', e essa foi uma delas. Deixei que a música fluísse por si. O mesmo aconteceu com as letras.

***RUN*, a seguinte, não deixa por menos, novamente com riffs pesados e melodias cativantes, mas em um andamento diferente. O quão desafiador foi compor faixas tão diferentes, mas sem que se desviassem da 'unicidade' que rege o disco?**

Gabriel: *RUN* é de Eduardo Baldo. O riff principal é dele, trabalhando junto com Kalil, e todo o conceito da música foi formado a partir disso. Sempre buscamos arriscar sonoramente, mas ao mesmo tempo conhecemos nossa essência na música pesada. Acho que isso

RED DEVIL VORTEX
Blood Blast Distribution - Imp.

acaba aparecendo de forma autêntica e talvez seja isso que crie a unidade sonora do Red Devil Vortex e deste disco.

Atos como *More Luck than Brains*, que começa bem "pra cima", e *Silence Kills*, com um ar até 'melancólico' no início, se é que podemos rotular assim, talvez exemplifiquem o que quero dizer sobre essa questão de versatilidade e ainda assim serem parte do 'pacote' Red Devil. Seria por aí?

Gabriel: Entendo. Acho que em relação à 'versatilidade', o que queremos fazer é criar canções que tenham um sentido de existir, que causem algum tipo de emoção ou impacto, e para atingirmos isso temos que ser honestos com a música que existe dentro de nós. Não tem a ver com estilo musical mais do que tentar criar a melhor versão possível de cada uma das nossas músicas. É isso que permite que *Open the Gates*, *More Luck than Brains* e *Silence Kills* estejam no mesmo disco. Todas têm sua verdade e seu peso, cada uma à sua maneira, e todas soam como Red Devil Vortex.

O quanto a produção de Adair Daufembach ajudou para que o disco tivesse o nível de qualidade que possui? Em outras palavras, o quanto ele foi importante para realçar cada detalhe do álbum?

Gabriel: Foi fundamental. O trabalho do Adair dispensa apresentações. Ele é uma pessoa de visão, excelente compositor e arranjador, além de ter sido a pessoa certa para solidificar todas as peças do Red Devil Vortex neste disco. O processo todo, ao mesmo tempo que focado, maçante e insano, também foi tranquilo e muito criativo.

Quais são as grandes conquistas que vocês apontam ao longo da trajetória da banda, não apenas aquelas que abordamos até aqui, mas também em termos de sonoridade e lirismo sob o ponto de vista da 'inquietude' que cada artista tem em buscar 'algo mais'?

Gabriel: Este momento que estamos vivendo agora é para mim a maior conquista até hoje. Posso ser muito ambicioso em certos momentos, mas também aprendi a apreciar o presente. Criei o Red Devil Vortex com minhas próprias mãos enquanto me estabilizava em um país que não era o meu em busca de um sonho extremamente improvável. Hoje, com Luis Kalil e Eduardo Baldo, estamos marcando o nome do Red Devil Vortex na estrada e levando nossa história cada vez mais longe.

Fale um pouco de sua experiência no evento Kiss Cancer Goodbye II, ao lado de Ace Frehley (ex-Kiss) e Todd Kerns (Slash feat. Myles Kennedy and the Conspirators).

Gabriel: Fui indicado por Bruce Kulick (ex-guitarrista do Kiss) para participar da edição deste ano (2023) do Kiss Cancer Goodbye e toquei o disco *Lick it Up* (1983) na íntegra dividindo os vocais com Todd Kerns, além de ter feito um set com Ace Frehley e participado de outras apresentações. É um evento anual beneficente que levanta fundos para pacientes em tratamento de câncer. Como o nome sugere, o Kiss é o tema principal do evento, que reúne diversos músicos (incluindo ex-membros do Kiss) tocando músicas da carreira da banda. O Bruce já conhecia meu trabalho de antes, fizemos uma versão de *I Still Love You* junto com o vocalista Paulie Z (ZO2) para a David Z Foundation, outra instituição que arrecada fundos para educação musical. Dedicamos a versão para nossos familiares que haviam falecido.

AMARANTHE

MUDANÇA DESENCADEADA

Olof Mörck, guitarrista e fundador do Amaranthe, detalha o significado do novo álbum, *The Catalyst*

Por Gustavo Maiato

Mudanças em todos os níveis tomaram a humanidade de assalto nos últimos anos, com a pandemia e a oportunidade de tirar tempo para olhar para dentro de si. *The Catalyst*, sétimo registro dos suecos do Amaranthe, trata desses momentos que desencadeiam grandes mudanças – seja no âmbito pessoal, social ou global. Na entrevista a seguir, Olof explica mais sobre o conceito, relembra trabalhos anteriores e comenta discos que o influenciaram.

Vamos começar explorando o conceito por trás do álbum *The Catalyst*. Você poderia explicar sobre a mensagem que há nele?

Olof Mörck: Claro! O tema predominante do álbum gira em torno da mudança. O catalisador, conforme retratado no título do álbum, diz respeito a um período transformador na vida de alguém. É uma reflexão de momentos cruciais, pessoais ou até mesmo em escala global, como a recente pandemia. A mudança, seja ela positiva ou negativa, afeta indivíduos e sociedades como um todo. Por exemplo, a pandemia forçou as pessoas a darem um passo para trás em suas rotinas, proporcionando oportunidade para reflexão e, em alguns casos, mudanças positivas. Exploramos vários aspectos da mudança, incluindo relacionamentos pessoais, e até mesmo mergulhamos na fantasia, falando da transformação de um vampiro. O conceito se desenvolveu organicamente à medida em que escrevíamos as letras, formando uma narrativa coesa que levou ao título. Não se trata apenas da mudança, é sobre o momento que desencadeia a transformação.

Passando para a capa do álbum, poderia compartilhar como o conceito foi desenvolvido?

Olof: Colaboramos com Emmanuel Shiu, um designer fenomenal conhecido principalmente por seu trabalho como artista conceitual em filmes como 'Matrix', 'Blade Runner 2049' e projetos da Marvel. Minha visão para a arte do álbum era capturar a encarnação do catalisador. A figura na capa representa a incorporação dessa força transformadora. Incorporamos elementos de ficção científica, imaginando um androide ciborgue futurista para simbolizar a essência temática do álbum.

As músicas dos álbuns do Amaranthe geralmente não são muito longas, e essa tendência continua em *The Catalyst*. O que levou a essa decisão? Você já considerou criar músicas mais longas, talvez com sete ou dez minutos?

Olof: Em meus outros projetos, como minha banda Dragonland, já escrevi músicas mais longas, até mesmo de catorze minutos. No entanto, com o Amaranthe o foco é preservar a intensidade e a dinâmica. Quando tentamos músicas mais longas, elas tendem a perder um pouco dessa intensidade crucial. Embora haja várias partes nas músicas do Amaranthe, introduzir mais repetição, solos estendidos ou seções instrumentais poderia comprometer o impacto geral. O tamanho de uma música, para nós, é ditado por ela. É uma questão de a música nos informar quanto tempo ela precisa ter. Embora possamos explorar composições mais longas se encontrarmos a abordagem certa, por enquanto a música orienta nossas decisões.

THE CATALYST
Nuclear Blast - Nac.

Em dezembro, você compartilhou no seu Instagram a retrospectiva do Spotify do Amaranthe. Você se deparou com alguma informação sobre a idade dos ouvintes ou a distribuição por país?

Olof: Sim, é realmente interessante isso! Cerca de 35% dos ouvintes são do sexo feminino, o que é incomum para uma banda de metal, já que a divisão costuma ser mais próxima de 95% para 5%. É legal ver que estamos atraindo também algumas ouvintes mulheres. Em termos de países, geralmente são os mesmos que estão no top cinco. Se me lembro corretamente, seriam, pela ordem, EUA, Alemanha, Finlândia, Suécia e Reino Unido. E quando se trata dos EUA, é mais um continente do que um país, então, considerando a população de cerca de 350 milhões, é mais fácil ficar no topo. Mas também houve algumas surpresas, como ver a República Tcheca em uma posição alta na lista.

Vocês vão sair em turnê com o Dragonforce. Quais são suas músicas favoritas da banda e qual sua opinião geral sobre elas?

Olof: É engraçado porque eu ouvia bastante Dragonforce quando era mais jovem, já que também toco na banda Dragonland, de power metal. Na época, gostava muito de *Valley of the Damned*. Isso foi na época em que eles eram chamados de Dragonheart, antes do lançamento do primeiro álbum. Estávamos meio que competindo, porque tínhamos um cover de *Never-Ending Story* com o Dragonland naquela época, então estávamos tentando alcançar o primeiro lugar também, mas nunca conseguimos! (risos) Mas então, dez anos depois, o Herman Lee me escreveu antes de tocarmos em Londres em 2011, perguntando se poderíamos colocá-los na lista de convidados, pois ele disse que eram grandes fãs do Amaranthe e estavam nos ouvindo no ônibus da turnê. Eu disse a ele que, só para você saber, conversamos dez anos antes, o que agora são vinte anos. E então ele se lembrou: 'Ah, sim, você é o mesmo Olaf que também tocava guitarra no Dragonland.' Para responder à sua pergunta, *Valley of the Damned* é minha música favorita. É realmente divertido ouvir uma música lançada há 22 ou 23 anos, algo assim. Isso é muito legal.

Falando novamente sobre o novo álbum, *Stay a Little While* é uma das melhores baladas do Amaranthe de todos os tempos! Quais foram os principais desafios ao compor essa canção?

Olof: Foi muito interessante. Sabíamos que queríamos uma balada de verdade no álbum. Em uma noite, Elize Ryd começou a trabalhar nela e me enviou cerca de cinquenta ideias diferentes para linhas vocais. Ela dizia: 'Isso poderia ser a balada, isso poderia ser, isso também.' De todas essas ideias, uma se destacou claramente acima de todas as outras. Quando ouvi, imediatamente pensei em arranjá-la no piano e ver o que surgia. Fizemos de forma um pouco diferente desta vez, com mudanças vocais mais rápidas. É realmente um dueto. Acho que a maneira como as vozes de Elize e de Nils Molin se entrelaçam torna a música muito especial. Ela tem influências de antigas power ballads como *November Rain* e até mesmo algumas músicas de Celine Dion, coisas desse tipo. Fomos um pouco bregas, mas de uma forma muito honesta e sincera.

***Re-Vision* tem uma pegada mais eletrônica. Como surgiu a ideia da inserção vocal no começo?**

Olof: Foi meio que algo espontâneo, porque eu estava experimentando muitos sons e ideias eletrônicas no álbum em geral. Surgiu a ideia de trabalhar um pouco com samples vocais, cortando-os, alterando a tonalidade e coisas do tipo. Aquela introdução veio de um sample aleatório que encontrei em um dos teclados e comecei a brincar com ele. Foi algo que não tínhamos feito antes e acho que se encaixou de maneira muito legal na música. Em geral, com o refrão e tudo que Elize escreveu para ela, tornou-se uma das minhas músicas favoritas no álbum, porque é muito diferente.

Qual música do novo álbum você considera ter o seu melhor trabalho de guitarra?

Olof: Eu diria que há um solo em *Liberated* que é um pouco diferente porque tem um toque mais rock'n'roll. Meus solos tendem a ser um pouco mais modernos em geral, mas este tem um toque mais anos 80, meio Van Halen. Foi tocado em uma antiga Fender Stratocaster em vez das minhas guitarras mais novas, o que significa que você tem que trabalhar muito em cada nota. Acho que ficou realmente legal e, como eu disse, há até alguma influência de Bon Jovi ali.

Quem você considera ser seu grande mentor no mundo da música, e quais lições você aprendeu com essa pessoa?

Olof: Bom, na época eu estava fazendo aulas de violino, quando eu tinha 11 ou 12 anos até os 18, tive um professor de violino que tocava na Orquestra Sinfônica de Gotemburgo. Ele realmente me ensinou muito sobre como abordar a música da maneira certa. Em termos de fraseado e estrutura melódica dos meus solos, a forma como eu abordo a composição musical em geral é muito baseada na música clássica e na teoria musical clássica que comecei quando era mais jovem. Eu era muito jovem e principalmente queria tocar rápido, mas ele me disse para desacelerar, pensar no vibrato, pensar no fraseado, pensar, acima de tudo, no que eu queria transmitir e dizer com a música. Isso realmente influenciou a forma como eu abordo a música.

Obrigado pela entrevista. Por favor, deixe uma mensagem final para seus fãs brasileiros.

Olof: Tivemos a oportunidade de tocar no Brasil apenas uma vez, em São Paulo, no Manifesto Bar. Foi absolutamente fenomenal, então mal posso esperar para voltar ao país. É algo pelo que estamos ansiosos, porque já se passaram seis anos desde que estivemos aí. Então, obrigado a todos os fãs brasileiros por continuarem fiéis a nós, e eu pude ver que vocês foram um dos países que realmente transmitiram muito o Amaranthe. Então, obrigado a todos os fãs brasileiros pela lealdade e espero vê-los em breve.

Divulgação

Morten Løwe Sørensen, Olof Mörck, Mikael Sehlin, Elize Ryd, Nilis Molin e Johan Andreassen sempre diretos ao ponto

Gene Sinimov

Steve Asheim, Kevin Quirion, Taylor Nordberg e Glen Benton

DEICIDE

AS FALHAS DE UM DEUS MORIBUNDO

Seis anos depois de *Overtures of Blasphemy*, lenda da Flórida retorna com seu novo disco de estúdio

Por Valtemir Amler

Como uma das bandas que não apenas fundaram a cena da música extrema da Flórida, mas que também ajudaram a cimentar o death metal como um gênero global, o Deicide precisou encarar várias batalhas para se manter vivo e relevante ao longo dos anos. As transformações do cenário, as inevitáveis mudanças de formação e de gravadora, a instabilidade na vida pessoal e nos negócios, tudo se soma para criar uma realidade ameaçadora no horizonte daqueles que tentam sobreviver no mundo da música (a realidade de ontem ainda é a mesma hoje), e não foram poucos os ótimos nomes clássicos que soçobraram diante de todas essas dificuldades. Vivendo sempre sob o brilho de seu início de discografia clássico (no início dos anos 90, o Deicide lançou uma sequência de quatro obras primas do death metal), eles também precisaram lutar contra as altas expectativas que sempre surgiam ao anúncio de cada novo álbum e, à sua maneira, sempre conseguiram um bom resultado. Se conforto nunca foi parte do jogo, Glen Benton (voz e baixo) e Steve Asheim (bateria), únicos remanescentes da formação clássica, se mostram conscientes da grandeza de seu catálogo no novo *Banished by Sin*, que equilibra com perfeição a sonoridade incisiva e violenta dos primeiros discos com a técnica e a melodia dos álbuns mais modernos. Conversamos com Glen Benton para saber mais sobre tudo o que circula o mundo do poderoso Deicide.

Alguns anos atrás, quando conversei com Steve Asheim sobre o lançamento de *Overtures of Blasphemy* (2018), ele comentou que já estava pensando no próximo álbum do Deicide e que já imaginava ter algo que poderia usar nesse trabalho. Você reconhece algumas dessas partes em *Banished by Sin*?

Glen Benton: Eu não saberia apontar para quais são exatamente essas partes, mas tenho certeza de que Steve trouxe algumas ideias que ele tinha guardado. Bem, cada um de nós trouxe três músicas para esse álbum, e dentre aquelas que foram apresentadas por ele, sei que uma vinha de uma ideia dos tempos de *Overtures of Blasphemy*, isso se minha memória não estiver falhando.

Você tinha algum material guardado como um ponto de partida?

Glen: Não, eu prefiro começar do zero a cada novo álbum. Não gosto de guardar ideias para depois, nunca gostei disso, acho que simplesmente não funciona para mim. Sinto que se guardasse uma ideia para depois, acabaria esquecendo do que se trata e ela se tornaria absolutamente inútil. Mas não critico a forma como os outros trabalham, muito menos

Steve, que é um compositor brilhante. Quando estamos compondo e compartilhando material, fico muito focado na minha parte, e quando os outros apresentam suas partes não transformo tudo em um processo cerebral demais, apenas vejo se gosto ou não e como devo me encaixar naquela estrutura. Tem funcionado para nós, então simplesmente seguimos em frente.

O primeiro single para esse novo álbum foi *Sever the Tongue*. Quem foi o responsável por ela?

Glen: Essa é uma das músicas de Kevin (Quirion, guitarrista), assim como *The Light Defeated* e *Failures of Your Dying Lord*. Como eu disse, cada um de nós escreveu três canções, e acho que essa é a principal razão desse ser um álbum tão bom, pois é bastante variado dentro daquilo que o Deicide representa.

Concordo. E é legal saber que essa é uma canção do Kevin, já que todos apostaríamos que é uma composição sua ou do Steve. Quer dizer, ela tem aquela vibração clássica do Deicide dos anos 90, uma época em que ele não era parte da banda.

Glen: Entendo. E é engraçado você dizer isso, pois quando estávamos em turnê e Taylor (Nordberg, guitarrista e engenheiro de som) estava gravando as linhas de bateria de Steve, ele ao mesmo tempo estava trabalhando nas suas ideias para o álbum, e os riffs que ele trazia pareciam todos emular o som que fazíamos nos anos 90. E não estou dizendo que ele estava copiando algo antigo, o que quero dizer é que aqueles riffs saíam exatamente alinhados com a nossa sonoridade antiga, o que me deixa muito feliz. Todos trabalharam com muita dedicação nesse álbum e acredito que isso é perceptível.

Sim, é perceptível logo de cara. Quer dizer, quando a faixa de abertura (*From Unknown Heights You Shall Fall*)começa a tocar, ela traz aquelas partes de guitarra pesadas e melódicas que remetem ao power/thrash dos anos 80, e logo evolui para um death feroz à moda da velha escola. Não se faz algo assim funcionar sem um bocado de paixão e dedicação.

Glen: É isso mesmo, todo mundo se dedicou demais e todos acrescentaram muito ao processo de composição, todos deixaram sua marca própria nessas canções. Existe um pouco das influências e preferências de cada um de nós nessas músicas, e isso faz esse álbum ser mais variado e interessante.

Falando em 'interessante', seu trabalho de voz também chama atenção no novo disco, uma vez que apresenta boas linhas e aquela variação mais 'noventista' que os fãs tanto prezam. Diria até que é sua melhor performance dos últimos anos.

Glen: Muito obrigado. Sabe, tenho ouvido isso em algumas entrevistas, então acho que o trabalho deu resultado nesse sentido também. Bom, eu gravei os vocais na mesma rua onde moro, eles foram gravados na casa de Jeramie Kling (N.R.: engenheiro de som e baterista das bandas Inhuman Condition e Ribspreader, entre várias outras), então eu saía de casa para gravar todos os dias e trabalhava em uma música por dia. Isso é uma grande diferença, pois não tive que ir ao estúdio e me virar do avesso para gravar três canções por dia, como normalmente faço por questões de cronograma apertado. Desta vez não havia pressão de tempo. Pude concentrar meus esforços em manter a brutalidade da minha voz, e concordo que este trabalho deve ultrapassar muito do que já fiz antes como vocalista.

BANISHED BY SIN
Reigning Phoenix/Valhall/Sound City - Nac.

De onde veio essa recém adquirida liberdade, que finalmente fez com que o tempo não fosse um problema para o Deicide?

Glen: Veio da falta de um contrato, de não termos uma obrigação contratual com uma gravadora. Desta vez não tinha ninguém colocando fogo no nosso rabo para que corrêssemos com as coisas.

O quanto isso realmente influenciou o trabalho em *Banished by Sin*?

Glen: Cara, influenciou muito porque foi a primeira vez em muitos anos que não tínhamos um contrato já logo no início do processo. Lembro que fizemos *Overtures of Blasphemy* e saímos em turnê, e algum tempo depois aconteceu toda aquela situação com a covid-19. Dali em diante não tínhamos mais o que fazer, de repente estávamos parados, então eu e Steve resolvemos começar a escrever um novo álbum por nós mesmos, sem pedido de uma gravadora e nenhum outro tipo de pressão. Apenas por vontade pura de fazer um novo álbum, e acho que isso fez toda a diferença. No fim das contas, apareceu a RPM (N.R.: Reigning Phoenix Music) e nos ofereceu um contrato para apenas um único álbum e uma pilha de dinheiro para bancar a gravação do disco e alguns clipes. Foi algo bem legal, pois sinto que os caras são todos fãs de Deicide e realmente queriam impulsionar a banda. Até agora todos têm sido muito dedicados e feito um trabalho incrível.

Imaginando que esse acordo nunca tivesse acontecido, vocês chegaram a cogitar lançar o álbum mesmo assim, por si mesmos?

Glen: Não, tenho certeza de que teríamos aguardado mais, até alguma coisa aparecer. Sim, chegamos a pensar em como as coisas seriam naquele momento em que ainda estávamos por nós mesmos, mas em nenhum momento cogitei assumir tudo em nossas mãos. Pelo menos da minha parte, nunca pensei nisso. Eu não sei, acho que estou velho demais para ficar lambendo selos e enviando pacotes para todos os lados, já fiz o suficiente disso quando era garoto (risos gerais).

Nada de saudade dos primórdios?

Glen: Não, pelo menos não dessa parte (risos). E, sabe, trabalhar da maneira que estamos trabalhando agora é a melhor maneira possível. Quer dizer, trabalhar com pessoas que amam a música do Deicide, um acordo de um único álbum que não coloca toda a pressão nos nossos ombros, e ainda ao lado de pessoas que realmente assumiram as coisas, bancaram os custos da produção, isso é algo muito raro, especialmente nos dias de hoje. Da maneira como tudo aconteceu, a única preocupação que tínhamos era em criar o melhor álbum possível para o Deicide, nosso único foco era na música.

E isso acabou gerando o álbum mais 'anos 90' que o Deicide lançou desde aquela época, mas sem deixar de lado as melhores características do momento atual.

Glen: Concordo com isso. Temos muito daquela vibração dos nossos primeiros álbuns, mas também temos esse lado mais técnico e melódico que surgiu depois, pois temos excelentes músicos na banda, pessoas que realmente conseguem equilibrar as coisas de um jeito que faça sentido. E, quanto à sonoridade,

Gene Smirnov

tudo o que disse para Josh Wilbur (N.R.: produtor, Lamb of God, Gojira e mais um sem-número de bandas) foi que não queríamos um som muito comprimido, aquilo destrói a dinâmica das músicas. Disse para ele que se o som ficasse um pouco melhor que o daquelas demos toscas que fazíamos nos anos 80, estava ideal (risos gerais). Ele captou a ideia (risos).

Quanto à arte da capa, seria uma espécie de Glen Benton do 'Satãverso'?

Glen: Acho que pode ser algo do tipo (rindo muito). Sabe, nosso selo tinha essa ideia de fazer algo como um medalhão, como tínhamos na capa do nosso álbum de estreia. Então, contatei o mesmo joalheiro que fez para mim aquele medalhão que aparece na capa de *Deicide* (1990), e ele veio com esse tema que você vê na capa do novo álbum. Tem um pouco de tudo ali, computação gráfica, tudo, até um pouco da minha cara, sem dúvida (risos gerais).

É bom saber que você não tem problema com recursos mais modernos naquilo que se refere à sua música e à sua banda.

Glen: Sim, sei do que está falando. Veja, da maneira como enxergo a coisa, não há problema nenhum em adotar novos recursos, novas tecnologias para facilitar ou melhorar a qualidade do nosso trabalho. Se não houvéssemos abraçado a novidade, nunca teria existido música com guitarras, pedais de distorção, nem mesmo discos existiriam, só música ao vivo. A forma de produzir música mudou, tudo mudou. A única coisa que não pode mudar é a cabeça do artista. Se qualquer artista que vai fazer uma de nossas capas quer usar óleo sobre tela ou um aplicativo de computador, isso é escolha dele. Vou apenas checar para ver o resultado, para conferir se aquilo tem a ver com a nossa música. Estão fazendo muito barulho sobre isso, mas não acredito que seja um problema tão grande. Usar Inteligência Artificial para facilitar o processo e dar um melhor acabamento a uma arte não é problema, desde que o artista esteja guiando esse processo.

> "DESTA VEZ NÃO TINHA NINGUÉM COLOCANDO FOGO NO NOSSO RABO PARA QUE CORRÊSSEMOS COM AS COISAS."

Até porque não acho que exista Inteligência Artificial no mundo capaz de recriar o Deicide, certo?

Glen: Ah, aposto que não, deixaria de ser 'inteligência' (risos gerais). Sabe, nós gostamos de fazer as coisas à moda antiga, então empunhamos nossos instrumentos e fazemos música. No metal, não dá para ser muito diferente disso, ao menos não no metal de que gostamos. Agora, se outra pessoa que trabalha conosco quiser usar de outro recurso para facilitar seu trabalho, tudo bem. Apenas me apresente um resultado de acordo com o esperado e seguiremos em frente.

Para encerrar nossa conversa, você tem uma franquia favorita nas Grandes Ligas americanas?

Glen: Na verdade, não. Deixei de acompanhar esportes quando ainda era garoto, mas cheguei a torcer por equipes das ligas menores, você sabe, times da escola e essas coisas.

Certo. Fiquei curioso se você torceria por alguma equipe de Nova York ou da Flórida.

Glen: Ah, entendo. Bem, acho que se fosse escolher, acabaria optando por algo da Flórida. Apesar de ter nascido em Nova York, vivi praticamente minha vida inteira na Flórida, então minhas raízes estão bem firmes aqui. Mas, quando garoto, comecei a dedicar minha atenção a outros hobbies e desenvolvi paixões diferentes. Os esportes ficaram de lado, a música tomou o protagonismo e isso nunca mudou desde então.

PARADISE IN FLAMES

OUÇA AGORA:

DISPONÍVEL
NOVO VIDEOCLIPE
BLACK WINGS

YouTube

@PARADISEINFLAMES

Novo álbum disponível em streaming e download

Spotify · DEEZER · Download on the App Store · TIDAL · Google play

@PARADISEINFLAMESBAND · WWW.paradiseinflames.COM · /PARADISEINFLAMESBAND

www.flametreedesign.com

Jochen Rolfes

SUA MAJESTADE, RAINHA

DORO

Com um disco para celebrar 40 anos de carreira, Doro Pesch fala sobre relação com os fãs, causa animal e sua contagiante paixão pelo heavy metal

Por Daniel Dutra

Todo disco é uma celebração ao heavy metal, mas *Conqueress - Forever Strong and Proud* tem um sabor todo especial: marca 40 anos de reinado. Em um longo papo para falar sobre o seu 14º álbum, Doro Pesch deu mais uma aula de simpatia - o entusiasmo e a alegria da Metal Queen são uma bênção de tão contagiantes - ao falar sobre temas abordados no trabalho e, claro, seu amor pela música pesada. Tudo isso com histórias deliciosas. Confira alguns dos melhores momentos.

Eu gostaria de começar dizendo que finalmente podemos incluir na história do heavy metal que a Metal Queen e o Metal God gravaram juntos...

Doro Pesch: (rindo bastante) Sim, e em duas músicas! *Living After Midnight* e *Total Eclipse of the Heart*, sendo que gravamos vídeos para as duas. Eles ficaram tão bons, e estou tão feliz! O de *Total Eclipse of the Heart* foi lançado no mesmo dia do disco, e foi uma imensa honra trabalhar com Rob Halford, porque a minha primeira grande turnê foi com o Judas Priest, em 1986, e eu já era uma grande fã da banda! Desenvolvemos uma grande amizade desde então. Reencontramo-nos em 2022 no Hellfest, na França, e, como tocávamos no mesmo dia, ficamos batendo papo no backstage. Rob perguntou o que eu estava fazendo, e contei que estava finalizando meu novo disco, me preparando para as comemorações do 40º aniversário, e foi aí que ele disse: 'Acho que está na hora de fazermos algo juntos!', e respondi que ficaria imensamente feliz com isso! Em seguida, ele perguntou qual música eu gostaria que cantássemos juntos, e respondi: 'Rob, nasci e fui criada com o *British Steel* e já fiz um dueto com Udo Dirkschneider em *Breaking the Law*, mas tem outra música que eu gostaria muito, que é *Living After Midnight*'. Ele gostou da ideia e disse: 'Tenho um pedido, uma música que sempre quis cantar com você', e mencionou *Total Eclipse of the Heart*. Eu fiquei pasma! Foi tão inesperado! Gravamos as duas, e o vídeo de *Total Eclipse of the Heart* ficou maravilhoso. Rob está lindo usando um longo casaco de couro preto! Sou tão grata por ter conhecido todas essas pessoas, por ter trabalhado com Ronnie James Dio, Judas Priest, Mötorhead, Gene Simmons, e eu era uma grande fã de KISS quando criança... Nunca pensei que seria possível fazer todas essas coisas incríveis! E só faço isso pelos fãs. É a minha única motivação e inspiração. Se eu puder fazer os fãs felizes e dar a eles energia, então esse é o sentido da vida para mim!

Outra música que chamou a minha atenção foi *Heavenly Creatures*, porque ela é sobre animais. Eu amo cachorros, por exemplo, e considero o meu cão o meu filho mais velho... (risos)

Doro: Eu também amo os animais! Inclusive, estou em contato com pessoas que resgatam animais de situações ruins porque estou pensando em fazer algo em conjunto. Animais são anjos sem asas, são seres sagrados, e eu os amo demais! Cresci cercada por cachorros e cavalos, e isso é a única coisa da qual sinto falta na minha

vida, porque estar sempre em turnê impossibilita ter animais de estimação. Quando a música for lançada, quero dar algo para uma boa organização que cuide de animais. Eu já adotei dois cavalos na Áustria, e eles ficam numa espécie de santuário para diversos animais que sofreram maus tratos e que agora podem viver uma vida saudável e tranquila, livre de jaulas. Entendo perfeitamente quando você diz que seu cachorro é o seu filho mais velho, porque eles são realmente celestiais, e espero que as pessoas se deem conta disso e passem a tratá-los com mais respeito. Esse é o motivo de eu ter me tornado vegana. Não consumo mais carne nem nada de origem animal, e minhas roupas de show são confeccionadas em couro vegano, então fico tranquila por estar bem vestida sem ter machucado nenhum animal para isso. Sei que este é um tópico sensível. Muitas pessoas gostam de comer carne animal, gostam de vestir couro animal, mas eu pelo menos tento mostrar que existem outras formas de se vestir bem, de comer de forma saudável e se divertir. Não é meu papel dizer a ninguém como deve viver sua vida, mas procuro mostrar para quem tiver interesse que há opções, e uma das formas de fazer isso é com essa música. Quando eu era adolescente, não tinha essa consciência, mas a medida em que fui crescendo, e já na vida adulta, descobri que é uma crueldade imensa com os animais... A verdade é que se as pessoas vissem como a coisa acontece, ninguém comeria carne ou usaria couro animal, porque foi assim que decidi me tornar vegana. Amo cachorros e cavalos, mas também galinhas, vacas, bois e porcos, que são tão inteligentes quanto cachorros, por isso busquei tratar desse assunto de uma maneira sensível na música, afinal, sei que tem quem se sinta ofendido com a proposta vegana. Na minha equipe de turnê, tem gente que come carne, linguiça e salsicha, e eles ficam tirando com a minha cara (risos), mas fico com a minha salada, pães e legumes, que nem sempre são super saborosos, mas pelo menos ninguém morreu só para eu me alimentar. Quem tem animais de estimação consegue entender isso mais rápido, e a minha intenção com *Heavenly Creatures* é boa. Eu não quero mandar na vida de ninguém.

Sobre o título do novo álbum, gostei muito de você ter dito que ele 'soa mais poderoso. É a forma feminina de conquistar, e acho isso legal.' Demorou muito para as mulheres conquistarem o que merecem no heavy metal, certo?

Doro: Sim, e eu vi tantas mulheres incríveis ao longo dos anos! Agora tem a Crypta, há grandes cantoras como a Floor Jansen, Tarja, Alissa White-Gluz, Lzzy Hale... São tantas mulheres incríveis! Quando eu comecei, nos anos 1980, éramos poucas, e era muito solitário. Nos shows e festivais, havia 99% de homens, e no backstage tinha menos mulheres ainda! Eu, Lita Ford, Joan Jett, Lee Aaron, as meninas do Girlschool. Era basicamente isso, e agora nós estamos por toda parte, como vocalistas, guitarristas, bateristas! Eu amo a Nita Strauss, guitarrista do Alice Cooper. Ela é tão talentosa, e isso nos faz sentir bem, nos empodera e serve como inspiração para meninas se interessarem em tocar algum instrumento ou aprender canto. Testemunhar tudo isso me deixa muito feliz, porque você lembra como as mulheres apareciam nos clipes nos anos 1980, né? Todas sempre muito sexy, dançando Sim, é legal ser sexy, mas hoje temos o pacote completo, não só o visual! As mulheres buscam ser respeitadas como grandes musicistas que são, e isso é o máximo!

CONQUERESS: FOREVER STRONG AND PROUD
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

E você teve e ainda tem um papel importante. Doro Pesch foi a primeira mulher a liderar uma banda no Monsters of Rock em Castle Donington, em 1986. Quebrou barreiras...

Doro: Nossa, obrigado! Olha, nós não sabíamos que o festival era tão grande e importante, mas aquele dia realmente mudou tudo! Não sabíamos porque naquela época não havia internet nem celulares, então pensei que haveria umas dez mil pessoas presentes. Quando chegamos lá, vi centenas de milhares de pessoas e fiquei nervosa! Estava a caminho do palco quando encontrei com o Lemmy, que me desejou bom show e perguntou: 'Você está nervosa?', e eu estava tremendo! (risos) Ele me abraçou e beijou a minha testa, então eu subi ao palco com aquele beijo na testa ainda fresco, me sentindo muito poderosa, e o Warlock fez um grande show! Os fãs estavam enlouquecidos. Todo mundo parecia estar curtindo muito, cantando, batendo cabeça! Quando saímos do palco, todos os jornalistas, empresários, assessores e o pessoal das gravadoras estavam dizendo 'vocês fizeram um excelente show! Nós demos a vocês essa chance!', e a turnê com o Judas Priest, que aconteceu algumas semanas depois, foi por causa desse show no Monsters of Rock. Não imaginávamos que era algo tão importante, e aquele dia realmente mudou a minha vida. Estava tudo indo bem, só que as coisas ficaram ótimas depois daquela apresentação.

E é uma história que ainda tem muito a ser contado...

Doro: E eu tenho uma para lhe contar: em 1984, recebemos o telefonema de um promotor de eventos na Holanda, dizendo 'tenho um local que suporta 4 mil, 5 mil pessoas. Vocês gostariam de tocar aqui?'. Nós aceitamos, e ele continuou: 'A outra banda que iria tocar não conseguirá vir'. O produtor não disse qual era, mas eventualmente descobri que era o Twisted Sister, e ele continuou: 'Haverá outra banda, vindo de São Francisco, então, se for possível, gostaria que vocês tocassem antes dela. Ainda que anunciemos as duas como headliners, seria legal se vocês pudessem tocar antes'. É claro que topamos. Não era problema nenhum, porque só queríamos tocar! Fizemos o show para uma plateia completamente insana, que batia cabeça e pulava do palco, e decidimos ficar para ver o outro show, e foi quando vi o Metallica subindo ao palco! Foi a primeira vez que eu os vi ao vivo, e foi quando nos conhecemos e nos tornamos imediatamente amigos! Tocamos juntos mais algumas vezes, uma delas no Metal Hammer Festival, na Alemanha, e eles sempre foram maravilhosos. Cliff Burton, James Hetfield... Todos! Assim, é claro que eu tinha de regravar *The Four Horsemen*, por todas essas lembranças maravilhosas! Só de pensar que assisti ao Metallica num lugar menor, tocando para quatro mil pessoas, e 31 anos depois pude vê-los no Rock in Rio... Isso é incrível! É muito bom ver como o metal cresceu e como bandas como Metallica se tornaram imensas no mundo todo, porque o estilo não era muito respeitado quando comecei. Todos nós, metalheads e bandas, tínhamos de lutar por aceitação e respeito, e fico feliz por hoje estarmos firmes e fortes. O Metallica se tornou a maior banda do mundo, e isso é fantástico!

COLLECTION

Por Valtemir Amler

É mais do que compreensível, é até natural que a Bélgica não seja o primeiro país que vem à mente quando falamos em heavy metal. Afinal, lá nunca houve algo como um movimento da magnitude da 'true norwegian black metal' ou algo como o 'Gothenburg Sound' ou ainda 'Bay Area Thrash' – e isso só para ficar nos mais evidentes. Por outro lado, a Bélgica sempre apareceu com a banda certa para o momento certo, como foi o caso de Acid, Aborted e, é claro, Enthroned. Nascido em 1993, em plena efervescência do black metal nórdico, eles precisaram trabalhar muito para se firmar em um cenário que privilegiava suas contrapartes da Noruega, Suécia e Finlândia. Depois de uma ótima estreia que acabou por atingir apenas os fãs mais ardorosos do estilo, eles finalmente deram um salto de popularidade na virada do milênio, época em que lançaram três de seus álbuns mais conhecidos do público. Com uma formação sempre instável, em 2006 o Enthroned se tornou um daqueles grupos que não possuem nenhum de seus membros fundadores na formação atual, mas isso não diminuiu o ímpeto de uma das grandes forças do black metal no mundo. Liderados pelo guitarrista Nornagest, eles mantêm seu nome entre as bandas mais perigosas do mundo.

IMPERDÍVEIS

PROPHECIES OF PAGAN FIRE (1995)

Depois de registrar a famigerada *Demo 1994*, os fundadores Lord Sabathan (baixo e voz), Tsebaoth (guitarra) e Cernunnos (bateria) conseguiram um contrato de um único álbum com o humilde selo underground Evil Omen Records, e foi dessa parceria que nasceu seu registro de estreia. Gravado no estúdio Hautregard naquele mesmo ano de 1995 ao lado do produtor Ludo "Evil" Lejeune (Black Altar, Antaeus, Crest of Darkness e outros), pode-se dizer que *Prophecies of Pagan Fire* era uma evolução daquilo que fora mostrado no ano anterior, registrando as versões finais e eternas das canções contidas na demo. Com uma qualidade de som bem típica da época (e até hoje ideal para o black metal), o disco destaca canções rápidas e letais, como *Scared by Darkwinds*, muito provavelmente o maior clássico dos belgas em toda a sua carreira e presença constante até nos shows solo do seu ex-líder, Lord Sabathan. Mas você se engana se pensa que essa é a única grande contribuição deste registro, que ainda traz a mordaz *Under the Holocaust*, além da trinca *At Dawn of a Funeral Winter*, *Rites of the Northern Fullmoon* e *Skjeldenland*, que caberiam à perfeição em qualquer dos velhos clássicos do Immortal. Para uma audição mais satisfatória, não deixe de conferir *At the Sound of the Millennium Black Bells* e *Deny the Holy Book of Lies*. Clássico absol uto.

CARNAGE IN WORLDS BEYOND (2002)

Com a virada do milênio, veio também uma gigantesca mudança no status do Enthroned. Antes apenas azarões do black metal belga, eles eram agora uma das principais forças do gênero em todo o planeta, com seus álbuns lançados em vários territórios (incluindo o Brasil) e tocando em shows lotados por toda a Europa. Apesar de tudo isso, eles ainda sofriam com certa resistência de parte do público, que relegava-os a uma prateleira inferior apenas por conta de não serem uma banda nórdica. Embora irritados com essa situação ridícula, Sabathan, Nornagest, Nerath Daemon (guitarra e teclados) e o estreante Alsvid (bateria, Seth, Ad Patres) alcançaram uma maestria inimaginada nos dez petardos que compõem esse clássico, dentre eles o cover para *Diabolic Force*, do Morbid Death (que contou com antigos integrantes do Enthroned). Com a produção sempre muito competente do alemão Harris Johns (que trabalhou em álbuns clássicos de Sodom, Kreator, Tankard, Voivod, Coroner e muitos outros), o disco mostrou a fúria que precisava para fazer frente ao seu catálogo anterior e chegou até a surpreender os velhos fãs com petardos como *Radiance of Mordacity*, a longa *Graced by Evil Blood*, a metralhadora *Jehova Desecration* e até um novo clássico, *Spawn From the Abyss*. O novo milênio começava com a velha fúria devota às trevas.

EXCELENTES

TOWARDS THE SKULLTHRONE OF SATAN (1997)

Com o passar dos anos, todas as bandas passam por transformações. Algumas são fundamentais para aquilo que a banda fará no futuro enquanto outras parecem colocar em xeque esse mesmo futuro. Nos anos que seguiram o lançamento de seu clássico debut, o Enthroned viveu as duas situações, e com uma grandiosidade inimaginável. Primeiro, a banda ganharia uma de suas principais forças motoras com a entrada do guitarrista Nornagest, em 1995. Depois, em abril de 1997, seu baterista fundador, Cernunnos, cometeria suicídio. Não está claro se a banda um dia chegou a cogitar a dissolução, já que o álbum que seguiria a tragédia é segura e indubitavelmente um dos mais fortes de toda sua carreira. Gravado entre abril e maio de 1997 no Hautregard Recordings de Liege (BEL) ao lado do produtor André Gielen (Channel Zero, Celestial Season), o álbum conta com as ótimas *The Antichrist Summons the Black Flame* e *When Horny Flames Begin to Rise*, que mesclam com perfeição música veloz e extrema com aquela ambientação sinistra tão grata aos velhos clássicos do black metal noventista, prova de que a banda estava viva e firme.

THE APOCALYPSE MANIFESTO (1999)

O leitor que viveu a época certamente lembra de todo o "temor profético" que tomou de assalto a mente de certa parte do planeta naquela virada de milênio, com todas as teorias de que o mundo estava destinado a terminar antes da chegada do ano 2000. Já que era assim, o que havia de melhor para uma banda fazer em dezembro de 1999 do que lançar um álbum que era um tributo ao apocalipse? As guitarras gritantes da intro *Whisperings of Terror* são um prenúncio do massacre sonoro promovido pela faixa-título, que colocava o Enthroned entre os atos mais extremos lançados naquele ano, repleto de álbuns incríveis de black metal (o bom leitor pensou em uma belezinha chamada *Panzer Division Marduk*, certo?). Sem brincadeira, todas as faixas deste álbum são obrigatórias, mas você terá boas surpresas com as longas *Retribution of the Holy Trinity* e *The Scourge of God*, únicas em suas propostas musicais, que mesclam partes cadenciadas e melódicas com puro caos musical. E, convenhamos, *Post-mortem Penetrations (Messe des Saintes Mortes)* mereceria o Nobel de Literatura pela poesia de seu título. Sutil como uma britadeira.

COLD BLACK SUNS (2019)

Em seu mais recente álbum de estúdio, os belgas resolveram dividir o trabalho ao longo da Europa. Bateria, guitarra e baixo foram gravados em Portugal, os vocais na Bélgica e enfim o disco foi masterizado no Reino Unido. Sim, uma bagunça, mas que surtiu em ótimo resultado. Já com toda a carga mais ocultista dominando a trama lírica e musical, eles apresentam um álbum em que as ambientações são tão importantes quanto a brutalidade, trazendo um equilíbrio único que vem sendo a característica básica da banda desde a saída de Sabathan e, acredite, é um ótimo sinal. Você poderá ouvir isso com clareza ao colocar o álbum para rolar: enquanto a abertura, *Ophiusa*, apela para a ambientação, a sequência *Hosanna Satana* é absurdamente brutal, veloz e com um ótimo 'breakdown'. Logo depois, *Oneiros* coloca novamente a ambientação em destaque, intercalando momentos mais ríspidos e brutais. Vale mencionar que o álbum foi masterizado pelo colombiano Jaime Gomez Arellano, que vem trabalhando com todo mundo que vale a pena no metal, de Hexvessel, Opeth e Paradise Lost até Grave Miasma, Teitanblood e Hooded Menace. Que venha o próximo.

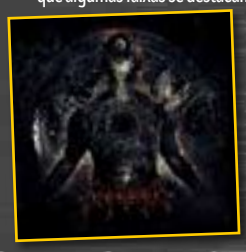
BONS

TETRA KARCIST (2007)

Pode não ser a escolha mais óbvia, pode ser até um álbum pouco lembrado na discografia dos belgas, mas o fato é que existem muitos pontos fortes a serem destacados neste sétimo registro completo de estúdio. Primeiro, a qualidade de som conseguida por Harris Johns é absolutamente incrível: é possível ouvir em detalhes a performance de cada instrumentista, o que é sempre ótimo quando você de fato tem ótimos músicos em estúdio. Segundo, Nornagest vinha com sangue nos olhos neste que foi seu primeiro álbum como vocalista do Enthroned (já que Sabathan havia deixado a banda logo após o lançamento do álbum anterior, *XES Haereticum,* de 2004), com um desempenho soberbo. E terceiro, o repertório é absurdamente funcional, desde a introdução *Ingressus Regnum Spiritus* (que realmente acondiciona a mente do ouvinte no universo do álbum) até o fechamento, com *Antares*. Entre os dois extremos mais climáticos, o inferno corre solto em atos como *The Seven Ensigns of Creation* (cadenciada e mordaz) e *Tellum Scorpionis* (brutal e com ótimas linhas de guitarra, incluindo um solo grandioso).

OBSIDIUM (2012)

Embora a inspiração estivesse correndo solta, aquela foi uma época um tanto estranha para o Enthroned. Depois de três álbuns ao lado da Napalm, a banda lançara um álbum pela Regain e agora com a Agonia Records. A constante mudança de selo não afetou a produção musical e, felizmente, nem a qualidade do material. Com todas as tarefas a cargo da própria banda (o guitarrista Neraath vem cuidando das capas desde 2002 e o baixista Phorgath trabalhou na produção), eles mostraram mais uma vez que sabiam como as coisas deveriam funcionar para o Enthroned e entregaram um disco na medida para o mercado black metal da época. Sombrio, frio e repleto de angústia, *Obsidium* traz em seus pouco mais de quarenta minutos tudo aquilo que se espera de um bom álbum do estilo, da ambientação serena ao caos desesperador. Claro que algumas faixas se destacam na interessante trama musical de *Obsidium*, então, se você é daquele que gosta de grandes ambientações, comece pela última faixa, *Thy Blight Vacuum*. Mas, se prefere porradaria, *Horns Aflame* e *Sepulchred Within Opaque Slumber* são obrigatórias.



CUIDADO

ARMOURED BESTIAL HELL (2001)

Se você acompanhou o desenvolvimento do Enthroned no início do milênio com ao menos um pouco de atenção, certamente já imaginava que *Armoured Bestial Hell* estaria nesta posição. Claro, é de se perguntar: "O que há de tão errado neste álbum?" A resposta não é nada simples, afinal, eles ainda estavam praticando um black metal rápido e brutal, os riffs estavam ali, a bateria ainda soava como uma metralhadora. A produção do alemão Oliver Große-Pawig (Sodom, Occult, Sinister) não comprometeu em nada e até a capa do australiano Rok (Sadistik Exekution) é boa. Então, o que há de errado? É difícil apontar o dedo para algo específico, mas especialmente, olhando em retrospecto, é difícil acreditar que este é o álbum entre *The Apocalypse Manifesto* e *Carnage in Worlds Beyond*. A maldição de estar entre dois clássicos absolutos, dois favoritos dos fãs. Sim, comparado aos citados, *Armoured Bestial Hell* carece de força e inspiração, mas têm suas boas músicas, como acontece em *Enslavement Revealed, Spheres of Damnation* e a longa e variada *When Hell Freezes Over,* com ótimas guitarras.

OUTROS: Como é de se esperar em bandas firmemente conectadas ao underground, o Enthroned construiu uma sólida discografia além dos álbuns completos, com EPs, splits e registros ao vivo aparecendo de quando em quando. Para os fãs mais fiéis, o EP *Regie Sathanas – A Tribute to Cernunnos* (1998) é obrigatório, já que é uma ótima homenagem póstuma ao baterista fundador. De álbuns completos, *XES Haereticum* (2004), último com Sabathan nos vocais, é uma ótima pedida. *Pentagrammaton* (2010) e *Sovereigns* (2014) também não vão decepcionar os fãs de black metal, já que consistência é uma das marcas dos belgas. Se surgir a oportunidade, confira os splits *Hymns To The Fallen I, II* e *III* (1998, 1999 e 2000, respectivamente) que mostram a banda ao lado de outros bons nomes do underground extremo.

HIDDEN TRACKS

OBTAINED ENSLAVEMENT

Por Valtemir Amler

A grandeza do cenário underground dos anos 90 pode ser tanto boa quanto ruim, dependendo apenas do olhar do interessado. Para aqueles que só querem uma visão mais superficial, o underground começava a se tornar confuso demais. Havia uma cena diferente em cada local, cada uma delas era formada por várias bandas e cada banda tinha integrantes conectados com outros grupos e projetos, formando uma bagunça tão grande na cabeça dos "não iniciados",+ que praticamente os impele a ficar longe. Para apaixonados pela cena, colecionadores e aficionados pela história da música pesada, porém, parece um paraíso, e exatamente por conta dos mesmos motivos mencionados antes. Dito isso, a cena black metal norueguesa dos anos 90 foi um turbilhão. Tanta coisa acontecia ao mesmo tempo que não é raro encontrar até os fãs mais dedicados meio que perdidos entre tantos acontecimentos, dentro e fora da música. Com o passar dos anos, temos tentado desenrolar tudo o que aconteceu por lá nas páginas da ROADIE CREW em várias seções, e hoje é a vez de olhar para um capítulo especial, o Obtained Enslavement, nome que, na época, todos acreditavam que seria tão grande quanto ou até maior do que o Dimmu Borgir.

Criado em 1989 na cidade de Stord, o Obtained Enslavement era outra das muitas bandas norueguesas daquele período que nasceram com os pés cravados no death metal. Contando inicialmente com Ørjan "Torquemada" Risan na bateria, Ove "Døden" Sæbø na guitarra e Thomas "Pest" Kronenes nos vocais e no baixo, eles não conseguiram ficar indiferentes ao advento do black metal nos anos 90 e rapidamente começaram a incorporar elementos da sonoridade perpetrada pelos pioneiros Mayhem, Darkthrone e Burzum em sua fórmula musical. A evidência disso era clara já em sua primeira demo autointitulada, lançada em 1992: o death metal estava ali, presente em cada linha instrumental, mas a atmosfera típica do black metal já transparecia nas composições. Para a gravação, eles acabaram contando com outro músico, que acabaria se tornando uma figura proeminente na história da banda desde então: o guitarrista e tecladista Heine "Heks" Salbu. Com ele, estava formado o núcleo de uma das bandas mais promissoras do black metal sinfônico norueguês.

Divulgação

Porém, como um contrato ainda não havia aparecido, no ano seguinte eles partiram para a sua segunda demo, *Out of the Crypts*, também disponibilizada apenas em cassete. Embora a aceitação no underground tenha sido satisfatória, os contratos ainda permaneciam centrados nos ases da cena norueguesa e nenhuma porta foi aberta. Cansados de esperar, decidiram partir para o primeiro álbum por conta própria, e assim foi o início do processo que gerou *Centuries of Sorrow* (1994), hoje um clássico cult daquele cenário. A capa tosca em preto e branco, o logo ilegível, tudo remetia a algo místico e 'gore' ao mesmo tempo, o que combinava à perfeição com aquilo que acontecia no metal extremo naquele momento. Mesmo sendo material de difícil acesso, o álbum apresentou a banda a muitos fãs, e o desejado contrato finalmente veio com a Wounded Love, gravadora de Taake, Hades Almighty, Dark Sanctuary e outros. Dessa parceria nasceu *Witchcraft* (1997), um dos álbuns mais reverenciados do symphonic black metal. Produzido pelo célebre Pytten (Enslaved, Burzum, Immortal, Gorgoroth e muitos outros) e gravado no Grieghallen de Bergen, o disco praticamente apresentou o quarteto ao mundo, e dali foi um salto: já no ano seguinte eles estavam na austríaca Napalm, gravadora com a qual ficariam até o fim da sua carreira. Embora Pest tenha se unido ao Gorgoroth e Døden tenha tocado com o Aeternus na época, eles se mantiveram firmes em *Soulblight* (outro álbum reverenciado pela crítica), e foi apenas em *The Shepherd and the Hounds of Hell* (2000) que as coisas começaram a desandar. Porém, ali já era o fim. Naquele mesmo ano, a banda anunciava sua dissolução. Torquemada segue ativo com a banda punk Greenland Whalefishers, e após sua louvada passagem pelo Gorgoroth, Pest segue com o Octagon. Heks e Døden não aparecem no cenário há anos.

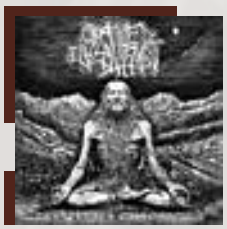
ORIGEM:
Noruega

ÉPOCA:
Anos 90

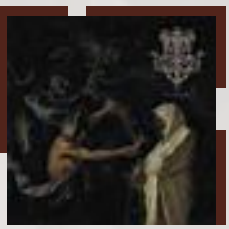
ESTILO:
Black metal

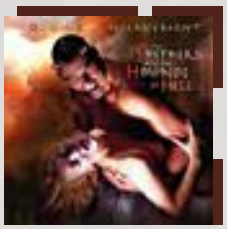
FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Pest (vocal e baixo), Døden (guitarra), Heks (guitarra e teclado) e Torquemada (bateria)

DISCOGRAFIA:
Centuries of Sorrow (1994), Witchcraft (1997), Soulblight (1998) e The Shepherd and the Hounds of Hell (2000)


Centuries of Sorrow (1994)

Witchcraft (1997)


Soulblight (1998)


The Shepherd and the Hounds of Hell (2000)

MS METAL RECORDS

APRESENTA:

PSYCHOTIC APES – MARAKATUS

Batuques ancestrais, guitarras pesadas e vocais melódicos e agressivos dão o tom do álbum MARAKATUS, terceiro da banda de metal alternativo PSYCHOTIC APES.

EM BREVE DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon Prime music · Available on iTunes · MS METAL RECORDS

anúncio: www.jduartedesign.com

Uma das principais vozes do hard'n'heavy apresenta seu mais novo álbum, *Child Within the Man*

Por Valtemir Amler

Para aqueles que acompanhavam com devoção o cenário hard'n'heavy em meados dos anos 90, a notícia da saída do vocalista Sebastian Bach do lendário Skid Row parecia um prenúncio de céus cada vez mais escuros dali em diante: uma das bandas mais importantes da cena perdia seu líder icônico, ao passo que o vocalista perdia a banda com a qual havia conquistado o sucesso mundial. Porém, muito embora as duas partes tenham tomado seu tempo para retomar uma caminhada firme, hoje é correto dizer que ambas conseguiram dar a volta por cima e se manter nos holofotes. Da sua parte, Sebastian começou sua jornada solo com o ao vivo *Bring 'Em Bach Alive* (1999, no qual revisitava seu repertório clássico com o Skid Row), seguido pelos álbuns de estúdio *Angel Down* (2007) e *Kicking & Screaming* (2011), mais um ao vivo (*ABachalypse Now*, 2013) e então *Give 'Em Hell* (2014), todos mostrando que ele ainda era aquele mesmo vocalista versátil, capaz de partir de uma balada pegajosa para um hard mais visceral com equilíbrio, sem afetar sua performance. Se dez anos se passaram entre *Give 'Em Hell* e o novíssimo *Child Within the Man*, a verdade é que para o ouvinte (e provavelmente também para o vocalista) o tempo não parece ter passado. As canções pesadas e repletas de groove continuam aqui, assim como sua voz parece ter o gancho perfeito para cativar multidões. Prestes a desembarcar no Brasil em mais uma turnê, Sebastian conversou com a ROADIE CREW sobre a vida nos palcos, o novo álbum e muito mais.

Olá, Sebastian, é muito bom falar com você. Como estão as coisas nesse momento, em que se prepara para voltar para o Brasil?

Sebastian Bach: Olá Valtemir, obrigado pela oportunidade! Você sabe, está tudo muito bem, com muita coisa acontecendo: um novo disco está prestes a ser lançado, um novo single saiu hoje (N.R.: refere-se a *(Hold On) To the Dream*), a turnê do novo álbum e os shows especiais celebrando os 35 anos do disco de estreia do Skid Row (*Skid Row*, 1989), então, é um ótimo momento. E, sim, muito em breve estarei de volta ao Brasil, e estarei aí em São Paulo no mesmo dia que Gene Simmons, então acho que não tem como ficar muito melhor que isso!

Aparentemente, você não consegue evitar estar perto de Gene Simmons.

Sebastian: Ah, ele é ótimo, é sempre divertido estar onde ele está (risos). Pois é, alguns anos atrás estivemos em turnê juntos pelo Brasil, e na ocasião outros amigos estavam juntos conosco: Matt Sorum (bateria, ex-The Cult e Guns N'Roses), Duff McKagan (baixo, Guns N'Roses), Glen Hughes e tantos outros. Foi uma loucura, muito divertido! Mas dessa vez será algo totalmente diferente, pois tenho meu novo álbum e todo um novo show para apresentar, então, será uma experiência diferente. Além disso, em algumas datas especiais, apresentaremos *Skid Row* na íntegra, mas claro, não faremos isso em um festival. Então, espero que nos acompanhe também em Curitiba, prometo que valerá a pena!

Bom, baseado no que falou, o novo show será basicamente focado no novo álbum, certo?

Sebastian: Não, na verdade o show será focado em todo o meu catálogo. Claro, tenho um novo álbum e ele será representado no show no Summer Breeze de São Paulo, mas tocarei canções de todos os meus álbuns.

Se nas ocasiões anteriores você tocou em eventos menores, agora estará aqui em um grande festival. Isso faz alguma diferença no aspecto mental da coisa?

Sebastian: Faz diferença, sim! A verdade é que existe um lado evidentemente muito bom de tocar em um grande festival, mas também tem um lado ruim. Ou seja, é bom e ruim ao mesmo tempo (risos).

Em que sentido?

Sebastian: Às vezes preciso ignorar a plateia. Veja, não quero dizer nada ruim com isso, é apenas que não posso ficar muito impressionado com a plateia, não posso deixar isso mexer comigo. Sabe, às vezes, quando estou no Brasil diante de plateias enormes, aquilo me deixa louco, fico tão empolgado que não consigo me concentrar no que estou fazendo (risos gerais). Eu meio que tenho que me colocar à parte do que está acontecendo, acredite ou não, preciso ignorar a plateia para manter a sanidade (risos gerais). Mas, cara, esse é um ótimo problema para ter, certo?

Sem dúvida. E vale mencionar que esse não é um fenômeno exclusivo do Brasil e da América do Sul, vi um show seu no Japão e a coisa foi absolutamente insana, era impossível ouvir a sua voz!

Sebastian: Ah, acho que sei de que show está falando (risos). Pois é, é exatamente sobre isso que estou falando. Se eu começo a entrar na vibração da plateia, se começo a ficar excitado demais com tudo o que está acontecendo, a coisa muito facilmente pode sair dos trilhos (risos). Mas eu amo isso, é incrível perceber o quanto as pessoas se identificam com essas músicas, o quanto elas são importantes nas suas vidas. Justamente por saber o quão importantes são essas músicas para os fãs é que tento me manter à parte da plateia e de toda aquela empolgação, pois acredito que as pessoas merecem minha melhor performance naqueles temas que amam.

Que legal, cara!

Sebastian: Acho que é isso que mais gosto como fã de música, também. Aliás, a música é a coisa mais poderosa do mundo. Não conheço nada que mexa tanto com as pessoas quanto a música, e sou um privilegiado por ter essa carreira!

Além dos palcos, seu novo álbum, *Child Within the Man*, está prestes a ser lançado. Como você gosta de iniciar o trabalho para um novo álbum?

Sebastian: Para começar, deixe-me dizer que sei que demorou um bocado até esse novo álbum. Acho que demorou tanto porque preciso sentir que estou ao lado das pessoas certas para começar a trabalhar em novas músicas. Preciso estar com os músicos certos, mas também com toda a equipe de estúdio, com a gravadora certa, com a agência de divulgação certa, tudo isso. Para mim, nessa altura da minha vida, não faria sentido lançar um álbum de qualquer jeito e sem ninguém ficar sabendo, então todo um circuito precisa estar funcionando para que comece a trabalhar em novas músicas, e isso leva tempo. Agora, quanto à maneira de escrever, isso pode soar estranho, mas gosto de começar com títulos. Ao longo do tempo, vou anotando todas as boas ideias em um bloco e no final acabo com centenas de títulos de canções para escolher, às vezes versos de música, e isso me servirá de base para o próximo passo.

CHILD WITHIN THE MAN
Reigning Phoenix/Valhall/Sound City - Nac.

Que seria?

Sebastian: A música propriamente dita. Começamos a colocar as partes instrumentais em ordem, e enquanto cada um vai apresentando suas ideias, vou olhando esse meu caderno e encontrando os títulos e versos que encaixam com a vibração que sinto de cada música que criamos. Sei que não é muito comum, mas é assim que gosto de trabalhar, sinto que ajuda na minha criatividade.

Sobre o título do novo álbum, *Child Within the Man* (N.R.: a criança dentro do homem) acho que ele soa bem para todos nós, todos nos identificamos com esse sentimento.

Sebastian: Bem, você é um jornalista de rock'n'roll, e então tenho certeza de que vai me entender quando digo que existe algo no rock que nos mantém jovens, que mantém nosso espírito jovem. Não sei por que estamos programados como humanos para responder tão profundamente aos sons e melodias, eu não sei e nem entendo a razão, mas é assim que somos. Essa música nos mantém jovens para sempre.

Particularmente, quando li esse título pela primeira vez, comecei a pensar em um pequeno garoto que vivia em seu próprio mundo, que tinha seus ídolos e seus sonhos e resolveu jogar tudo o que tinha para viver esse sonho, e que um dia acabou tendo seu nome citado ao lado dos nomes dos seus ídolos. Você conhece alguém que caberia nessa descrição?

Sebastian: Uau, isso é... Cara, que legal é ouvir isso durante uma entrevista, quer dizer (N.R.: ele faz uma pausa). Bem, não quero deixar que isso tudo pareça que é sobre mim, mas que legal isso, muito obrigado, você é muito gentil. Pois é, é o sonho do rock'n'roll. Quando você tem um sonho como esse, como poderia envelhecer? A criança sempre viverá dentro de você.

É bom que viva mesmo, porque é preciso um certo fôlego para encarar canções como *Everybody Bleeds*. Quer dizer, essa é uma canção bem intensa, muito pesada.

Sebastian: Ah, essa é mesmo (risos). Eu disse à minha gravadora: 'Vocês têm certeza de que querem lançar essa canção como single? Têm certeza?' (risos gerais) No fim das contas, tudo correu muito bem, as pessoas parecem estar adorando (risos).

Que riff é aquele, hein?

Sebastian: Pois é, tem groove, é pesado! É o tipo de música perfeita para tocar ao vivo!

Ao longo dos anos você também tem trabalhado como ator e dublador. Todos conhecem suas aparições em Gilmore Girls e Californication, mas confesso que a parte que mais gosto é aquela pequena participação em Robot Chicken.

Sebastian: Ah, como assim? (rindo muito) Para mim é absolutamente incrível imaginar que você está no Brasil e sabe sobre minha participação em Robot Chicken, isso é incrível! (risos). Cara, eu gosto de fazer essas coisas malucas, e as pessoas continuam me convidando, então... (risos) Bom, já que você gosta desse tipo de coisa, saiba que eu também sou o Tritão em Bob Esponja (risos gerais). Se quiser assistir essa pérola, basta conseguir o DVD 'Bob Esponja: A Vingança de Tritão' (risos). Gosto de me considerar um artista e um animador, então gosto de fazer coisas que animem as pessoas. Sempre aparecem ofertas interessantes, participei há pouco tempo do The

Masked Singer aqui nos EUA, e acabei de filmar uma série para o canal Food Network, chamada Worst Cooks in America (N.R.: A Batalha dos Piores Cozinheiros, no Brasil), onde devemos fazer o que o título dá a entender (risos).

Você conseguiu cozinhar o pior prato?
Sebastian: Bem, me esforcei muito (risos gerais).

Para encerrar, seu pai era pintor (David Bierk, falecido em 2002) e foi o responsável por várias capas de discos ao longo da sua carreira. O quanto ele influenciou na sua jornada?
Sebastian: Muito! Sempre amei as pinturas dele, por isso optei pelas obras dele várias vezes. Inclusive, tem uma coisa legal sobre esse novo álbum. Na capa, o que você vê são obras dele. Primeiro, existe uma pintura que ele fez de mim quando eu tinha 10 anos, em 1978. Ela foi combinada com outra pintura que ele fez de mim em 1990. Combinei essas duas pinturas, e elas representam quem eu era como criança, e depois como um jovem cantor. É uma pintura feita dos céus, talvez. Meu pai faleceu, e ainda assim continua sendo o responsável pelas melhores capas dos meus trabalhos. É uma pintura que foi iniciada em 1978, e que terminou agora, em 2024. Espero que ele esteja sorrindo quando vir isso, que ele fique orgulhoso do destino que decidi dar para essas pinturas.

SABE, ÀS VEZES, QUANDO ESTOU NO BRASIL DIANTE DE PLATEIAS ENORMES, AQUILO ME DEIXA LOUCO, FICO TÃO EMPOLGADO QUE NÃO CONSIGO ME CONCENTRAR NO QUE ESTOU FAZENDO (RISOS GERAIS).

Muito obrigado pela entrevista. Foi uma ótima conversa.
Sebastian: Obrigado, Valtemir, adorei falar com você, foi muito divertido. Nos vemos em breve no Brasil. Peço aos seus leitores para conferirem o novo álbum, estou bem feliz com o que conseguimos nele. Um grande abraço a todos!

Diego Padilha

Marcos Hermes

Diego Padilha

Diego Padilha

UMA BANDA BRASILEIRA QUE QUER SUPERAR AS MAIORES DO MUNDO

The Heathen Scÿthe é uma banda com uma proposta ousada, inovadora e cinematográfica.

Com seus figurinos, videoclipes, e cenografia de palco dignos das maiores bandas de metal do mundo, ela nos leva através de uma jornada ritualística com seu Post-Apocalyptic Pagan Metal.

Em seu primeiro EP, a banda não traz apenas uma coleção de músicas, mas sim, um ritual completo de magia cerimonial, convidando o ouvinte a entrar num mundo de ocultismo, paganismo e tradições antigas.

Sua música soa como uma fusão de pagan, symphonic, power e metal tradicional, com elementos de metal industrial, nu-metal, metalcore e metal extremo. Essa mistura única de gêneros cria uma tapeçaria sonora tão cativante quanto diversificada.

Site: theheathenscythe.com

Instagram: @the_heathen_scythe

Youtube: @TheHeathenScythe

Spotify: The Heathen Scÿthe

MERCHANDISING OFICIAL

BLACK GOAT
blackgoat.com.br

KERRY KING

FROM HELL I RISE

REIGNING PHOENIX/VALHALL/SOUND CITY - NAC.

9,0

Sejamos sinceros, qual é a chance de um fã de metal, de qualquer idade e com preferência por qualquer subgênero que seja, nunca ter ouvido sequer um riff de Kerry King? Se for possível que tal entidade extraterrestre exista, como ele sobreviveu a Rosswell, como escapou da Área 51? O que tanto ele tinha a fazer que não ouviu uma das melhores coisas que o nosso planeta tinha a oferecer, o Slayer? Pois bem, vamos focar em nós, terráqueos que sabem o que é bom. Primeiro, é chover no molhado, o que você espera de um álbum assinado por Kerry King? Pelo bem do futuro estudo da psiquiatria, espero que sua resposta não seja 'ah, algo bem diferente do Slayer, claro'. Tal nível de insanidade não deveria ser permitido, nem sob as lentes da ciência! Brincadeiras à parte, já no primeiro riff cascudo, sujo e cheio de arestas de *Diablo*, você percebe que se trata de um ótimo álbum. Não apenas por King, mas todos seus parceiros aqui entregam uma performance digna de um dos reis do thrash, e confesso que, mesmo após várias e várias audições, ainda não consegui encontrar algo que realmente me desagrade nesse álbum, apenas um leve incômodo com certas escolhas dos vocais, um excesso de partes declamadas. Tirando isso, é porrada sobre porrada, riff sobre riff, boa música após boa música. Sim, às vezes soa um tanto 'moderno', mas é um álbum moderno. E, no fim das contas, ainda é mais thrash do que a soma de tudo o que Metallica e Megadeth produziram nos últimos 30 anos! Não deixe de ouvir *Everything I Hate About You*, *Two Fists* (isso é hardcore!) e *Where I Reign*.

Valtemir Amler

CLOVEN HOOF

HEATHEN CROSS

HIGH ROLLER - IMP.

9,0

O décimo trabalho do Cloven Hoof, um dos vários nomes da NWOBHM que infelizmente não chegaram ao patamar de Iron Maiden e Saxon, é um alívio. Afinal, *Time Assassin* (2022) foi uma decepção após o ótimo *Age of Steel* (2020). Com *Heathen Cross*, Lee Payne (baixo, único da formação original) deu a volta por cima. E isso tem muito a ver com a presença de Harry Conklin, cujo estilo é muito superior ao seu antecessor George Call. A voz e a qualidade do cantor norte-americano, frontman do Jag Panzer, encaixaram perfeitamente ao grupo britânico. Mark Bristow (bateria) deu lugar à Ash Baker (que foi guitarrista do Cloven Hoof de 2019 a 2020), enquanto Chris Coss e Luke Hatton (guitarras) e Chris Dando (teclado) completam a formação. O que se ouve é uma reaproximação ao metal tradicional do autointitulado trabalho de estreia, lançado em 1984, mas sem a banda soar datada. *Redeemer*, na qual Conklin parece "incorporar" Rob Halford e King Diamond, *Vendetta*, *Last Man Standing*, *The Summoning*, *Frost And Fire*, *Sabbat Stones* e *Curse of the Gypsy* mostram que a veterana banda ainda tem muito para oferecer.

Alessandro Bonassoli

MARTY FRIEDMAN

DRAMA

FRONTIERS/SHINIGAMI - NAC.

8,0

Um passeio por sua carreira solo, especialmente passando mais tempo revisitando *Scenes* (1992) e *Introduction* (1994) – mas com Gregg Bissonette comandando as baquetas no lugar do saudoso Nick Menza. É possível resumir assim o novo álbum de Marty Friedman, *Drama*, 14º trabalho de estúdio do guitarrista. A despeito de ter uma faixa como *Dead of Winter*, que conta com os vocais de Chris Brooks (Like a Storm) e apresenta um forte apelo comercial mais moderno, como se fosse a faixa mais pop/hard rock de bandas mais novas e alternativas, o CD cativa mesmo em canções como as belíssimas *Illumination*, *Deep End* e *Mirage*, que muito bem poderiam estar no segundo ou no terceiro disco solo de Friedman. E ele não para por aí, uma vez que divide os holofotes com a incrível pianista/tecladista Mika Maruki, que chega até mesmo a roubar a cena em vários momentos, como em *A Prayer* e *Song for an Eternal Child*. No geral, a combinação dos talentos de Friedman e Maruki faz com que *Drama* seja um álbum para ser ouvido do início ao fim, e com bastante atenção para captar toda riqueza instrumental e, também, detalhes curiosos. Como os de *Acapella*, na qual você pode jurar que o guitarrista andou ouvindo bastante chorinho, e *Icicles*, que tem um groove que remete à música brasileira, a algo mais MPB, mesmo. E se você ouvir a ótima *Thrill City* e imaginar que ela é uma continuação de *Evil Thrill*, de *Dragon's Kiss* (1988), saiba que *Triumph (Official Version)* é, sim, uma versão atualizada (ou definitiva) de *Thunder March*, do primeiro disco solo de Friedman. E ficou excelente.

Daniel Dutra

RHAPSODY OF FIRE

CHALLENGE THE WIND

AFM/VALHALL - NAC.

8,5

Bilbo Bolseiro, personagem do livro "O Hobbit", já dizia que "a terceira vez vale por todas". Da mesma forma que a sabedoria de Tolkien, o terceiro disco do Rhapsody of Fire com o vocalista Giacomo Voli e sob a batuta moral do tecladista Alex Staropoli valeu para consolidar a nova fase. *Challenge the Wind* continua a saga "The Nephlim's Empire", que iniciou em *The Eighth Mountain* (2019) e *Glory for Salvation* (2021). Muito longe de querer alterar qualquer sonoridade esperada, os italianos encontraram brechas para inovar. A fruta que caiu mais longe do pé foi *Vanquished By Shadows*, com Giacomo apostando num vocal rasgado praticamente gutural. O disco é, no geral, mais orientado para a guitarra do que para o teclado. Músicas como *Whispers of Doom* e a 'ironmadiana' *Kreel's Magif Staff* foram por esse lado. A velocidade dos pedais duplos se mantém, mas as caixas frenéticas parecem ter ficado na era Luca Turilli e Fabio Lione. Uma curiosidade é a música que nomeia o álbum, cuja estrutura guarda similaridades no mínimo peculiares em relação ao clássico *Dawn of Victory*. Não dá para deixar passar o ótimo trabalho do guitarrista Roby De Micheli, que se não curou totalmente as dores dos viúvos de Turilli, pelo menos mostrou competência e assumiu também protagonismo na composição. O álbum é muito bem arranjado e pensado – alternando diferentes sensações dentro de cada música. Deu para ver que a banda trabalhou com esmero nos detalhes. A grande dificuldade reside em tentar emplacar algum hit de furar a bolha do power metal. Aí sim a aventura terá valido por tudo.

Gustavo Maiato

SENTRY

SENTRY

HIGH ROLLER - IMP.

8,0

O lendário Mark Shelton morreu aos 60 anos em julho de 2018. E com ele acabou o Manilla Road, uma instituição do heavy metal, ainda que injustiçada pela crítica e por grande parte do público. Em 2023, seus últimos parceiros de estúdio e palcos Bryan Patrick (vocal), Phil Ross (baixo) e Andreas "Neudi" Neuderth (bateria) finalmente voltaram à ativa, com Kalli Coldsmith (guitarra) e um novo nome, pois não existe Manilla Road sem Shelton, como afirmou Ross. Um EP com *Heavensent* e a maravilhosamente lenta e pesada *Black Candles* já mostrava o que seria o primeiro álbum, que sai agora em 2024. É metal tradicional e épico com muita influência de Manilla Road, mas também com um tanto de doom metal (escute *The Haunting*) e até thrash metal (ouça a pancadaria de *Awakening* e você entenderá). A ideia é não ser uma cópia, mas ter identidade própria, algo que acontece até pelo fato de a maior parte do material ter sido composto por Coldsmith, que não fez parte da antiga banda dos demais. Ele ainda mixou e produziu o álbum e gravou a bateria. E falando em doom, atente para a bela versão do Sentry para o hino *Incarnation of Evil*, do Candlemass.

Alessandro Bonassoli

ALCEST

LES CHANTS DE L'AURORE
NUCLEAR BLAST - IMP.

9,5

Existe uma beleza que é intrínseca à música do Alcest, ou seja, a partir do momento em que a música existir, essa beleza estará lá. Confesso que é com isso em mente que tenho encarado cada lançamento da banda liderada pelo guitarrista/vocalista Neige desde que ouvi *Souvenirs D'un Autre Monde* em 2007, e até hoje, esse pensamento se mostrou acertado. Cerca de cinco anos após lançar *Spiritual Instinct* (2019), esse *Les Chants De L'aurore* é outro acerto do duo Neige/Winterhalter (bateria), e senti isso logo de cara, ao ouvir *Komorebi*. Ali, encontrei as partes certas de shoegaze que esperava ouvir no som da banda, assim como aquele algo de black metal que sempre acabo procurando nas bandas que mais amo. Embora acessível e com ideias que parecem refletir algo daquele pós-punk e new wave típicos dos anos 80, o som do Alcest se mantém único e sólido, caminhando para o etéreo apenas como matéria de sonho, e não como o devaneio de um artista egocêntrico. Diferente de muitas outras bandas do estilo, a música do Alcest transpira alma e verdade, como você ainda poderá sentir na longa *Améthyste* e em *L'enfant De La Lune*, minhas favoritas no álbum.

Valtemir Amler

NIGHTMARE

ENCRYPTED
AFM - IMP.

8,5

Um dos pioneiros do metal francês, o Nightmare iniciou a carreira em 1979 tocando metal tradicional em *Waiting For The Twilight* (1984) e *Power of the Universe* (1985). Após um hiato de 14 anos, o grupo voltou com o EP *Astral Deliverance* (1999) e uma roupagem power metal, que ganhou pitadas de prog a partir de *Silent Room* (2003) e uma dose extra de peso de *Genetic Disorder* (2007) em diante. O quinteto, liderado pelo baixista Yves Campion (único membro original), manteve uma regularidade de bons lançamentos, sempre mais pesados que os anteriores. Mas *Encrypted*, 12º álbum, é um passo decisivo adiante. A estreante Barbara Mogore tem um estilo melhor do que suas antecessoras, Maddie e Maggy Luyten, mesclando com qualidade vocais limpos e guturais, como nas ótimas *Borderlines* e *Saviours of the Damned*. Franck Milleliri e Matt Asselbergs (guitarras) e Niels Quiais (bateria) completam o time, que faz bonito também em faixas como *The Blossom of My Hate*, *Voices From The Other Side*, na "archenemyca" *Incandescent* e na regravação de *Eternal Winter*, cuja versão original foi registrada em *Insurrection* (2009).

Alessandro Bonassoli

WHOM GODS DESTROY

INSANIUM
HELLION - NAC.

7,5

Das cinzas do Sons of Apollo, Derek Sherinian (teclados) e Ron "Bumblefoot" Thal (guitarra) recrutaram o croata Dino Jelusick, vocalista sensação do momento; o brasileiro Bruno Valverde, batera do Angra; e o japonês Yas Nomura (baixo, The Resonance Project), fazendo do Whom Gods Detroy uma Torre de Babel musical do prog metal. O resultado? *Insanium* não difere muito do que você ouve em *Psychotic Symphony* (2017) e *MMXX* (2020), mas ganha em peso e perde em versatilidade melódica exatamente por causa do trabalho vocal, que, acredite, acaba sendo o ponto fraco do álbum de estreia do novo supergrupo. Não entenda mal. Jelusick de fato canta uma barbaridade, mas aqui ele carrega além da conta os graves à la Ronnie James Dio, mas sem emprestar à sua intepretação o lado melódico (e mais limpo) que o saudoso baixinho dominava como poucos - e que Jeff Scott Soto faz com maestria, também. Enquanto a estupenda instrumental *Hypernova 158* entrega o poder de fogo da banda, o vocalista joga por terra o que ótimas canções como *In the Name of War*, *Over Again*, *Crucifier* poderiam verdadeiramente entregar. Jelusick chega a acertar na interpretação de *Keeper of the Gate*, um misto de Alice in Chains com Rainbow (fase Dio, obviamente), e quase não compromete na épica faixa-título, mas é quando encontra um meio-termo que as músicas crescem demais. Casos de *Crawl*, com Sherinian e Thal tirando o fôlego do ouvinte; *The Decision*, que entrega um riff inicial escancaradamente Van Halen e mostra Nomura e Valverde afiadíssimos - os dois têm performances incríveis em todo o disco, diga-se; e da belíssima *Find My Way Back*, melhor música de *Insanium*.

Daniel Dutra

BLACK PRIEST

FATAL
INDEPENDENTE - NAC.

7,0

Diretamente das profundezas do underground niteroiense, The Priest (vocal), The Spectre (guitarras), The Evil (baixo) e The Healer (bateria) visam tirar a poeira de seus alto-falantes antigos e trazer de volta os costumes antigos do heavy metal. Apaixonados por filmes de terror de todos os tipos, as influências do macabro ficam evidentes logo de cara, desde a estética visual da banda, com a capa do álbum trabalhada em vermelho, branco e preto aos títulos e letras das faixas do álbum – *Predator's Lust*, *The Common Violence*, *Fear Itself* e *All I See is Black* sendo apenas alguns exemplos. Em relação à sonoridade, somos apresentados à uma mistura de um doom metal mais melódico com certos elementos do heavy metal tradicional. A já citada *Predator's Lust*, terceira faixa e um dos destaques, prepara o ouvinte para o que está por vir, mostrando os riffs simples, mas pesados, arrastados, característicos do doom. Eles conseguem portar bastante peso e melancolia em certas faixas, já em outras, trazer um heavy metal tradicional com vocais agudos e riffs mais groovados, criando um contraste quase na veia Cirith Ungol. Certamente, criam uma mistura sonora interessante, com muito potencial. Apesar deste primeiro projeto ainda ter certos aspectos a melhorar, já foi criada uma boa base para o futuro.

Daniel Agapito

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

K.K. DOWNING
(KK'S PRIEST, EX-JUDAS PRIEST)

CREAM - *Wheels of Fire*
THE JIMI HENDRIX EXPERIENCE - *Todos*
DEEP PURPLE - *In Rock*
SCORPIONS - *In Trance*
UFO - *No Heavy Petting*

Fotos: Divulgação

WOLF HOFFMANN
(ACCEPT)

Deep Purple - *In Rock*
AC/DC - *Back in Black*
Judas Priest - *British Steel*
Dvorak - *New World Symphony*
Tchaikovsky - *Qualquer sinfonia*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

EVERGREY

THEORIES OF EMPTINESS
NAPALM/SHINIGAMI - NAC.

9,0

O Evergrey talvez seja, dentro do heavy metal, a banda que melhor define o quase sempre malvisto termo "evolução". Sem nunca ter se afastado do prog metal que o consagrou, o quinteto sueco vem ascendendo musicalmente de maneira constante, ao ponto de os três álbuns anteriores - *The Atlantic* (2019), *Escape of the Phoenix* (2021) e *A Heartless Portrait (The Orphean Testament)* (2022) – formarem uma trinca indispensável aos fãs do estilo. E com *Theories of Emptiness*, o 14º disco de estúdio, Tom S. Englund (vocal e guitarra), Henrik Danhage (guitarra), Johan Niemann (baixo), Rikard Zander (teclados) e Jonas Ekdahl (bateria) não fugiram à regra - lembrando que Ekdhal não sairá mais em turnê, mantendo apenas seu papel de compositor e produtor na banda. Temos aqui dez faixas que são um bálsamo para ouvidos maltratados, a começar pela excelente *Falling from the Sun*, que tem um refrão de tirar o chapéu e um clima que resgata para o presente um pouco do passado mais cru, digamos assim, do Evergrey. *Misfortune*, por sua vez, ratifica a maneira bem peculiar de o grupo aliar peso ao lado mais progressivo da música, o que *Say* e *We Are the North* também fazem, mas com singularidades: a primeira apresenta uma bem-vinda dose de groove, e a segunda, um instrumental quase hipnótico. Mais destaques? *To Become Someone Else* flerta com o blues - sim, você não leu errado -, e *One Heart* e *Our Way Through Silence* têm uma pegada mais comercial que bem poderia levar o Evergrey às rádios. E entre a beleza de *Ghost of My Hero* e da surpreendente faixa-título, os vocais de Jonas Renkse (Katatonia) e Salina Englund (filha de Tom) enriquecem com tons divergentes a espetacular *Cold Dreams*.

Daniel Dutra

SIX FEET UNDER

KILLING FOR REVENGE
METAL BLADE - IMP.

8,0

Certo, existem aqueles que nem darão uma chance para esse novo registro do Six Feet Under, já que há anos tem sido comum ouvir críticas aos vocais de Chris Barnes. Até aí, não há muito que se possa fazer (em relação às críticas e aos vocais), infelizmente. Porém, se você é daqueles que gosta de ouvir antes de reclamar, saiba que existe muito para ser ouvido em *Killing For Revenge*, não apenas vocais. Para começar, esse é o segundo registro de Barnes ao lado de seu velho parceiro de Cannibal Corpse, o guitarrista Jack Owen, desde 1994. Para aqueles que conhecem a parceria e principalmente o trabalho de Owen, já é garantia que esse será um álbum superior ao que o SFU vinha fazendo. Com melhores ideias e melhores arranjos no geral, a banda não precisa se esforçar para mostrar seu apreço pelo death metal da velha escola, como você ouve em *Accomplice To Evil Deeds*, *Mass Casuality Murdercide* e *Neanderthal*. Para quem tem saudade do velho Cannibal Corpse, *When The Moon Goes Down In Blood* é uma boa pedida, com seu padrão de riffs que lembra os tempos de *Butchered At Birth*.

Valtemir Amler

THE TROOPS OF DOOM

A MASS TO THE GROTESQUE
ALMA MATER - IMP.

9,5

Há bandas que já nascem grandes, independentemente de sua trajetória até turnês como headliner ou como cabeça de chave em festivais. A questão principal é artística, e o The Troops of Doom tem dado amostras de inesgotáveis talento e criatividade, afinal, foram dois EPs, *The Rise of Heresy* (2020) e *The Absence of Light* (2021); o primeiro álbum, *Antichrist Reborn* (2022); e uma coletânea com duas inéditas, *Prelude to Blasphemy* (2023), em apenas quatro anos e sem um deslize sequer. Natural imaginar que, sendo tão prolífico, o quarteto formado por Alex Kafer (baixo e vocal), Jairo Guedz e Marcelo Vasco (guitarras) e Alexandre Oliveira (bateria) poderia dar uma patinada, mas a verdade é que os caras deram vida ao seu melhor trabalho até agora. Mais do que isso, lançaram um dos melhores discos de death/thrash metal old school do metal nacional, e três músicas sintetizam tal afirmação: *The Impostor King*, com riffs matadores, vocais na medida certa e uma levada para arregaçar nos shows; a empolgante *Psalm 7:8 – God of Bizarre*, com um instrumental impecável; e *Blood Upon the Throne*, que, além de uma breve e interessante escala oriental, traz de forma impecável os riffs palhetados – ora thrash, ora death – em cima dos dois bumbos. Porém, elas fazem parte de um pacote que deve ser absorvido por completo, até porque mostra maior cuidado com os detalhes (especialmente no trabalho de guitarras) e uma produção ainda à moda antiga, só que ainda mais orgânica, o que evidencia, por exemplo, o som do baixo. E entre pedras preciosas como *Chapels of the Unholy*, *Denied Divinity* e *The Grotesque*, todas com um latente quê de Slayer em alguns dos riffs, há um brilho especial para *Dawn of Mephisto*, empolgante até o talo; *Faithless Requiem*, uma aula de como fundir death, thrash e heavy metal; e *Venomous Creed*, que joga um doom à la Black Sabbath no meio da porradaria.

Daniel Dutra

INVENTTOR

AO VIVO NA ESCURIDÃO
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Um dos mais novos representantes do doom/death metal nacional, o Inventtor vêm construindo com solidez o seu nome no cenário desde 2021, ano em que ouvimos suas primeiras composições, lançadas como singles. Depois, eles lançaram o álbum completo *Em Meio A Escuridão*, e agora temos um novo registro, *Ao Vivo Na Escuridão*, que como anuncia o título, mostra a banda atuando no palco, diante dos fãs. Confesso que tinha certa curiosidade em saber como a banda soaria nesse formato, e como ainda não tive a chance de conferir um show, esse registro veio bem a calhar. Aqueles que tiverem esse mesmo interesse, podem acompanhar o show em áudio e imagem no YouTube, onde o registro está completo. Quanto ao lado musical, vale dizer que a sonoridade lenta e esmagadora, já conhecida do álbum e dos singles, está aqui ainda mais evidenciada, com uma ótima qualidade de som. Canções como *Santificam A Sua Maldade*, *Em Meio A Escuridão* e *Ventos Úmidos De Sangue* evidenciam o lado doom da banda, ao passo que os duetos vocais de Alan Souza (bateria) e Willye Rodrigues (guitarra) trazem o tom extremo que liga o trio (completado com o baixo de Tony Lessa) ao death metal. Confira sem medo.

Valtemir Amler

NESTOR

TEENAGE REBEL
NAPALM - IMP.

8,0

Veio, viu e venceu. Destacando-se ao abrir a segunda edição do Summer Breeze Brasil, o Nestor provou que não é a marola de uma onda passageira. Recebidos com entusiasmo sob o calor do vulcão de Mordor, Tobias Gustavsson (vocal), Jonny Wemmenstedt (guitarra), Marcus Åblad (baixo), Martin Frejinger (teclados) e Mattias Carlsson (bateria) mostraram ainda que tem a manha de fazer melhor onde mais importa: no palco. Assim, *Teenage Rebel* nasce sem suscitar as dúvidas presentes no álbum de estreia, *Kids in a Ghost Town* (2021), e já deixa o sabor de músicas que vão soar ainda melhores ao vivo. Na verdade, os suecos deram uma prova disso no festival, com a première de *Victorious*, que tem um daqueles refrãos surgidos de uma bênção divina, e nisso o Nestor tem pós-graduação, mestrado e doutorado. Pegue a ótima *Caroline*, que, além do refrão absurdo de bom, tem uma melodia vocal em forma de coro no fim que é magistral. No geral, o CD

entrega tudo aquilo que o fã de hard rock melódico, aquele oriundo diretamente dos anos 1980, quer ouvir. Das baladas - *The One That Got Away* e *Last to Know*, esta sendo uma daquelas que embalariam protagonista apaixonado de filme que virou clássico da Sessão da Tarde - às canções mais animadas, como *We Come Alive* (atenção para o piano que entrega o tema de "O Exorcista", ou seja, *Tubular Bells*, de Mike Oldfield) e *Unchain My Heart*, cujo riff foi extraído do baú do Ratt. Agora, homenagem mesmo você encontra em *Addicted to Your Love*, que é tão Bon Jovi que "esconde" um trecho de *Livin' on a Prayer* em seu instrumental. Se bem que dá para imaginar Steve Perry cantando a belíssima *Daughter*. Pode mergulhar de cabeça. Sem medo.

Daniel Dutra

ZUMBIS DO ESPAÇO

A FÚRIA SELVAGEM
THIRTEEN - NAC.

8,0

Com quase 30 anos de carreira, os Zumbis do Espaço já têm se tornado nome mais que carimbado na cena do punk brasileiro. Um dos maiores expoentes do horror punk em terras tupiniquins mostra em seu décimo álbum de estúdio, *A Fúria Selvagem*, como ainda consegue detonar mesmo com todo este tempo de formação. Desde sempre, os Zumbis têm apresentado um som simples, mas sempre muito efetivo e o novo álbum não destoa disso. A própria faixa-título e os singles *Aos Vivos Fica A Maldição* e *Ir, Seguir e Destruir* seguem na mesma linha de outros clássicos da banda, tanto que os fãs as cantam em shows como se já fossem antigas. Estes aspectos trazem uma certa consistência para o repertório que, em mais ou menos meia hora, consegue apresentar 13 faixas consistentes, sem que nenhuma soe como se estivesse "desperdiçada". São músicas que demonstram a sonoridade clássica do grupo, como a rápida e agressiva *Eu Quero Ver o Zumbi*, mas não se limita a apenas isso. *Taça Vazia e Arrependimento* traz uma abordagem e temática diferentes, sendo praticamente um modão punk, enquanto *Noite das Bruxas* conta com vocais femininos de Natacha Cersósimo (ToyShop). *A Fúria Selvagem* não reinventa a roda, de maneira alguma, mas acaba sendo mais uma forte adição à discografia dos Zumbis, que hoje conta com Tor Tauil (vocal), Rafael Romanelli "Manialcöol" (guitarra), Gargoyle (baixo) e Guilherme Martin "Güillaz Von Martian" (bateria, Viper, Toyshop e Brutal Brega).

Daniel Agapito

LUGUBRA

FLORES E PEDRAS
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

"Vejo o ódio em seu olhar, trevas no coração, uma maré de sangue a nos levar", assim que começa a motivadora e enérgica *Nau dos Insensatos*, segunda faixa do álbum. Misturando elementos do heavy metal tradicional com o peso do metal moderno, e com tudo cantado em português, os baianos da Lugubra oferecem uma sonoridade bastante interessante. Levando a faixa inicial, *Decolonial*, como exemplo, é apresentada uma mescla de seções pesadas e densas, similares ao metalcore, mas ao mesmo tempo também há um brilhante solo de guitarra tipicamente heavy na última parte. Não obstante, tudo é ligado no 220 à toda hora, sendo a *Falso Jardim* um ótimo exemplo. Esta quinta faixa cabe no arquétipo mais tradicional de uma balada, sendo mais devagar, melancólica, abordando temas mais delicados e pesados; como nem tudo na vida é o que parece. De acordo com o próprio vocalista, Leonardo Leão, eles visam falar "em português claro sobre temas e sentimentos sem metáforas ou fantasias". Esta abordagem sempre direta e clara faz com que *Flores e Pedras* se destaque como uma joia escondida da cena nacional, um álbum realmente único. Sua mescla de sonoridades deixa o disco bastante dinâmico e variado, garantindo que há algo para todo tipo de fã.

Daniel Agapito

DEATH
LEPROSY

Nesta edição escolhi falar de um dos álbuns mais clássicos do death metal e que, inclusive, ajudou a moldar o gênero e se tornou esteticamente icônico devido também à sua linda e distinta arte de capa. Estou falando de *Leprosy*, lançado em agosto de 1988 pela Combat Records. Trata-se do segundo álbum de estúdio da banda americana Death, liderada pelo saudoso Chuck Schuldiner.

O artista responsável pela obra é Edward J. Repka, mais conhecido como Ed Repka, artista gráfico americano responsável por diversas artes de álbuns dos anos 80 e 90, e do qual já falei algumas vezes aqui. Além de autor de várias artes para o Death, Repka tem em seu currículo bandas como Possessed, Violence, Toxik, Evildead e Megadeth, entre muitos outros.

A arte de capa de *Leprosy* é uma verdadeira obra-prima não apenas em termos de representação visual, mas também em relação ao seu impacto cultural e contribuição para a estética do estilo. Ela captura a essência sombria e visceral da música presente no álbum, no qual as letras exploram temas sombrios e perturbadores, muitas vezes focados na morte e na decadência humana. O título é uma espécie de metáfora para a deterioração física e espiritual, refletindo a natureza confrontadora e introspectiva da música do Death.

A composição central da arte traz uma figura grotesca caminhando em um cenário desértico, com o rosto já cadavérico e a pele deteriorada pela lepra, evocando uma sensação de horror, sofrimento e repulsa. A paleta de cores traz tons terrosos, com nuances principalmente em rosa, algo característico do estilo artístico de Repka, o que não era muito usual em capas de death metal na época, e que provavelmente é o que tornou essa capa tão distinta. Ela é dona de uma atmosfera sombria e macabra, e resulta numa representação impressionante da estética do death metal, deixando um legado duradouro na indústria da música e na cultura popular.

O álbum trouxe uma abordagem mais madura e refinada em comparação com seu antecessor, *Scream Bloody Gore* (1987), mostrando uma progressão na composição e na técnica musical, o que estabeleceu um padrão dentro do estilo e inspirou inúmeras bandas ao longo das décadas. Seu legado se solidificou como uma pedra fundamental na história do metal extremo e a capa colaborou para isso, continuando a ser uma das mais reconhecíveis e influentes do metal.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

DEICIDE

BANISHED BY SIN

REIGNING PHOENIX/VALHALL/SOUND CITY - NAC.

9,0

Se você é fã de death metal, há de concordar, o Deicide não é o tipo de banda que costuma falhar. Existem álbuns melhores e piores, mas é correto afirmar que, pelo menos desde *To Hell With God* (2011) eles lançaram apenas bons álbuns, onde as qualidades sobrepujam (em muito) os defeitos. Assim, era de se esperar que *Banished By Sin* seria mais um bom álbum, mas a verdade é que eles deram um passo além. Equilibrando os melhores momentos de sua fase mais técnica e melódica com a sonoridade 'old school' dos seus primeiros álbuns, eles tiveram a audácia de criar um álbum perfeito para os novos e velhos fãs, não mergulhando completamente nos primeiros quatro álbuns, mas chegando o mais próximo deles desde então. Ouça sem medo as duas músicas iniciais, *From Unknown Heights You Shall Fall* e *Doomed to Die*, e diga se estou exagerando. Perceba, aquele 'groove' típico da banda nos anos 90 está ali, mas as guitarras melódicas também. Passado esse primeiro impacto, *Sever The Tongue, Failures Of Your Dying Lord, A Trinity of None* e *Ritual Defied* apenas ratificam o que disse até aqui. Melhor que isso, só se abraçassem de vez o 'velho Deicide'.

Valtemir Amler

CAVALERA

SCHIZOPHRENIA

NUCLEAR BLAST - IMP.

5,0

Ok, os argumentos para regravar *Bestial Devastation* (1985) e *Morbid Visions* (1986) eram plausíveis, afinal, a produção e a execução originais dos dois primeiros trabalhos do Sepultura são a prova de que de boas intenções o inferno está cheio. Agora, o *Schizophrenia* (1987)? Sério mesmo que alguém achou que havia necessidade de regravar o disco que marcou época no metal nacional exatamente por ser um produto final bem acima da medida? Cara, é o disco que já mostrava Igor Cavalera - com apenas um "g" - como realidade entre os grandes bateras do estilo; é o disco que apresentou Max Cavalera como um dos melhores vocalistas do gênero; e é o disco que mostrou que a entrada de Andreas Kisser era o que faltava para o Sepultura rumar ao topo do mundo (o que teria acontecido, não fosse a separação em 1996). Enfim, Max e Iggor - que aqui contaram com (Travis Stone (guitarra, Pig Destroyer) e Igor Amadeus Cavalera (baixo, Go Ahead And Die e Healing Magic) - têm inegável direito de revisar a própria história, mas isso não os torna imunes a críticas, e a crítica aqui é que a empreitada foi e é absolutamente desnecessária. Um professor de Física disse uma vez: 'Não se mexe no que já nasceu perfeito. Como o clipe. Você já viu um digiclipe, por exemplo?'. Exatamente. Nada neste *Schizophrenia* 2024 chega aos pés do original – sequer a capa reimaginada por Eliran Kantor –, e nem mesmo a inédita (e ótima) *Nightmares of Delirium* ajuda a hipotética ideia de que pode ser tratar de uma homenagem.

Daniel Dutra

WEEDEVIL

PROFANE SMOKE RITUAL

ABRAXAS - NAC.

8,5

Cannabis e conexões espirituais é a melhor maneira de descrever o ritual profano da fumaça dos paulistas da Weedevil. Abordando temas profundos de transcendência e mistério, inspirado por figuras como Aleister Crowley, um dos mais influentes ocultistas, a mistura de stoner metal com elementos do heavy mais tradicional criam a trilha sonora perfeita para a jornada introspectiva em qual *Profane Smoke Ritual* o leva. Da forte linha de baixo de *Serpent's Gaze* aos solos psicodélicos de *Chronic Abyss of Bane*, o quarteto cria uma fusão sonora única. A faixa-título concentra o stoner à sua essência, com instrumentação simples, mas eficaz, um tanto arrastada, mas ainda groovada e animada. *Profane* não se limita ao núcleo do subgênero, mostrando tanto o que diferencia não só o Weedevil do resto do cenário, quanto como o novo álbum se diferencia do debut, *The Return* (2022). A impactante voz de Carol Poison injeta uma delicadeza feminina no disco, sem destoar do foco maior, que é a mescla de elementos do heavy, evidenciado pelo solo no meio da faixa-título, que caberia em alguma faixa mais devagar, melancólica dos anos 80. O resto do repertório segue nesta mesma linha, um stoner diferente, bem executado e direto.

Daniel Agapito

CHAOTIC DESOLATION

BIOLOGICAL SONNET

INDEPENDENTE - NAC.

6,0

A tecnologia moderna tem trazido uma vasta gama de benefícios ao músico independente, tendo deixado a criação de projetos solo muito mais fácil. Hoje em dia não é preciso nem mais sair de casa para produzir música de qualidade, dada as ferramentas disponíveis. Thiago Alboneti (Beyond Chaos, Infinity of Thoughts, Funeral Dawn), músico envolvido em diversos projetos, traz consigo uma sonoridade voltada ao thrash, mas profundamente entrelaçada com o groove, remetendo a bandas como Lamb of God e Machine Head, em seu novo projeto, Chaotic Desolation. Estreando com dois pés na porta, *Biological Sonnet* é um álbum direto, objetivo, contando com 50 minutos de peso. Alboneti consegue apresentar riffs e solos marcantes, cheios de groove, como na própria faixa-título. As linhas de bateria não ficam para trás em momento algum, complementando bem o trabalho na guitarra e no baixo. Em relação à produção, certos elementos poderiam ter sido favorecidos com um pouco de cuidado a mais, como os vocais, que parecem estar por trás de todo o resto. A mixagem não é das mais consistentes, mas vendo que Alboneti não teve equipe, está bastante sólida – apesar de toda a tecnologia disponível, fazer um projeto solo continua sendo difícil. Mesmo com seus defeitos, o produto apresentado é sólido, mostrando que Thiago Alboneti é um grande músico.

Daniel Agapito

GOTHMINISTER

PANDEMONIUM II

AFM - IMP.

8,0

Gosto de bandas que preferem não inventar ou "evoluir" (seja lá o que signifique este verbo no mundo da música – normalmente, é algo ruim). Se o time está ganhando, por qual motivo mexer na tática? O Gothminister, que desde 1999 mescla gótico com o chamado metal industrial, mas com fortes influências de música eletrônica, continua vencendo sem correr riscos. Em *Pandemonium II – Battle of the Underworlds*, oitavo trabalho do grupo liderado por Bjørn Alexander Brem, cuja voz em determinados momentos lembra o padrão do saudoso Peter Steele, a estratégia permanece a mesma. São muitos riffs pesados, refrãos que não saem da mente e andamentos que alternam a pancadaria com trechos que facilmente poderiam estar em músicas para "chacoalhar o esqueleto" em uma danceteria ou em uma rave. Ouça as ótimas *I Will Drink Your Blood* e *We Come Alive* e você entenderá esse panorama. Mas tem ainda *One Dark Happy Nation*, *We Live Another Day*, *Battle Of The Underworlds*, *Tonight* e *We Are The Heroes* que garantem a diversão.

Alessandro Bonassoli

LOUCO

LOUCO
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

No Brasil, quando o assunto é metal extremo, o Nordeste vira uma das vitrines mais ricas da cena. No Ceará, alguns exemplos surgiram há muito tempo em Fortaleza, mas a aproximadamente 300 km da capital, em Nova Russas, o Louco surge como grande representante do death metal. Formada pela dupla Carlos Filho Santana e Tomas Neto, que dividem os vocais e guitarras, a banda lança o seu debut com oito músicas propriamente brutais. Aqui, fora os espaços entre uma faixa e outra, o peso não tem pausa. A pegada da cozinha, com técnica blast beat, reforça a característica de muitas bandas cearenses. As variações existem, mas em sua forma mais brutal, como em *A Special Place In Hell*, que alterna momentos cadenciados e velozes, ou em *Suffocated by Tomorrow,* que revela um lado mais sombrio. As partes mais harmoniosas ficam mesmo a cargo do baixo, que não perde a mão nas execuções de *Locked by Inside* e *The Most Pure Evil*. Contudo, o destaque geral da obra está na rifferama desenfreada que o Louco promove nestes mais de 30 minutos de turbulência sonora.

Leonardo M. Brauna

WAIDELOTTE

CELESTIAL SHRINE
DEBEMUR MORTI - IMP.

9,0

Violão e corvos abrem o caos sonoro de *Celestial Shrine*. Vocais rasgados, riffs bastante noventistas indo da rispidez da velocidade ao peso, linhas de baixo que se sobressaem as de guitarra e bateria impondo variações rítmicas em meio aos blasts e bumbos duplos. Nada de muito surpreendente, mas com toques sutis de música oriental, alguns momentos de vocais limpos, incluindo vozes típicas do oriente, as passagens acústicas no meio das músicas, estruturas que beiram o metal progressivo, e tudo com execuções perfeitas em uma produção cristalina. Assim é o debut dos ucranianos do Waldelotte, já uma grata surpresa de 2024. *The Era Of Stangnant Gods*, *Todestrieb* e *Opulent Mirage* fazem perfeitamente a viagem entre as nuances de agressividade e beleza. Em seguida, *The Mortality Archway* é pura agressão, com foco na velocidade da bateria. *Lightkeeper* se destaca pelos riffs cadenciados em meio aos mais ríspidos, pela linha de baixo de Oleksii "Zlatoyar" Kobel (Soen) e por mais um momento que nos remete ao oriente médio. Já a faixa-título traz em seus oito minutos basicamente todos os elementos do disco, sendo uma bela indicação inicial para se conhecer a banda. Uma estreia de gala dos ucranianos.

Heverton Souza

INFECTION

THE CRYPTIC HOMICIDES
GATE OF HORROR PROD. - IMP.

8,0

Com um pouco mais de peso, a banda peruana Infection reafirma a sua posição entre os bons nomes do death metal sul-americanos. Este novo álbum concentra grande força nos riffs, embora a melodia, em alguns momentos, mostra um repertório menos complexo do que já fora feito nos dois primeiros álbuns. A exemplo de *Sodomy at the Morgue*, podemos conferir acordes harmoniosos depois de uma bela dose de pancadaria. No entanto, outras músicas, como *Fetus in Fetu* e a própria faixa-título, promovem verdadeiros terremotos. Quem acompanha o grupo há algum tempo sabe que a sua música não experimenta muitos recursos, mas isso é perfeitamente normal para uma formação cujas influências vêm de Cannibal Corpse e Monstrosity. Nesse sentido, uma parte boa é que o peso será sempre um cartão de visitas, e algumas partes mais técnicas, como em *Deranged Surgeon*, não forçarão a barra a uma audição enjoativa. Portanto, se prefere ouvir coisas na linha mais old school do metal extremo, poderá gostar deste lançamento.

Leonardo M. Brauna

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

BON JOVI

SLIPPERY WHEN WET

Houve um tempo em que o grupo americano Bon Jovi era motivo para qualquer fã de hard rock bater no peito e defendê-lo com orgulho. Lançado em agosto de 1986, *Slippery When Wet* levou o grupo de New Jersey a patamares estelares devido aos singles *You Give Love A Bad Name*, *Livin' On A Prayer*, *Wanted Dead Or Alive* e *Never Say Goodbye*. E se tivessem escolhido como single qualquer uma entre *Let It Rock*, *Social Disease*, *Raise Your Hands*, *Without Love*, *I'd Die For You* ou *Wild In The Streets* teriam obtido êxito. Afinal, com *Slippery...* o grupo, então formado por Jon Bon Jovi (vocal e guitarra), Richie Sambora (guitarra e vocal), o saudoso Alec John Such (baixo), Tico Torres (bateria) e David Bryan (teclado), podia se dar esse luxo.

Produzido por Bruce Fairbairn, o sucessor de *7800° Fahrenheit* (1985) marcou uma geração com hits que até hoje são executados de forma maciça nas rádios, em bares e festas pelo mundo. Vendeu mais de 12 milhões de cópias somente nos EUA e obteve ótima receptividade em todo o mundo. As vendas acabaram ultrapassando a marca de mais de 25 milhões e *Slippery When Wet* permaneceu no topo das paradas por 15 semanas, um recorde para um disco de um grupo de hard rock no Top 200 da Billboard.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **7,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **7,5**
Claudio Vicentin (editor): **8,0**
Daniel Agapito (colaborador): **7,0**
Daniel Dutra (redator): **10**
Écio Souza Diniz (colaborador): **9,0**
Guilherme Spiazzi (redator): **9,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **8,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **9,0**
Leandro Nogueira Coppi (redator): **9,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **6,0**
Luiz Tosi (editor online): **9,0**
Maicon Leite (colaborador): **7,0**
Matheus Vieira (colaborador): **9,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **9,0**
Valtemir Amler (redator): **7,5**

MÉDIA FINAL:

8,1

RELEASES

NOCTURNAL BLEED

LAKE OF FIRE

INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Após lançar dois singles, *Scourge of Pain* (2022) e *Terror Supremacy* (2023), a banda paraense Nocturnal Bleed apresenta seu debut, *Lake of Fire*, que traz dez músicas, incluindo os singles em versões remasterizadas. Como todo fã de death metal deve saber, estamos vivenciando uma espécie de renascimento do estilo tradicional. De repente, compassos cadenciados com riffs melódicos e uma sutil técnica groove, passaram a reencontrar espaço entre as novas bandas. A geração que presenciou protagonismos de nomes como Massacre, Sinister e Unleashed gostará de faixas como *Malevolence of the Dead*, que alterna peso e velocidade com fluidez, assim como da faixa-título, na qual o ódio ao cristianismo é evidente, assim como se vê na arte de capa. Sobre versatilidade, a Nocturnal Bleed também possui criatividade para gerar climas tensos e dissipá-los com uma pegada mais rápida, pode conferir em execuções de músicas como *Devour the Corpse*. Assim, cada vez mais, o norte brasileiro mostra a qualidade da música extrema.

Leonardo M. Brauna

AXEL RUDI PELL

RISEN SYMBOL

SPV/VALHALL/SOUND CITY - NAC.

9,0

Axel Rudi Pell é daqueles caras que não têm medo de trabalho. Afinal, este é nada menos que o 22º trabalho de sua carreira solo – e, mais importante de tudo, ele mantém uma elevada regularidade em todos eles. Assumido fã de Jimi Hendrix e Richie Blackmore, o alemão consegue unir esses dois universos com uma pegada que se situa entre o heavy e o hard, como fica (mais uma vez) evidente neste novo trabalho. Acompanhado por uma banda que está junta há mais de dez anos – o ótimo Johnny Gioeli nos vocais, o lendário Bobby Rondinelli na bateria, Volker Krawczak no baixo e Ferdy Doernberg no teclado –, *Risen Symbol* transmite uma sensação de coesão e de unidade, o que é fundamental em qualquer trabalho musical. Mas, óbvio, o destaque é mesmo Axel. Ele alia um belíssimo timbre, ótimos riffs e solos do mais elevado nível musical – confira o de *Guardian Angel* pra ver se eu não tenho razão. Só que, a despeito de Jimi e Richie, neste disco o protagonismo é do Led Zeppelin. Primeiro, pela excelente versão cheia de personalidade de *Immigrant Song* – e que show de Gioeli! Depois, em *Akhaia*, que Axel diz, rindo, que é "a música que o Led esqueceu de compor". Com uma levada claramente inspirada em *Kashmir*, o tema de mais de dez minutos abre espaço para todos os músicos brilharem. Se existe uma música que vale o disco, no caso de *Risen Symbol* é esta.

Antonio Carlos Monteiro

GENOCIDIO

FORT CONVICTION

URUBUZ/WIKIMETAL MUSIC - NAC.

9,5

É sempre uma experiência única ouvir um trabalho novo do Genocidio. Os caras podem ser tudo, menos repetitivos. E não precisa rolar muito deste *Fort Conviction* pra notar algumas coisas bem interessantes. A começar, os riffs estão grudentos, servindo como verdadeiros fios condutores para as músicas. Além disso, você nota um certo flerte com o thrash metal, como acontece em *Devil's Mother Cry*, o uso de teclados em vários momentos e as vinhetas assinadas por André Zanferrari que antecipam várias músicas. Por outro lado, os fãs que se acostumaram com o gothic rock que o quarteto fundiu com seu death metal não vão se decepcionar, já que lá está *The Sole Kingdom of My Own*, por exemplo. Todos, no entanto, devem se surpreender com a instrumental *Voivod*, que mostra uma faceta inédita do Genocidio. E como é de praxe, a banda incluiu um cover no álbum. Mas aí vem outra surpresa: a música escolhida foi *Never Tear Us Apart*, do INXS, que aqui mescla melodia com muito peso num andamento quase doom e mostrando o baixo profundo na voz do também guitarrista Murillo Leite – completam o time W. Perna (baixo), Wellington Simões (guitarra) e Levi Tavares (bateria), os dois últimos estreando em disco com a banda. Vale citar a produção certeira de Marco Nunes, um dos grandes responsáveis pelo resultado que se ouve no disco. Sabe aquele listinha com os melhores discos que todo final de ano a gente faz? Então, a minha já tem um nome.

Antonio Carlos Monteiro

HEADHUNTER D.C.

PANDEMIC UNREDEMPTION - LIVE AT DOPESMOKE FESTIVAL 2021

BLASPHEMY PRODUCTIONS - NAC.

9,0

É natural que uma banda clássica após alguns lançamentos, apresente trabalhos ao vivo. Para o Headhunter DC isso aconteceu quinze anos após a sua fundação, com o álbum *Brazilian Deathkult Live Violence* (2002) que saiu em cassete e, posteriormente, em CD. O segundo disco de turnê, *Death Kurwa! – Live in Warsaw 2013*, foi registrado na Polônia. Hoje, com cinco full-lengths, a veterana banda do death metal apresenta o seu novo trabalho ao vivo. Pelo ano no título sacamos que a gravação ocorreu na edição online do "Dopesmoke Festival", em Feira de Santana (BA), em plena pandemia. Aqui, além de destacarmos a desenvoltura de Sérgio "Baloff" Borges (vocal), Tony Assis e George Lessa (guitarras), Stanley Serravalle (baixo) e Daniel Brandão (bateria), destacamos também a técnica de Dinho Filho e a mixagem/masterização de Jera Cravo, pois sabe-se que produzir um álbum ao vivo, equilibrando o peso orgânico da banda é tarefa difícil. Entre as suas dez músicas há quatro gravadas no "Palco do Rock Festival" (2017), em Salvador (BA). Eis aqui mais uma oportunidade para você conferir versões ao vivo de hinos como *Forgotten Existence*, *Death Vomit* e *Am I Crazy* em formato digipack com a conhecida qualidade do Culto da Morte.

Leonardo M. Brauna

HATEFULMURDER

I AM THAT POWER

CANIL - NAC.

8,5

O novo álbum do Hatefulmurder, *I Am that Power*, reafirma a competência musical que a banda pratica desde *No Peace* (2014). Já no segundo disco *Red Eyes* (2017), com estreia da vocalista Angélica "Burns", o quarteto completado por Renan Campos (guitarra), Felipe Modesto (baixo) e Thomás Martin (bateria) apresentou um som mais técnico que evoluiu em *Reborn* (2019). Quando se acreditava que a banda estava no topo da evolução, chega o quarto álbum com mais técnica, variações e boa produção. Durante o tempo em que *I Am that Power* ressoa, nota-se climas que auxiliam os riffs com mais densidade. Alguns solos cheios de feeling, como em *Amusing Ourselves to Death*, destacam um lado mais virtuoso de Renan. Em outras faixas, como *Eye for an Eye*, Angélica externa a sua boa forma vocal com guturais agressivos. Na cozinha, o baixo também se destaca em performances como *Psywar*, na qual Felipe executa linhas fora da curva. Com a mesma propulsão, Thomás projeta as suas partes com complexidade, mas sempre respeitando a melodia – ouça *Set Fire* para entender melhor as mudanças de andamento. Da velocidade ao peso, passando pelo groove, esta sétima música do repertório exemplifica melhor as variações mencionadas. Se aprecia uma vertente mais técnica do death metal, confira!

Leonardo M. Brauna

KHOLD

DU DØMMES TIL DØD
SOULSELLER - IMP.

9,0

A banda norueguesa Khold é como um AC/DC do black metal. Traz uma fórmula simples e direta, mas não exatamente crua ou tosca, e que passa longe de invencionices em seus oito álbuns de estúdio, já incluindo o novo, *Du Dømmes Til Død*. Encabeçada pelo figura das capas da banda, o vocalista e guitarrista Gard (Tulus), o que se destaca no repertório são justamente os vocais de um rasgado mais grave, sempre com ótimas dobras, e os riffs do músico, que é um típico riffmaker. Com uma cozinha que evidencia o peso e estruturas sem mudanças absurdas de andamento, *Du Dømmes Til Død* é praticamente uma continuação do álbum *Svartsyn*, talvez apenas uns 10% menos interessante. Ainda assim, é um excelente disco que agrada os seguidores da banda, assim como fãs do Satyricon atual e até mesmo os de Celtic Frost, para os mais 'old school'. Destaques para a abertura com *Myrdynk*, *Vandiddfaren* (que riff!), *Misgrep* e a arrastada *Lœdel*.

Heverton Souza

GLORIA PERPETUA

THE DARKSIDE WE WANNA HIDE
SHINGAMI - NAC.

8,5

Gloria Perpetua, projeto de power metal criado por Daniel Fuchshuber (baixo, Necroskinner) ao lado de Raphael Dantas (vocal e bateria, Ego Absence) e Bruno Luiz (guitarra, The Heathen Scÿthe, Stormsons e Command6), visa não só apresentar um som de qualidade, mas reunir outros talentos da cena nacional e internacional, contando com participações de nomes como Rogério Byron (Lord Byron), João Noleto (Vocifer), Timo Tolkki (ex-Stratovarius), Luis Mariutti (Sinistra, ex-Shaman, Angra e Firebox), Vitor Rodrigues (Native Blood, Tribal Scream, ex-Torture Squad), Vitor Veiga (Aquaria, Endless), Guilherme Hirose (NorthTale, Traumer) e Marcelo Kalunga (solo). Uma faixa que merece destaque é *The Rape of Gaia*, sexta do repertório. Soando como se saísse direto da época áurea do Helloween, com percussão rápida, solos impressionantes, uma linha de baixo forte e destacada e sintetizadores embalando tudo. A letra, objetiva e direta aborda os efeitos do ser humano no mundo, tema infelizmente sempre atual. *Have you Forsaken the Cross*, a épica e cheia de elementos sinfônicos *The Way of a Warrior* se destacam como potenciais futuros clássicos. Ouça esse álbum, por Ancelothe, cruz ancestral da guerra, pela cidade sacra dos deuses.

Daniel Agapito

ACID MAMMOTH

SUPERSONIC MEGAFAUNA COLLISION
HEAVY PSYCH SOUNDS - IMP.

7,5

Tendo impressionado muitos no underground europeu com seu doom metal que louva o Black Sabbath, os gregos do Acid Mammoth retornam com mais um álbum que resgata a essência do doom e stoner old school. Os gregos impressionaram tanto fãs quanto críticos em 2020 com seu segundo álbum, *Under Acid Hoof*, mas *Caravan* (2021), sua sequência, fora considerada menos inspirada e sem "brilho". Uma das grandes mudanças de *Supersonic Megafauna Collision* é o estilo vocal de Chris Babalis Jr, que foge um pouco mais do estilão Ozzy apresentado nas empreitadas anteriores. Algo que não mudou foi a qualidade de Marios Louvaris na bateria, com timbragem, groove e punch mostram sua maestria nas baquetas. Pegando como exemplo a quarta faixa, *Atomic Shaman*, somos apresentados a uma música relativamente simples, mas com linhas percussivas estonteantes (para o stoner doom), um refrão memorável e riffs que mostram o entrosamento entre Chris Bablis Jr e Sr – pai e filho. No geral, *Supersonic Megafauna Collision* não é um álbum extremamente técnico ou revolucionário sonoramente, mas cumpre seu papel como um doom metal tradicional bem executado e de roupagem moderna. Vale ouvir.

Daniel Agapito

FOCALADA

HARDCORE MANCO
OSDR DISCOS - NAC.

8,0

Em meados de 2013, a banda Focalada deu os seus primeiros passos em Rio Claro/SP com uma proposta musical mista. Victor Claro (vocal e guitarra), Alessandro Rodrigues (guitarra) e Filipe Galassi (bateria) não rotulam as músicas do grupo, mas as suas influências vêm do punk, rock, reggae, ska e blues. Com isso, chamaram o baixista Felipe Alves e lançaram o EP *Hardcore Manco*. O resultado inclui temas como *Tradicional Família Pobre Brasileira*, que de cara entrega ao ouvinte um conteúdo questionador. Os títulos das músicas podem até soarem irônicos, como *Crediário Universal*, que ataca a alienação religiosa, mas as mensagens em si são diretas. Sempre embaladas por acordes de duas ou três notas, as faixas de *Hardcore Manco* podem até chegar em uma camada mais comercial, como em *Zé Perna de Grilo*. Em meio ao repertório, *Jimmy Joe* se destaca por apresentar uma vibe mais sacana e alheia aos padrões. Com um riff de guitarra sujo e uma narrativa meio desregrada, a canção assume a responsabilidade de cativar mais ainda o ouvinte.

Leonardo M. Brauna

URANTIA

EOS
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Ao ouvir as duas primeiras músicas do EP de estreia da banda carioca Urantia (*War* e *Creation*), batizado de EOS, imediatamente me veio à cabeça a pegada dos suecos do Dream Evil, principalmente no seu debut. Logo, fica claro que a proposta aqui é um power metal mais cru, com vocais mais agressivos e coros intensos? Sim, mas nem tanto. Logo que chego à faixa-título, o leque abre um pouco e recebe elementos da música brasileira, barroca, entre outras viagens. E essa vibe segue até o fim do material, que possui cinco composições. Segundo o press kit da banda, essa mistura é "culpa" do baterista e mentor do projeto, Vicktor Correa, que conta que cresceu em meio a outros estilos fora o heavy metal. Ao seu lado está um time competente, com destaque para a vocalista Iara Vilaça e seu drive agressivo. O guitarrista Gabriel Veloso também desfila riffs bem legais e o baixista Yuri Stanzi fecha o line-up. Só não dou nota maior porque acho que ainda dá pra dar um 'up' na produção. Quem sabe no próximo trabalho.

Matheus Vieira

RELEASES

GATECREEPER

DARK SUPERSTITION
NUCLEAR BLAST - IMP.

8,5

Formado em 2013 no Arizona, o Gatecreeper vêm se mostrando uma das principais forças do death metal dessa nova leva, sendo mencionado como uma das grandes revelações do estilo desde 2016, ano em que lançaram seu primeiro álbum completo, *Sonoran Depravation*. Claro que, com o sucesso, sempre vêm as críticas, mas eles têm conseguido administrar muito bem seu som e sua imagem, e a prova está nesse novo álbum, *Dark Superstition*. Alguns toques a mais de thrash e hardcore aqui e acolá não deverão assustar nenhum fã de death metal, então, seja justo com seus ouvidos e ouça a abertura, com *Dead Star*. Você já ouviu coisas bem mais pesadas que isso, certo? Mas, diz aí, dá uma estúpida vontade de continuar ouvindo, não é verdade? Pois é justamente assim que o disco segue, canções pesadas (mas longe do inacessível), ótimas melodias (mas longe do piegas), ótimos riffs de guitarra (longe do virtuosismo 'xarope') e ideias instrumentais que caberiam nos velhos discos do Dismember. Minhas favoritas? *Oblivion, Superstitious Vision, Caught In The Treads, Flesh Habit* e *Mistaken For Dead*.

Valtemir Amler

THE HEATHEN SCŸTHE

THE HEATHEN SCŸTHE
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Como descrever o The Heathen Scÿthe? Bem, Da'at (vocal), Hokhmah (teclado), Netzah e Hesed (guitarras), Yesod (baixo) e Malkhuth (bateria) visam passar a importante mensagem da reconexão com a natureza por via de uma musicalidade e teatralidade única. Dezessete anos após o apocalipse (± daqui a 600 anos), foi formada uma seita estudiosa The Heathen Scÿthe (A Foice Pagã) e, com seus avanços, a tecnologia que permitia a viagem no tempo é trazida de volta. Usando tal tecnologia, espalham sua mensagem calcada em diversas religiões conectadas à natureza para os povos de outras épocas. Com *Casting the Circle*, é dado o pontapé inicial ao ritual que engloba o EP. Para os que optarem por comprarem o CD físico, seu encarte serve como um real guia de magia cerimonial, sendo baseado em bruxaria, goétia e a magia de caos. Sonoramente, são realmente uma força, misturando os solos é melodias do power metal com a força do metalcore e doom metal com a atmosfera do black metal e diversos componentes do industrial. *Welcome (to the Dead)*, por exemplo, se destaca como uma amostra perfeita de toda esta mescla, tendo sintetizadores, altos solos e um instrumental realmente poderoso. O produto final apresentado é algo que só pode ter sido criado por músicos muito experientes, ou realmente uma tropa de estudiosos do futuro. O ritual pode não ser longo, mas serve como uma ótima primeira introdução.

Daniel Agapito

ARKA'N ASRAFOKOR

DZIKKUH
REIGNING PHOENIX - IMP.

8,0

Nos últimos anos, o continente africano tem produzido diversos nomes interessantes no rock e no metal. Desde os "cowboys death metal" da Botsuana ao metal melódico do Myrath (TUN), diversas bandas únicas tiveram origem lá. Uma destas bandas que merece bastante destaque é o Arka'n Asrafokor, quinteto togolês de "metal tribal". Incorporando elementos desde o folk ao nu metal, apresentam um som diferenciado e interessante em seu segundo álbum, *Dzikkuh*. Incorporam elementos da música e cultura local de maneira natural e fluida, assim como o Sepultura fez no *Roots* com a tribo Xavante. *The Truth*, primeira faixa, já mostra o que seguirá no resto do disco, com seu timbre de guitarra pesado, bateria vertiginosa, complementada pela percussão tribal. *Walk With Us*, que vem um pouco depois, já é mais calcada no metalcore e nu metal, com um breakdown brilhante que captura a essência da cultura togolesa. *Mamade* e *The Calling*, quinta e décima faixa, mostram um lado mais tranquilo, quase folk, com *Mamade* soando como um canto, uma reza e *The Calling* começando com um solo lindo, com guitarras limpas. O Arka'n realmente é uma joia bruta, transbordando com potencial e originalidade. Fecho adotando a última frase dita no álbum, bastante impactante: "não negue sua história, pois negará sua alma, o que segue sendo seu".

Daniel Agapito

HELLWAY TRAIN

BORDERLINE
CLASSIC METAL - NAC.

8,0

Formado em 2010 nas profundezas do underground de Belo Horizonte (MG), mas voltando à ativa nos tempos da pandemia, o Hellway Train resgata tudo do bom e do melhor do rock oitentista em *Borderline*. Tendo dividido palcos com grandes bandas do cenário nacional e internacional como Exciter, Accept, Evil Invaders e Flageladör, eles têm ficado conhecidos por entregar shows de qualidade, com seu trabalho em estúdio não ficando atrás. Misturando desde synthwave ao metal extremo com o bom e velho hard rock, dão uma roupagem moderna a esta sonoridade tão amada. A introdução do disco é feita com *Boiler Room*, faixa instrumental pautada no synthwave, que chega a aparecer novamente. *Hell on Earth* já é mais direta, pé na porta, puxando mais para o lado Judas Priest. Mais duas faixas instrumentais dividem o resto do disco, com *Outbreak* soando como uma abertura de desenho animado de ação e *When Love Becomes a Lie* sendo minimalista, com apenas efeitos sonoros e o violão; a calmaria antes da tempestade. *Gateways to Arkham Asylum*, por exemplo, se destaca por ser mais pesada, trazendo alguns elementos do metal mais extremo, dando um tom um tanto sombrio ao final do repertório, mas ainda mantendo a animação típica do estilo. Realmente vale a audição.

Daniel Agapito

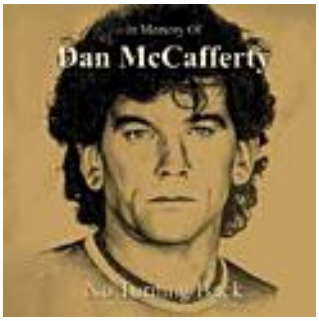
ANVIL

ONE AND ONLY
AFM/VALHALL - NAC.

8,5

A vida do Anvil pode ser resumida em dois momentos: antes e depois do documentário *Anvil! The History of Anvil*. Se antes de o filme sair o grupo dos inseparáveis Steve "Lips" Kudlow (vocal e guitarra) e Robb Reiner (bateria) foi do céu ao inferno, seu lançamento deu uma boa sobrevida ao trio, que de lá para cá vem conseguindo se apresentar e lançar discos com regularidade – prova disso está aqui neste seu vigésimo álbum de estúdio. Com Chris Robertson empunhando o baixo há dez anos, o Anvil se mostra a mesma usina de riffs e refrãos grudentos no novo trabalho. Reverenciando o metal oitentista do qual é cria e criador – ouça *Gold and Diamonds*, por exemplo, ou *Rocking the World* –, a banda também emula alguns nomes clássicos do rock setentista, como Alice Cooper (a faixa-título, com seu ótimo riff, lembra a fase anos 70 de Tia Alice) e Motörhead (*Fight for Your Rights* poderia estar tranquilamente em algum disco da turma de Lemmy). A produção é correta, deixando tudo claro e cristalino, e a performance dos músicos deixa claro que estamos diante de uma máquina bem azeitada. O único porém fica para *Truth Is Dying*. Parece um cover de *Man on the Silver Mountain*, mas é uma cópia pura e simples do riff criado por Richie Blackmore. É até irônico em um disco que tem uma música chamada *Fight For Your Rights*.

Antonio Carlos Monteiro



DAN MCCAFFERTY

IN MEMORY OF - NO TURNING BACK
ROCK OF ANGELS - IMP.

3,0

Creio ser completamente desnecessário discutir a importância de Dan McCafferty, que fez fama como vocalista do Nazareth e nos deixou ano passado aos 76 anos. São mais de vinte discos com os escoceses, além de três trabalhos solo, nos quais sua voz rouca e poderosa se tornou um dos ícones do dito rock clássico. Portanto, nada mais justo e apropriado do que uma coletânea para saudar sua obra e seu talento – em tese... Porque, difícil dizer se por falta de material disponível ou por uma seleção mal feita mesmo, o fato é que o repertório de *In Memory Of – No Turning Point* fica muito aquém daquilo que Dan produziu em sua carreira. O disco tem um excesso de baladas, como as chatas e inéditas até aqui *Occident* e *No Turning Point*. *Sunny Island*, cheia de molejo, não faz jus à voz de Dan, algo que não acontece em *Into the Ring*, que se salva quando McCafferty bota o vozeirão pra funcionar. Pra completar, há dois temas clássicos do Nazareth, *Love Hurts* e *Dream On*, cantadas pelo grego Panos Kalifis, que tem voz parecida com a de Dan – apesar de não chegar a seus pés. Mesmo assim, é inexplicável a presença delas no disco. A impressão que fica é que McCafferty não deixou muito material inédito digno de registro, o que não explica e muito menos justifica a existência deste disco.

Antonio Carlos Monteiro

MESSIAH

CHRISTUS HYPERCUBUS
HIGH ROLLER - IMP.

8,5

Há aproximadamente quatro anos, o veterano Messiah brindou a chegada de *Fracmont* (2020), que foi o primeiro full lançado depois de *Underground* (1994). Infelizmente, esse novo capítulo do quarteto foi abalado dois anos depois com a partida do vocalista Andy Kaina, que não resistiu a uma parada cardíaca. Os momentos seguintes apontavam a mais uma lacuna na história dos suíços, pois R.B. Brögi (guitarra), Patrick Hersche (baixo) e Steve Karrer (bateria) não mais seguiram com um dos principais membros da formação clássica. No entanto, Marcus Seebach veio para tentar preencher esse vazio, e com a entrada de mais um guitarrista, V.O. Pulver – que produziu o último álbum –, o Messiah chega com *Christus Hypercubus*. O repertório de dez faixas possui muitas passagens pesadas, como a melancólica *Speed Sucker Romance*. Se o assunto é velocidade, *Once upon a Time... Nothing* relembra a pegada clássica deste que é um dos primeiros nomes do metal extremo europeu. No entanto, *Christus Hypercubus* investe também na versatilidade como na própria faixa-título, na qual os riffs rápidos se alternam com outros mais pesados. Resumindo, o Messiah sugeriu uma experiência que deu certo para banda e seus fãs.

Leonardo M. Brauna

SOUNDSCARS

LEGACIES
INDEPENDENTE - NAC.

7,0

Que o Brasil tem uma cultura forte e distinta não deveria ser surpresa para ninguém. Diversas bandas já tentaram canalizar aspectos de nossa cultura e inseri-los em projetos de metal – desde as sonoridades tribais do *Roots* às colaborações com artistas como Milton Nascimento e Lenine vindas do Angra – a inserção de "brasilidades" no metal não é nada de novo. Soundscars, promissor grupo de metal melódico de origem carioca visa exatamente inserir a cultura brasileira em uma fórmula pronta para sucesso internacional. O debut *Legacies* apresenta uma mistura de paisagens sonoras impressionante. Dos calmos e melódicos violões da introdução de *Regression No Regret* aos vocais poderosos de Leandro Felicio acompanhado de riffs pesados em *Ancient Puzzle*, todas as faixas acabam se distinguindo uma da outra, criando uma experiência memorável. Um aspecto deste projeto que merece reconhecimento é com certeza a integração de quatro vocalistas diferentes (Anna Porreca, Lorena Tato, Leandro Felicio e Gabby Vessoni), injetando uma dose de personalidade em cada faixa. Em termos de produção, a mixagem e a masterização são sólidas, fazendo toda a complexa instrumentação ornar entre si, com conflitos sonoros mínimos. Com certeza será interessante acompanhar o futuro do Soundscars.

Daniel Agapito

FLAGELADÖR

CULTO AOS DECIBÉIS
HELLPROD - IMP.

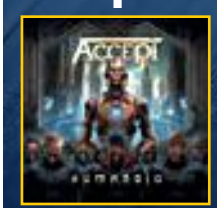
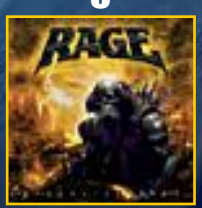
8,5

Desde o começo do milênio, os guerreiros do metal do Flageladör vêm levantando a bandeira do bom e velho metal tradicional verdadeiro pelo Brasil e por terras internacionais. Com quase 25 anos de carreira, o grupo já tocou em diversos cantos do território nacional e diversos locais da Europa, dividindo palcos com grandes nomes do metal mundial como Mayhem, Exciter e Onslaught. *Culto Aos Decibéis*, comparado aos outros trabalhos de estúdio do quarteto, não foge da forma convencional, mas apresenta um som mais maturado e aprimorado. O material segue na linha de *Predileção Pelo Macabro* (2018), que provou ser um dos trabalhos mais fortes e completos da banda, arrematando boas críticas ao redor do mundo. Logo de cara, um dos componentes que mais chama a atenção do ouvinte é a produção estilo anos 80, sempre presente nos trabalhos do Flageladör – e sempre na medida certa, sem ser exagerada. Mesmo assim, os riffs e solos cativantes, letras memoráveis e percussão potente conseguem se destacar. Por exemplo, faixas como *Somente o Aço Nos Salvará*, *Total Danação* e a própria faixa-título mostram exatamente à que a banda veio, pois vemos a execução quase perfeita de uma fórmula muito antiga. O único grande problema com este álbum é que ele é curto demais.

Daniel Agapito

ZIMER
Rock Store
&
Instrumentos
Musicais
zimers.com.br
Caraguatatuba/SP

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
ACCEPT	MY DYING BRIDE	RAGE	JUDAS PRIEST	SONATA ARCTICA
HUMANOID	A MORTAL BINDING	AFTERLIFELINES	INVINCIBLE SHIELD	CLEAR COLD BEYOND

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Divulgação

SCOTT STAPP

O PODER DE FAZER O BEM

Scott Stapp explica como transforma lições de vida em letras positivas, lembra de sua passagem pelo Brasil e diz que há chances de voltar ao país com o Creed

Por Daniel Dutra

O momento do lançamento de seu quarto álbum solo, *Higher Power*, coincidiu com os ajustes para a primeira turnê do Creed depois de um hiato de dez anos. Mais do que a agenda cheia, são acontecimentos aos quais Scott Stapp concede um ar de graça. É assim que o vocalista lida com a parte lírica, é assim que ele explica como venceu seus próprios demônios e é assim que o artista dá uma lição de humanidade ao ajudar de maneira altruísta quem precisa de apoio. Você vai entender como na entrevista que começa a ler agora. Aproveite.

***High Power* surge cinco anos depois de *The Space Between the Shadows*. Como tivemos uma pandemia no meio, imagino se os momentos difíceis tiveram algum impacto no novo álbum...**

Scott Stapp: Não, nenhum. Usei o período da pandemia para ficar com meus filhos, e não estava a fim de fazer um disco. Meu processo criativo é orientado pela inspiração, então crio quando me sinto inspirado ou tomado por um fluxo de criatividade, sendo que tenho muita sorte de não ter uma gravadora que coloque uma arma na minha cabeça para me obrigar a compor. Assim como também não tenho necessidade de criar conteúdo só para ter assunto, tudo o que faço é quando me sinto compelido a fazer. No período da Covid-19, eu apenas curti ser pai, já que passei muitos anos fazendo turnês. No fim de 2020, eu comecei a me sentir inspirado, a sentir vontade de ir para um estúdio e criar, então fiz isso no começo de 2021, mas dei uma pausa para voltar quando estivesse inspirado novamente. Era tudo uma questão de intenção. Não havia outra razão por trás de fazer o disco. É assim que eu trabalho.

Minha questão é por causa das letras, que são profundas e significativas. *Weight of the World*, por exemplo, pode facilmente falar para aqueles que sofreram em termos de saúde financeira ou mental.

Scott: Ah, definitivamente ela pode se ligar às pessoas que estão ou estavam sofrendo, mas a compus de um lugar de sofrimento pessoal, enquanto refletia sobre sofrimentos do passado e atuais, só que também com a sensação de que um poder maior, Deus, estava falando comigo numa determinada parte, me consolando. Por outro lado, senti que estava passando isso para os meus filhos, porque é assim que desejo que eles se sintam quando vão dormir, então existe uma dualidade de sentidos para mim: como inicialmente me atingiu e como eu quero deixar enquanto pai. É como se o Pai Celestial estivesse se comunicando conosco, e eu também, enquanto pai, me comunicando com meus filhos. É interessante como isso surgiu para mim e se manifestou de duas formas.

E me corrija se eu estiver errado, por favor, porque *If These Walls Could Talk* soa autobiográfica, e o dueto com Dorothy tornou uma bela música ainda mais emocionante e dramática.

Scott: Você está certo, e faz sentido, sim. Todos os meus discos são autobiográficos, todas as músicas e letras são como um 'print' de coisas que vivi ou estou vivendo. São reflexões, observações ou alguma situação em andamento que me levam a usar a criatividade como meio canalizador para expressar esses sentimentos. Essa música em particular engloba como eu estava me sentindo no momento de sua criação, e ter a Dorothy comigo... Honestamente, eu

sabia que precisava ser um dueto, senti que tinha de ter uma vocalista junto. Inicialmente, por viver há sete anos no Tennessee e estar cercado pelo country, eu pensei em ter uma cantora de country e fazer um crossover com esse gênero musical. Comecei a pesquisar algumas artistas do country, mas a Dorothy abriu um show que fui ver, do Chris Daughtry, e soube na hora em que ouvi a voz dela que era quem eu queria em *If These Walls Could Talk*. Nós temos o mesmo produtor (N.R.: Marti Frederiksen), e os dois estavam em estúdio quando mandei mensagens para ele dizendo 'mostra a música para a Dorothy e veja se ela se interessa'. Ele me retornou dizendo que a Dorothy se identificou imediatamente, estava com lágrimas nos olhos e queria muito participar.

No geral, músicas como *Higher Power*, *You're Not Alone*, *Dancing in the Rain* e *Weight of the World* não romantizam dificuldades. Porém, elas são positivas, têm uma mensagem de esperança... Faz sentido?

Scott: Sem dúvida! Ao longo da minha carreira, quando componho músicas que vêm do desespero, sempre me apeguei à esperança porque é o que me mantém de pé para viver mais um dia. Então não importa sobre o que estou escrevendo, uma vez que essa esperança sempre parece sair de mim naturalmente. É algo que não morreu dentro de mim, e quero me apegar a isso independentemente da escuridão, da luta ou da dificuldade sobre a qual estou falando. Seja espiritual, emocional, mental ou física. Sempre quero incluir essa esperança, e não somente para os fãs, mas também para mim, para me lembrar de que preciso me manter firme.

E agora tem Summer of '99 Tour, a primeira do Creed depois que a banda se reuniu em 2023. Dez anos depois do hiato, qual é o sentimento?

Scott: Tem sido positivo, as interações têm sido boas, e estamos animados com o quanto os fãs têm pedido por isso. Rolou um movimento viral on-line nos últimos três anos, com músicas do Creed, que foi revigorante e conectou a banda tanto a uma nova geração de fãs quanto nos reconectou com os antigos fãs de uma maneira profunda. Todo esse entusiasmo nos acertou em cheio, e estamos animados. Eu mal posso esperar para tocar para todo os nossos fãs ao redor do mundo.

E depois de todos aqueles anos separados, você acreditava que ainda seria possível uma reunião? Já houve conversas sobre o que vem depois?

Scott: Claro! Eu sempre pensei que no momento certo nós nos reuniríamos para uma nova turnê, e de fato aconteceu. Mas ainda não fomos além disso. Conversamos sobre o nosso passado e a forma como criávamos, mas não falamos nada sobre material novo.

Ao menos no Brasil, os fãs de heavy metal não têm muita simpatia pelo Creed. No entanto, você meio que começou a mudar isso com o lançamento de *The Space Between the Shadows* e, principalmente, com a turnê que fez no país em 2019, porque o álbum e os shows foram muito elogiados. Você tinha noção disso?

Scott: Eu tenho noção de que a turnê foi incrível. A recepção foi acolhedora, os shows foram incríveis, muitos fãs compareceram, e a mídia local me abraçou. Os fãs curtiram o trabalho solo tanto quanto as músicas do Creed que coloquei no setlist, e creio que isso acendeu uma faísca na minha carreira solo e, também, reacendeu os fãs de Creed. Com sorte, se tudo seguir como planejamos, talvez o Creed vá ao Brasil daqui a uns dois anos, porque as minhas lembranças são incríveis! É um país lindo, com pessoas apaixonadas por música e que amam interagir com a banda durante os shows. Os fãs cantavam cada letra de cada música, ainda que o inglês não seja sua língua nativa, e todos foram muito acolhedores e gentis comigo e com a banda. Não apenas os fãs, como também as equipes e a imprensa. Foi como estar em casa longe de casa. Sinceramente, espero poder voltar logo ao Brasil.

HIGHER POWER
Napalm - Imp.

Você esteve no inferno e voltou, tornando-se um exemplo positivo para aqueles que lutam contra demônios internos. Lembro-me que você chegou a ser diagnosticado com transtorno bipolar antes de uma indicação definitiva, então como foi para você? E o que você diria para quem trava a mesma batalha?

Scott: De fato, é bom esclarecer as coisas: não sou bipolar. Essa foi uma suspeita que surgiu enquanto eu estava lutando contra o vício em álcool, e isso pode se manifestar noutras condições psiquiátricas até que a pessoa fique sóbria. É na sobriedade que a gente descobre o que realmente está acontecendo, e todos os meus problemas estavam ligados a uma batalha particular contra o vício, contra o alcoolismo, e esse era o problema. Eu tenho profunda consideração por pessoas que sofrem com algum distúrbio psicológico, assim como por suas famílias. Isso por experiência própria, tendo que lidar com outras pessoas, porque é como andar sobre ovos: nunca se sabe o que vai acontecer, afinal, não há como controlar a não ser com diagnóstico e tratamento bem feitos. Isso é o que traz equilíbrio e salva vidas, uma vez que pessoas que sofrem com problemas de saúde mental, sejam diagnosticados ou não, podem machucar outras pessoas e também elas próprias, causando destruição e até mesmo suicídio. Sinto profunda dor no coração pelas pessoas que convivem com isso, e espero que aquelas que têm dificuldade de entender por que se sentem assim não tenham medo de procurar ajuda, de procurar um médico e se tratar. Todo mundo merece ser feliz e ter paz, aproveitar a vida e ser saudável pelo pouco tempo que vivemos na Terra. Busque ajuda. Não sinta vergonha.

Gostaria de terminar falando sobre With Arms Wide Open Foundation. Você poderia explicar o projeto e quando surgiu a ideia?

Scott: Ah, eu a fundei em 1998, e é algo que faço atrás das câmeras. Não é algo que eu divulgue ou para a qual peça contribuições, porque eu mesmo banco a fundação. Como tudo o que faço, é para onde meu coração aponta, então assistimos veteranos, pessoas com problemas de saúde mental, aquelas em vulnerabilidade financeira, além de outras organizações que sinto necessidade de ajudar, como as que tratam crianças com câncer, as que ajudam a manter crianças e adolescentes fora das ruas. Ou seja, não tem um único foco, porque é para onde o meu coração manda ajudar. É uma coisa minha, e fui abençoado nos últimos dois, três anos com algumas pessoas generosas que me procuraram querendo contribuir, então pude distribuir esses recursos para ajudar todas as pessoas que precisam.

BLIND EAR

Por Antonio Carlos Monteiro • Fotos: Cristina Mochetti

FABIANO NEGRI

MADE IN JAPAN
Strange Kind Of Woman
Deep Purple

(N.R.: nas primeiras notas) "Ah! Deep Purple, né? (RC: Consegue reconhecer essa versão?) *Made in Japan*, né? Aí não tem o que falar, Gillan é o cara! (RC: É seu vocalista favorito?). Ele está entre os maiores de todos os tempos. É uma referência não só pra mim, como para muitos outros cantores. E nesse disco ele está impecável. (RC: O que você acha desse disco em especial?). Se eu não achar uma das melhores coisas já gravadas na história da música eu estou errado, né? Eu tenho o *Live in Japan* (1993), que são os três shows completos de onde eles tiraram o repertório desse álbum, e eles estão voando! E não tem overdub, o que eles tocaram é o que você ouve no disco."

GRETA VAN FLEET
When the Curtain Falls
Anthem Of The Peaceful Army

"Greta Van Fleet, né? (RC: Isso!) Pensei que era Led Zeppelin... (muitos risos) (RC: Reconhece a música?). ***É Safari Song***? (RC: Não, é *When the Curtain Falls*). Verdade! (RC: Essa comparação que fazem com o Led Zeppelin você acha que faz sentido?). Sim, claro. Só não faz sentido a zoeira que se criou em torno disso. Porque há tantas bandas influenciadas por Led que são lembradas como grandes nomes. Tipo, ninguém fala que *Still of the Night*, do Whitesnake (do disco *Whitesnake*, de 1987), é cópia de Led. Mas não é boa a música? Acaba sendo uma barbaridade essas críticas porque elas são ofensivas. E os meninos são bons pra caramba, fazem o negócio direitinho!"

MADE IN BRAZIL
Vamos Todos à Festa
Made In Brazil

(N.R.: ouve a primeira estrofe) "É o Cornelius? (RC: Ele mesmo). O nome da música eu não lembro. (RC: *Vamos Todos À Festa*. O que você acha do Cornelius?) Muito bom!! Bastante expressivo, voz aguda e rasgada, bem na praia dos anos 70. Um puta cantor! (RC: O Oswaldo Vecchione, do Made, assistiu 'Rock É Rock Mesmo', de 1976, e saiu convicto de que Cornelius era mais cantor do que Robert Plant. Você acha que dá pra fazer essa comparação?) É difícil, Plant tem uma obra bem mais extensa. Se for comparar um com o outro, eu acho que o Plant tem mais repertório vocal, mas o Cornelius poderia cantar tranquilamente o repertório do Led Zeppelin, principalmente dos dois primeiros discos."

QUEEN
My Fairy King
On Air

(N.R.: entra a guitarra com o timbre característico) (RC: Não pegou ainda?) "É Queen, né? (RC: Ah, bom – risos) Essa música é... (N.R.: faz uma pausa). Já vou lembrar. (RC: Mas não é do disco de estúdio, é do *On Air*, daquela série BBC Sessions). Mas como é o nome dessa música, mesmo? (RC: *My Fairy King*). Claro! O que chama a atenção no Queen nessa época não é só a qualidade da música, mas o ineditismo do estilo. Tanto que o primeiro disco deles ninguém compreendeu muito bem na época. Hoje a gente pega o negócio mastigado, mas quem ouviu em 73 ficou chocado: é rock, é música de cabaré, é música clássica? E o legal dessa série da BBC é que tem versões diferentes das que você está habituado."

RIVAL SONS
Bird in the Hand
Darkfighter

"Isso é Rival Sons. *Bird in the Hand*. O Rival Sons é a melhor banda de rock surgida nos últimos vinte anos. Eles são mais do que incríveis! A banda toda é excelente! Se tivessem aparecido nos anos 70, estariam facilmente no primeiro escalão. (RC: Mas por que ela não chegou onde deveria?). Acho que por uma série de fatores, principalmente pela forma como as pessoas ouvem música hoje em dia. Eu tenho 48 anos, peguei a época em que a gente comprava um disco e dormia com ele umas duas semanas. Então, a gente dava muito mais atenção à música. E pra entender um álbum como esse você tem que dar uma boa chance a ele pra poder degustar todas as qualidades que ele tem."

THE BEATLES
Revolution 9
The Beatles

(RC: Essa é pra matar de cara). (N.R.: Fabiano ouve alguns segundos e cai na risada). "*Revolution 9*. Um clássico do noise! (risos) Eu devo dizer que é um momento que me atrapalha na audição do Álbum Branco. (RC: Eu sou daquela tese de que qualquer música dos Beatles é boa, incluindo essa). Sim, a gente deve concordar com isso, mas essa deve entrar como um bônus (risos). (RC: E unir nove pistas numa mesma música não era simples da fazer naquela época). Nada do que os Beatles fizeram a partir de *Revolver* (1966) era simples de fazer naquela época! Nem hoje é simples, na verdade. Tanto que ninguém conseguiu conquistar o mesmo que eles conquistaram – e nem vai!"

CARRO BOMBA
Thrash'n'Roll
Pragas Urbanas

(N.R.: ouve alguns segundos) "Eu conheço isso... (RC: Sim, certeza que conhece) Deixa entrar a voz. (N.R. assim que começa o vocal). É o Carro Bomba, né? (RC: Exato!). Muito bom! Rogério Fernandes é excelente, um dos melhores vocalistas da atualidade, um grande cantor. Pena que é muito subestimado. (RC: Esse som não é muito sua praia, né?). Ah, mas eu gosto bastante porque tem muito de Black Sabbath no som do Carro Bomba. As guitarras são muito boas, a banda é espetacular. É um grupo subestimado, ele deveria estar no lugar mais alto da estante do rock brasileiro. Sensacional!"

CRYPTA
Lord of Ruins
Shades Of Sorrow

(N.R.: espera entrar a voz). "É o Kamala? (RC: Não, mas também é brasileiro). (N.R.: ouve mais um bom tempo) São as meninas? (RC: É a Crypta). Cara, eu respeito muito, mas esse não é meu tipo de som. Eu ouço os álbuns quando saem pra saber o que está rolando, acho bem produzido, mas tenho problemas com vocal desse tipo (risos). Eu sei que é legal, eu sei que é bem feito, que tem técnica, que existem mecanismos modernos pra se cantar dessa forma, mas não é o meu som. Mas eu admiro demais a Fernanda e tudo o que ela tem feito com a banda (RC: Inclusive, estão fazendo uma imensa maldade com ela, não acha?). Puxa! Se formos falar disso, tem que abrir mais umas três páginas da revista."

SISTERS OF MERCY
More
Vision Thing

(RC: Algo um pouco fora da curva agora, mas que muita gente do rock pesado curte bastante). (N.R.: ouve até entrar a voz). "Dá um tempinho... Eu sei o que é! (N.R.: ouve mais) De que ano é essa música? (RC: 1990). É Type O Negative? (RC: Não, mas tem uma forte relação entre elas). Não estou reconhecendo mesmo. (RC: Sisters of Mercy). Sisters of Mercy!! (RC: Você gosta de gothic rock?). Não, não curto muito. Joy Division, Sisters of Mercy... Não é muito a minha praia. Acho legal, mas não é o tipo de som que eu coloco pra ouvir em casa e curtir a minha obscuridade (risos). (RC: Então, o que você coloca pra ouvir quando quer curtir a sua obscuridade). Ah, um Mercyful Fate, né? (risos)"

MANOWAR
Battle Hymn
Battle Hymns

(N.R.: na introdução) "Manowar! Essa música é bacana, *Battle Hymn*. Esse disco inteiro, aliás, é muito bom. Mas a partir daí começa aquela coisa de guerreiros do metal, essa aura estranha em cima da banda... Eu ouvia Manowar quando era adolescente, hoje soa meio infantil. Como eu disse, esse primeiro disco eu acho mais legal, depois, você pinça uma música ou outra que é bacana. Eric Adams é um baita cantor de heavy metal, isso é inegável. Só que a banda envelheceu muito mal pra mim. Era um lance meio Judas, meio Sabbath com Dio com esse ótimo vocal. Só que aí você pensa no Joey de Maio fazendo o discurso 'warriors of metal'... (risos) Minha relação com a banda não é das melhores (mais risos)."

ROADIE CREW ONLINE FESTIVAL
Heavy Metal & Classic Rock

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

41ª EDIÇÃO

42ª EDIÇÃO

43ª EDIÇÃO

44ª EDIÇÃO

45ª EDIÇÃO

46ª EDIÇÃO

47ª EDIÇÃO

48ª EDIÇÃO

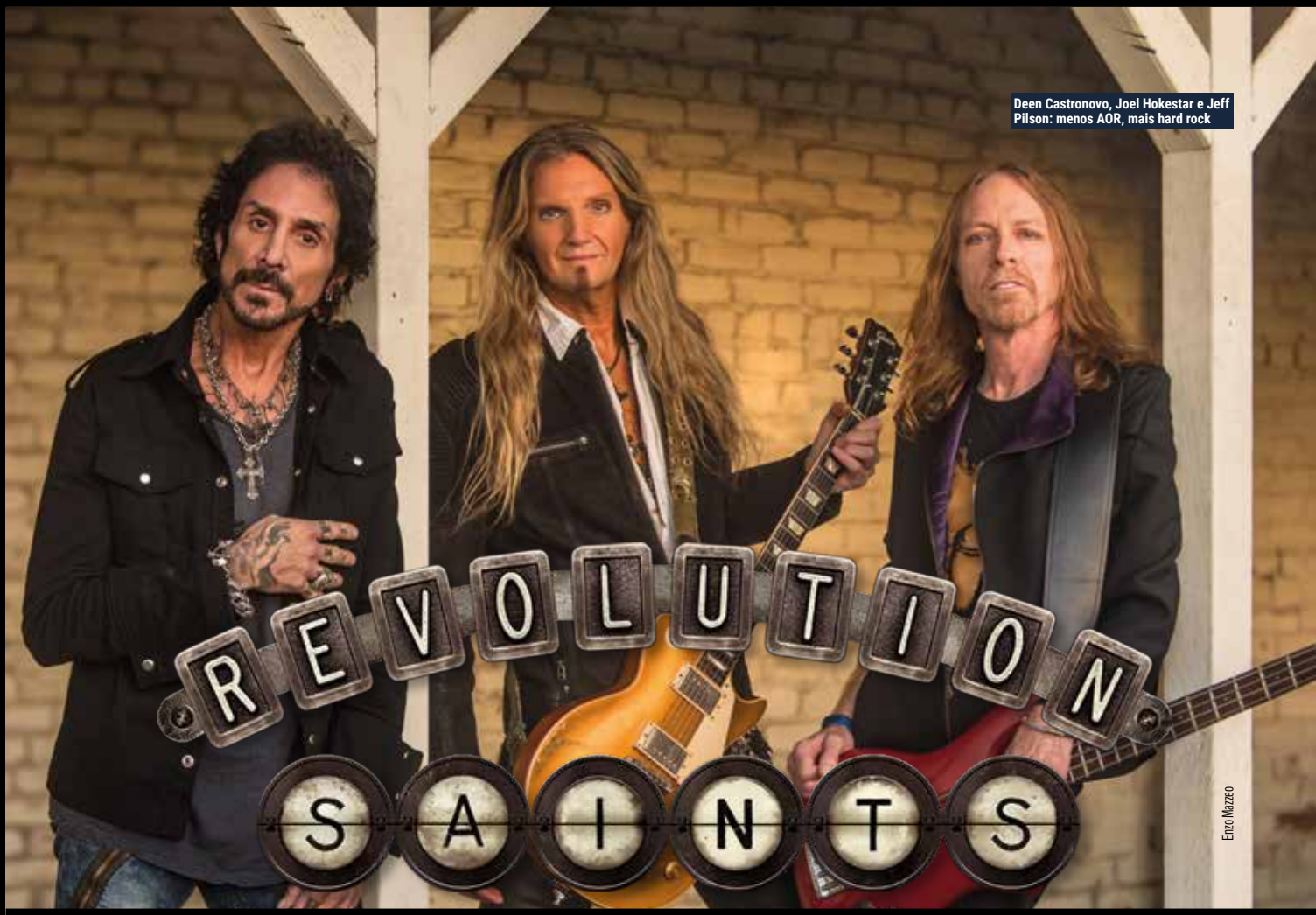
49ª EDIÇÃO

50ª EDIÇÃO

arte: www.jdsartedesign.com
CURADORIA
SOM DO DARMA

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.
YouTube.com/RoadieCrewMagTV

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM @ELITONTOMASI



Deen Castronovo, Joel Hokestar e Jeff Pilson: menos AOR, mais hard rock

Enzo Mazzeo

COM O VENTO A FAVOR

O mundo sem o KISS, sua influência sobre gerações de bateristas, a vida de cantor... Deen Castronovo revela até a ideia de um novo projeto de heavy metal

Por Daniel Dutra

Com seu quinto álbum, *Against the Winds*, o Revolution Saints ratifica a nova fase com um pé mais no hard rock do que no AOR/melodic rock. Líder do projeto, Deen Castronovo (bateria e vocal, Journey) explicou as mudanças depois das entradas de Joel Hoekstra (guitarra, Whitesnake e Trans-Siberian Orchestra) e Jeff Pilson (baixo, Foreigner e ex-Dokken) – Alessandro Del Vecchio, ex-faz-tudo da Frontiers, contribuiu na composição das músicas e nos teclados - e, claro, falou sobre muitas outras coisas em mais um excelente e divertido bate-papo. Confira um pouco do que rolou.

O Revolution Saints ganhou uma nova dinâmica com Joel e Jeff. Agora que já são dois discos com eles, quais as diferenças para a banda com Doug Aldrich e Jack Blades?

Deen Castronovo: Quando Doug e Jack estavam na banda e o Alessandro estava compondo as músicas, a ideia era que os discos fossem um trabalho solo meu, então era algo mais pop rock e mainstream, tipo Night Ranger, e as músicas eram feitas para a minha voz. Com Joel e Jeff, a coisa ficou meio Whitesnake, meio Deep Purple, e eu já não canto mais como Steve Perry, o que é ótimo para mim, porque não sou vocalista. Eu canto no Journey e estou acostumado com isso, além de o Perry ser o meu vocalista favorito de todos os tempos, então é inevitável eu cantar um pouco parecido com ele, que é como um deus para mim! Mas nos últimos dois discos eu já estou cantando do meu jeito, pra ser o meu próprio vocalista. Sei que não tenho a envergadura de Johnny Gioeli, Jeff Scott Soto, Arnel Pineda, Steven Tyler, de nenhum desses grandes cantores, mas tenho a minha própria voz e acredito que estou entrando na onda dela. Ainda tenho uns reflexos do Perry, não consigo evitar, e às vezes aparece um Paul Stanley, que também é um deus para mim, assim como Ronnie James Dio, que era o mestre no heavy metal, então estou cantando um pouco mais pesado. Mas continuo sendo baterista e, graças a Deus, ainda tenho o meu emprego! (risos)

Eu preciso falar sobre o videoclipe de *Changing My Mind*, porque é legal e engraçado ao mesmo tempo ver você como frontman. E engraçado no bom sentido, porque posso imaginá-lo pensando 'cara, onde estão minhas baquetas?'.

Deen: (rindo bastante) Exatamente! E vou lhe contar um segredo: pedi conselhos ao meu bom amigo Paul Stanley, que é um grande apoiador dos meus vocais. Perguntei a ele: 'Cara, me passa aí alguma dica, por favor! O que eu faço?', porque ele é o maior frontman de todos os tempos, na minha opinião. O cara que comanda a plateia, canta o tempo todo e toca guitarra disse para mim: 'Você precisa de um pedestal! Assim como eu tenho a minha guitarra, você precisa de algo para segurar!', e Paul tinha razão, porque eu parecia um

macaco balançando os braços enquanto cantava, sem saber o que fazer com eles! (risos) Tratei de arrumar um pedestal, afinal, o deus dos frontmen disse que eu preciso de um! E Paul sabe exatamente do que está falando, porque ele é uma influência para mim nos vocais. Obrigado, Paul! Você salvou a minha bunda nessa! (risos) Deus lhe abençoe, irmão!

Já que falamos sobre bateria, voltemos aos anos 1980. Você mudou os padrões do instrumento no heavy metal como o que fez com Wild Dogs e Dr. Mastermind, e em álbuns com *Dragon's Kiss*, do Marty Friedman, e *Go Off!*, do Cacophony. Você tinha ideia de que estava criando um novo caminho para a bateria no metal?

Deen: Para ser sincero, acredito que era apenas eu sendo hiperativo, mesmo! Amo Rush, U.K., Brand X e todas essas bandas de progressivo, mas não conseguia tocar isso com os caras da minha cidade. Quando os caras do Wild Dogs me ligaram, pensei: 'Cara, isso aqui me dá liberdade'. O (guitarrista) Jeff Mark, que é um grande amigo até hoje, falou para mim: 'Faça o que você quiser', então eu pensei: 'Serei o Neil Peart, Steve Smith e Terry Bozzio do heavy metal', porque era isso que eu queria tocar! O lick de *Anyway You Want it* (Journey) fica matador para uma música de metal se você aumentar a velocidade, então foi isso que eu fiz! Peguei todos esses licks fodas e passei para o heavy metal, mas não planejei isso. Era só eu sendo eu mesmo, porque tinha muita energia... Como se eu não tivesse ainda, né? (risos), mas eu queria criar coisas e ver as pessoas gostando do que eu fizesse, assim como eu ficava chocado com o que Terry Bozzio fazia, com o solo de bateria que Steve Smith fez em *Captured*, porque aquele solo mudou a minha vida! Não foi planejado, acredite, porque apenas aconteceu assim. E suas palavras foram muito gentis! Ganhei o meu dia! Eu amo os discos que você citou, só não toco daquele jeito há muitos anos. De vez em quando, vou escutá-los e falo: 'Cara, eu acho que não consigo mais fazer isso!' (risos) Olha, vou lhe contar algo em primeira mão: eu e Phil Demmel, que foi do Machine Head, estamos conversando sobre fazermos algo juntos. Ele é um excelente guitarrista e grande amigo, e como meu filho Kyle e eu pensamos em fazer um disco de metal, eu quis que o Phil estivesse envolvido. Kyle é baterista, mas toca guitarra e teclado, compõe, canta e me faz comer poeira (risos), então gostaria que fizesse parte tocando bateria também, porque eu não consigo mais tocar tão rápido! (risos) A ideia é fazermos alguma coisa em junho, quando eu tiver folga dos shows do Journey. Quero fazer algo pesado de novo porque amo esse tipo de música! Quando estou dirigindo, gosto de ouvir Slipknot, Stone Sour, Machine Head, Fear Factory e por aí vai. Sou fã desse tipo de música e desse tipo de bateria, e é a música perfeita para dirigir! Se eu morasse na Alemanha, já teria morrido, porque estaria na Autobahn dirigindo a 190 km/h e ouvindo essas bandas no talo! (risos)

Você pode não tocar mais tão rápido, mas tem noção de que ainda é uma referência para gerações de bateristas?

Deen: Lembro-me de Gene Hoglan (Dark Angel, ex-Testament) e Joey Jordison (ex-Slipknot) falarem isso para mim, e fico enrubescido ao ouvir algo assim, porque nunca foi a minha intenção inspirar alguém. Eu só queria tocar. Sinto-me muito lisonjeado quando falam isso, porque todos esses caras que dizem ter se inspirado em mim chutam a minha bunda com facilidade! (risos) Eles são muito melhores do que eu! Eu os inspirei no quê? A tocar melhor do que eu? Isso não é justo! (risos) Gene Hoglan é um baterista surreal! E o Mike Portnoy? Ele é fantástico! Quando ouvi Dream Theater no fim dos anos 1980, quando a banda lançou seu primeiro disco (N.R.: *When Dream and Day Unite*, de 1989), fui eu que me inspirei nele! Portnoy estava fazendo coisas que eu gostaria de fazer! Então é uma honra ouvir isso desses caras, porque eles fazem coisas que eu sequer consigo compreender. O que eles fazem no bumbo duplo... Meu Deus! E não falo somente de velocidade, porque as variações são inacreditáveis! Tiro o meu chapéu para todos, porque eles foram além do que quer que eu tenha feito para inspirá-los! São eles que me inspiram agora, e eu gostaria de sentar com cada um deles e perguntar 'como você faz isso?'. O meu filho é assim. Kyle conhece uns padrões de bumbo que me deixam pasmo, e eu falo para ele: 'Isso não é justo, filho!' (risos) Kyle é um grande músico e um baterista incrível! E ele cai dentro, compõe para artistas pop, compõe para o Liam Gallagher, compõe metal, coisas obscuras... Ele tem uma banda que se chama Cemetery Seance, e nem sei se poderia contar, mas vou contar assim mesmo (risos). Ele gravou um disco de black metal no qual tocou todos os instrumentos, só que ninguém sabe que é ele. Não há nenhuma informação sobre integrantes, e isso é muito legal, porque ninguém sabe quem está na banda, e é apenas o Kyle, que fez tudo! Eu fico chocado, porque ele aprendeu a tocar guitarra pelo YouTube, cara! De onde vem isso? É surreal! Mas o que eu mais amo sobre o Kyle é que ele também é um cara humilde e tem um grande coração.

AGAINST THE WINDS
Frontiers/Shinigami - Nac.

Para terminar, uma pergunta que preciso fazer a você: como será o mundo agora que é um mundo sem o KISS?

Deen: Ah, não há esse mundo. O aniversário do meu filho é dia 1º de dezembro, e meu plano era levá-lo para assistir ao último show do KISS, mas acabamos fazendo outra coisa. A verdade é que eu mesmo não sabia se queria ir, porque seria bem difícil para mim. Pense nos fãs que estão com eles desde o primeiro dia, porque sou um desses. *Dressed to Kill* (1975) foi a minha primeira experiência com o KISS, e tudo o que veio depois mudou a minha vida. Eles foram os meus Beatles! Eu queria ser exatamente como eles! Saber que a banda chegou ao fim, cara... Eu conversei recentemente com Paul e disse a ele: 'Sei que isso tem um lado bom e um ruim, mas você não imagina quantas vidas você tocou, quantas pessoas você inspirou, então deve ser difícil parar depois de 50 anos', e ele respondeu: 'É isso. Mesmo as coisas boas têm um fim'. Ser fã é uma coisa, mas ser Paul Stanley ou Gene Simmons ou Peter Criss ou Ace Frehley ou Eric Singer e decidir que chegou a hora de parar... Deve ser muito difícil! Porque isso é a vida deles, é a identidade deles. O KISS encerrou com graça, saiu tocando do jeito da banda, não economizou em nada! Foi isso que sempre me pegou com o KISS. Eu amava a música, mas quando os vi ao vivo pela primeira vez... Cara! Era o que eu queria fazer da minha vida! Tenho enchido o saco do Neal (Schon, guitarrista do Journey) há meses para termos fogo no palco! (risos) Explosões, fogos, sei lá, alguma coisa divertida assim! O KISS foi um catalisador para mim, então foi difícil testemunhar o fim da banda. Partiu o meu coração, mas as coisas são como são.

JINJER

MANTENDO O SONHO VIVO!

Em seu segundo álbum ao vivo, Jinjer mostra a razão de ser considerada uma das melhores bandas nos palcos

Por Valtemir Amler

Se a simples tarefa de se manter vivo no mundo da música pesada já pode parecer um trabalho hercúleo para a maior parte das bandas, imagine então quanta dedicação é necessária para se manter relevante, especialmente depois de ser considerado um dos nomes mais promissores de sua geração. Junto da admiração dos fãs sempre vem um bocado de desconfiança dos detratores, e às vezes é muito difícil manter o equilíbrio entre esses dois extremos. Para aqueles que se perguntam como o Jinjer está respondendo a tudo isso, uma boa resposta pode ser conferida no novíssimo *Live in Los Angeles*, segundo registro ao vivo que os ucranianos lançam oficialmente em cerca de quatro anos. Mantendo-se em constantes turnês desde o seu nascimento, o quarteto soube muito bem como aproveitar sua crescente popularidade, coisa que transparece em cada minuto deste show gravado em áudio e vídeo na Califórnia, um dos grandes centros mundiais da música e do entretenimento em geral. Além de nos falar tudo sobre o novo registro e o que ele representa para o Jinjer, nosso convidado, o baixista Eugene Abdukhanov, também dá um breve aceno para o futuro novo álbum de estúdio do grupo, a visita ao Brasil programada para o fim do ano e o seu passado como fã e músico iniciante.

LIVE IN LOS ANGELES
Napalm - Imp.

Ao longo dos anos, o Jinjer se tornou uma das grandes forças do metal ao vivo, cimentando seu nome entre as bandas que vivem em constantes turnês, então, faz sentido lançar um álbum ao vivo. Mas vale lembrar que em 2020 vocês lançaram *Live in Melbourne*, então, quais são as principais diferenças que os fãs encontrarão entre aquele e o novo *Live in Los Angeles*?

Eugene Abdukhanov: Bem, diria que a primeira grande diferença, talvez a mais importante de todas, é o profissionalismo. O que aconteceu em Melbourne foi tudo no improviso, de verdade. Simplesmente aconteceu de ter alguém nos filmando. Foi realmente isso, tanto que o vídeo ficou com uma qualidade muito baixa, nunca o lançamos oficialmente. Embora seja fácil encontrá-lo no YouTube, nunca lançamos em formato físico. Quanto ao áudio, também não foi algo planejado. Foi meio que: 'OK, estamos com esse material nas mãos, ele foi decentemente gravado, foi uma boa performance e não sabemos o que vai acontecer em seguida, então, vamos lançá-lo.' Não estou exagerando, foi exatamente assim que a decisão foi tomada (risos). Todos sabemos o que aconteceu em 2020, a situação em que tudo estava, e todas as bandas estavam fazendo algo assim, então achamos que seria a decisão certa colocar essa apresentação nas mãos dos nossos fãs.

Então, o que você está dizendo é que a principal diferença é que *Live in Los Angeles* foi um álbum planejado.

Eugene: Sim, é exatamente o que quero dizer. E, claro, isso faz uma grande diferença no resultado, mas chegarei lá em um instante. Primeiro, gostaria de dizer que a coisa originalmente surgiu do nada, estávamos já no meio da turnê quando decidimos que queríamos ter o show gravado. O show de Los Angeles foi no final da turnê, então tínhamos ainda um bom tempo para fazer os preparativos e transformar a ocasião em algo ainda mais especial, se entende o que quero dizer.

Claro.

Eugene: Pois bem, então aqui entram mais algumas diferenças que vocês poderão notar comparando os dois discos. Em Los Angeles tivemos toda nossa equipe reunida, a apresentação foi em uma grande casa de shows com os ingressos esgotados, celebrando talvez nossa maior turnê, acho que foi a maior até o momento. Isso tudo meio que garante um resultado satisfatório, acima do que conseguimos em Melbourne. Além disso, existe uma diferença bem perceptível também na performance. Em Los Angeles, conseguimos um setlist muito mais abrangente, pudemos incluir canções de todos os nossos álbuns, dando o devido destaque a *Wallflowers* (2021), que era o álbum da turnê. Só por isso, já dá para dizer que o novo disco oferece uma experiência muito mais completa para o fã, mas outro grande ponto é o vídeo. Dessa vez, temos o vídeo da apresentação registrado e em ótima qualidade, então ele está sendo lançado no pacote, é parte da experiência. Claro que o áudio também é superior ao que conseguimos no anterior, mas acho que o vídeo é realmente um destaque. Estamos orgulhosos do que conseguimos e felizes por poder lançar em formato físico e compartilhar esse momento com nossos fãs.

E é uma experiência muito legal poder pegar os dois álbuns hoje e colocá-los lado a lado, um mostrando a banda em um momento completamente espontâneo e o outro, em um momento totalmente planejado e controlado.

Eugene: Sim, são dois momentos muito distintos, a mentalidade é diferente, a atitude é diferente, a perspectiva é diferente. Tudo mudou muito de um show para o outro, e não falo isso apenas no

sentido de que todos mudamos ao longo dos anos, com as coisas que vivemos e todo o resto, digo até no sentido profissional da coisa. Em 2020, o show foi muito limitado por conta do que estava acontecendo, não tínhamos nossos técnicos, não tínhamos nosso time ao nosso lado, éramos apenas nós quatro e o cara do som (risos). Faz toda a diferença estar com o time completo e preparado, mas não se engane, também curtimos o show em Melbourne, tanto que faz parte da nossa discografia. É apenas que, como você salientou, eles capturam momentos bem diferentes da banda.

Para encerrar essa parte da nossa conversa, sabemos que o Jinjer deverá voltar ao Brasil no final de 2024. Vocês já têm um planejamento sobre isso?

Eugene: Claro, assim que o show foi confirmado, começamos a pensar em como seriam as coisas, é como gostamos de fazer. Simplesmente amamos tocar para as pessoas, em qualquer parte do mundo, e é claro que o Brasil é parte disso. Tenho amigos por aí, bandas que cresci ouvindo são daí, o Sepultura sempre foi uma das minhas favoritas, então planejamos algo bem especial. Claro que tocaremos canções de todos os discos, revisitaremos nosso catálogo, mas também planejamos tocar algumas novas músicas por aí, como uma pequena amostra do que será o nosso próximo álbum.

Quanto a isso, em que pé está o processo para o sucessor de *Wallflowers*?

Eugene: Neste exato momento em que falamos, posso te dizer que as linhas de bateria já estão gravadas. Sei que parece pouco, mas essa é na realidade a parte mais complicada do álbum, ou pelo menos uma das mais complicadas, pois a bateria guia todo o restante. Acho que vocês vão gostar do que vem por aí, existem umas partes realmente malucas no novo material, coisas tão pesadas quanto as que fizemos em *Wallflowers*, mas com uma técnica um tanto mais apurada, que gera um sentimento de desafio para tocar. Ontem mesmo estive ensaiando algumas das minhas partes para o novo álbum e preciso dizer que tive que trabalhar duro para executar aquilo que me propus a fazer em algumas músicas (risos).

Vladislav Ulasevich

Tatiana Shmayluk

Fotos: Lina Glasir

Não acho que isso é algo que os fãs vão reclamar.

Eugene: Não, acho que eles vão adorar (risos). Ao menos, espero que sim! Estamos bastante animados com o que vem por aí e mal posso esperar para mostrar para as pessoas algumas das novas músicas. E o Brasil está entre os primeiros que vão conferir algo desse material ao vivo, no próximo verão de vocês!

Para finalizar nossa conversa, gostaria de mergulhar no seu passado. Você ainda lembra de quando se apaixonou por música pesada?

Eugene: Na verdade, sim, lembro exatamente o momento em que isso aconteceu! Eu tinha 11 anos e era um domingo de manhã. Nós tínhamos um rádio muito bom na cozinha da nossa casa e costumávamos ouvir uma estação local que tocava todo tipo de música. Mas, como estávamos nos anos 90, estávamos na era do grunge, e mesmo em uma pequena rádio ucraniana estava tocando *Smells Like Teen Spirit* (Nirvana). A primeira vez que ouvi essa música, minha cabeça praticamente explodiu! Fiquei obcecado por aquele som! Já no dia seguinte, juntei todas as economias que tinha para comprar uma fita cassete do Nirvana. E nem era *Nevermind* (N.R.: segundo álbum completo da banda de Seattle, lançado em 1991), era apenas uma coletânea qualquer, provavelmente pirata, mas com todas aquelas músicas incríveis e um encarte de qualidade decente, então fiquei muito feliz com a compra! Essa foi a minha introdução na música pesada. Dali em diante, comecei a emprestar fitas dos meus amigos e fazer cópias, tudo o que mais queria era descobrir mais bandas, mais músicas. Comecei a curtir bandas do leste europeu, da área da ex-União Soviética, e logo vi uma das minhas favoritas no Aria, até hoje uma das mais reconhecidas desse cenário. Ao mesmo tempo, tinha esse amigo mais velho que praticava esporte comigo, e ele era viciado em coisas mais pesadas. Foi ele quem me introduziu ao Iron Maiden, Death e todas essas bandas mais aclamadas do metal.

O baixo foi seu primeiro instrumento?

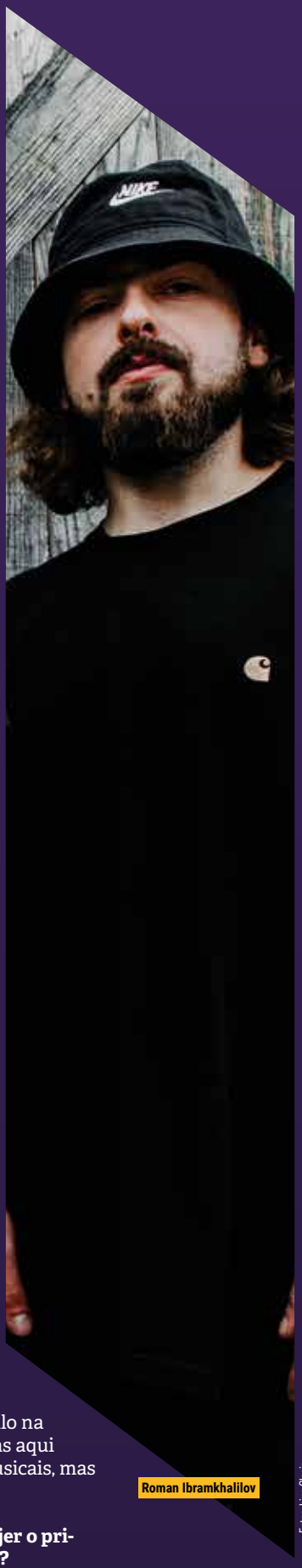
Eugene: Sim, mas isso ainda levou um tempo. Acho que foi apenas aos 18 anos que comecei a tocar e foi o baixo logo de cara.

Algum baixista o inspirou?

Eugene: Eu tinha meus ídolos. Steve Harris foi uma grande inspiração no começo, mas a verdade é que não comecei a tocar baixo pensando em seguir os passos de alguém em especial. Sendo totalmente sincero com você, a razão de ter optado pelo baixo é que pensei que fosse mais fácil de tocar. Logo descobri que não era (risos). Então, para qualquer pessoa que estiver lendo as minhas palavras e estiver interessado em tocar, saiba que não é fácil (risos). Não existe atalho, você precisa estudar muito e praticar muito.

Bem, até onde sabemos, o Jinjer não foi sua primeira banda. Imagino que essas experiências anteriores também tenham ajudado na sua formação como músico.

Eugene: Ajudaram, sim, e muito. Na verdade, desde que comecei a tocar, entrei em todas as bandas que consegui (risos). Tudo o que queria era tocar, e nem todas essas bandas eram necessariamente de metal, se é que me entende. Toquei de tudo, fazíamos muitos covers, e você precisa tocar de tudo para agradar o maior número de pessoas possível. Então, tocávamos Metallica, Iron Maiden e Black Sabbath, mas também bandas populares, de pop e progressivo, tudo o que puder imaginar. Eu queria ganhar experiência, aparecer no circuito de shows e aprender o máximo que podia sobre música, então todas aquelas bandas foram parte do aprendizado. Ainda uso muito daquilo na música do Jinjer, existem coisas aqui que vêm de outros gêneros musicais, mas com uma roupagem metal.



Roman Ibramkhalilov

Fotos: Lina Glasir

Também não foi com o Jinjer o primeiro disco que gravou, certo?

Eugene: Certo. Bom, a maior parte das bandas em que toquei nunca chegou a lugar nenhum, quer dizer, nós até chegamos a gravar algumas demos, mas não era algo realmente sério. É difícil explicar, éramos garotos tocando, e era só isso. Depois, entrei numa outra banda e gravamos um álbum, e isso foi logo antes de me juntar ao Jinjer.

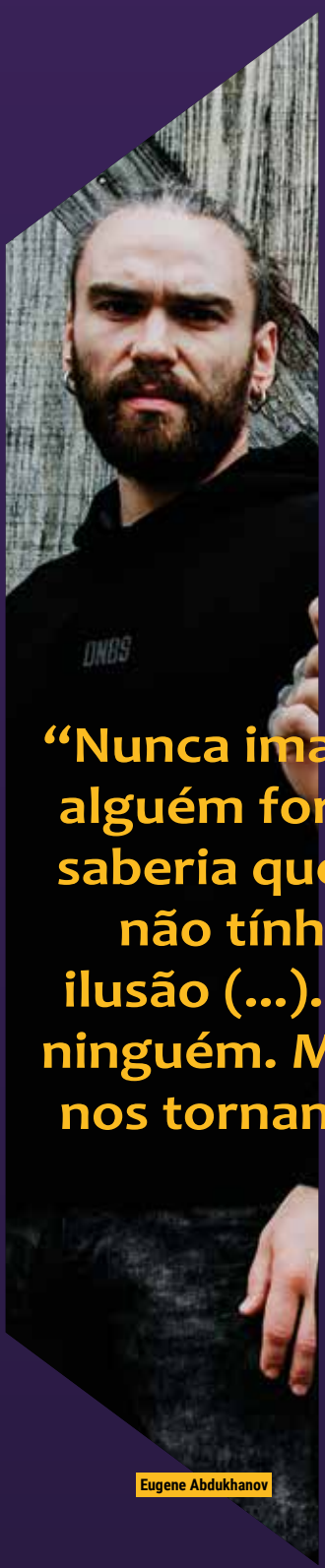
O Jinjer foi a sua primeira banda mais 'séria', mais profissional?

Eugene: Acabou sendo, mas não era quando entrei (risos).

Como assim?

Eugene: Éramos apenas um bando de garotos querendo tocar música e se divertindo com isso. Acontecia de compormos uma música aqui e ali, e um dia tivemos a chance de gravar. Gravamos e assim foi acontecendo. Nunca pensamos que poderia ser algo além disso. Nunca imaginamos que alguém fora da Ucrânia saberia que existíamos, não tínhamos essa ilusão, pois naquela época não seria um sonho, seria uma ilusão! Não éramos ninguém. Mas acabamos nos tornando alguém.

Em que momento sentiu que tudo tinha dado certo para você na música?



Eugene Abdukhanov

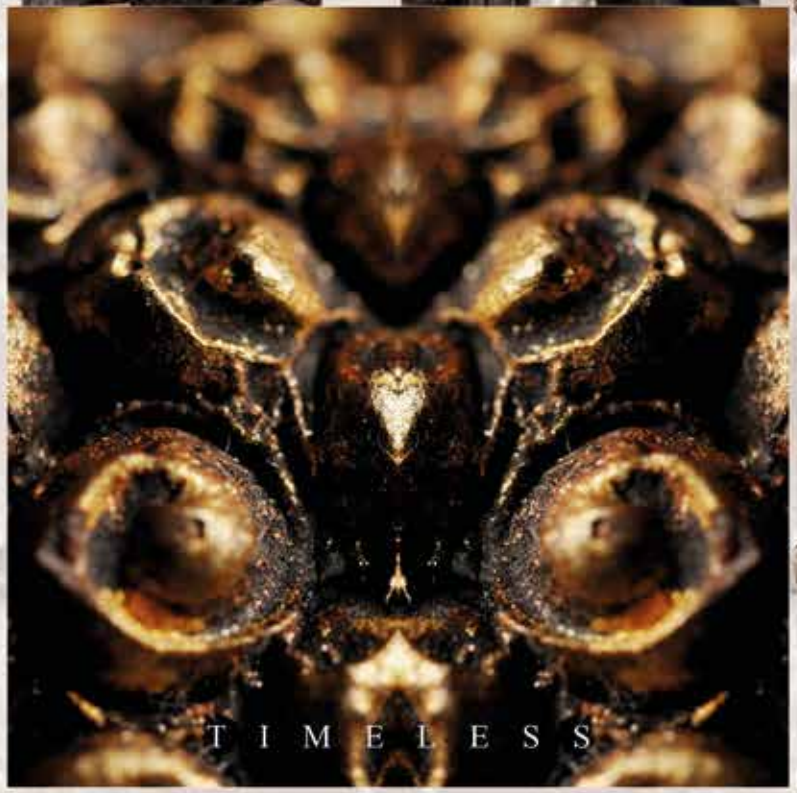
"Nunca imaginamos que alguém fora da Ucrânia saberia que existíamos, não tínhamos essa ilusão (...). Não éramos ninguém. Mas acabamos nos tornando alguém."

Eugene: Apenas quando excursionamos pela primeira vez pelos EUA. Antes, nenhum de nós achou que isso daria certo, estávamos apenas aproveitando o momento e nos divertindo, vivendo a experiência de estar lado a lado com nossos heróis. Quando fomos pela primeira vez aos EUA, por volta de 2018, senti que tínhamos alcançado outro patamar, que éramos uma banda profissional, algo muito maior do que um dia sonhamos que poderíamos alcançar.

OUTONO MUSIC

APRESENTA:

KRYOUR



MARKETING-PR

Hoffman & O'Brian
marketing artístico e entretenimento

DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS

Spotify deezer YouTube Music

@KRYOUR

Rhapsody of Fire

Uma saga de amizade e harmonia

Único membro da formação original, Alex Staropoli diz que estabilidade foi fundamental em *Challenge the Wind*

Por Gustavo Maiato

Dando sequência à história que iniciou em *The Eight Mountain* (2019) e continuou em *Glory for Salvation* (2021), o Rhapsody of Fire lançou o terceiro da narrativa que ganhou o nome de *Nephilim's Empire Saga*. Colhendo os frutos de uma banda com formação estável e unida, o tecladista Alex Staropoli comemora o resultado enquanto aguarda para realizar show único no Brasil, em São Paulo, no dia 9 de maio.

***Challenge the Wind* continua a *The Nephilim's Empire Saga*, que começou quando o vocalista Giacomo Voli entrou para a banda. Como foi desenvolver a história nesse disco?**

Alex Staropoli: Essa história de escrever narrativas começou ainda na época do Luca Turilli. Quando começamos essa nova versão da banda, perguntei para todos se poderíamos manter essa criação de histórias. Falei com Giacomo que ele poderia criar uma nova saga. Só que eu só quero compor as músicas! [risos] Disse que a responsabilidade seria dele e era para ele criar algo bacana e me apresentar. Ele deu a ideia dessa saga e gostei. No começo, estávamos discutindo sobre a história desse personagem Nefilim. Eu estava em contato com Neil Johnson, que é diretor de cinema, fizemos muitos videoclipes juntos, desde a época de *Unholy Warcry* (2004) e *The Magic of the Wizard's Dream* (2005). Eu falei sobre o novo projeto e ele disse que tinha uma narração gravada do Christopher Lee em que ele fala sobre o Nefilim. Ele tinha feito isso para outro projeto. Tive muita sorte de ter esse pequeno pedaço de narração que serviu bem! Esse foi o começo e foi um sinal de que ia dar certo. Agora, no terceiro álbum, a história continua. Não quero entrar em detalhes sobre a narrativa, porque acho que os ouvintes precisam ler as letras e prestar atenção no encarte, sabe? Na nossa cabeça, todos vão ter seus CDs ou vinis, vão abrir o encarte e ler. Como nos velhos tempos! Simplificando, é uma história sobre lados opostos. Tem uma mensagem positiva de que todos que querem mudar podem conseguir, desde que tenham responsabilidade. Assim, se tornam heróis.

Giacomo parece estar cada vez mais à vontade. Ele até mesmo faz gutural em *Vanquished by Shadows*...

Alex: Sim! Nós concordamos sobre a narrativa que iria se desenvolver e sempre envolvemos Giacomo no processo, porque desde o começo queríamos que ele fosse o responsável pelas letras. Primeiro, porque é ele quem cantaria, então precisa encontrar a ordem certa das palavras, os sons certos e a mensagem certa. Ele vem fazendo um trabalho excelente, a história se torna real! Nós gravamos os vocais e os corais e foi uma experiência fantástica. Estava um ambiente sem stress, tudo bem tranquilo, tivemos tempo. Se algo estivesse errado, podíamos tentar outra coisa. Por isso é importante criar essa experiência em que é possível respirar.

CHALLENGE THE WIND
AFM/Valhall - Nac.

Como você avalia seu trabalho de teclado? Você sempre foi famoso por solos de teclado!

Alex: Na verdade, minha ideia nunca foi colocar solos de teclado e virtuosidade só por colocar. Neste disco, temos apenas um solo de teclado! Gosto de fazer quando há um local apropriado na música. Eu estou sempre muito envolvido nos solos de guitarra. Sempre incentivo Robby de Micheli a fazer o melhor que ele pode. Às vezes, ele chega com algo tão fantástico! Posso gostar da demo mais do que da música. Eu digo para ele como pode ser um solo e ele vem com algo ainda melhor. É sempre um processo. Sou mais envolvido nos solos de guitarra do que de teclado, afinal!

Roby de Micheli já está na banda há muitos anos. Os fãs ainda são nostálgicos pelo Luca Turilli?

Alex: Eles dois foram para a escola juntos! Eram colegas de classe. Eles se conheciam até mesmo antes de eu surgir na história. Nós nos encontramos, falamos sobre música e tudo mais. É engraçado porque quando nós e o Luca Turilli rompemos, imediatamente pensei em Roby para o cargo. Ele estava pronto. Foi ótimo encontrá-lo novamente como amigo e músico. Estou muito feliz porque todos nós somos italianos e, tirando Giacomo, somos todos de regiões próximas. A base é em Trieste, minha terra natal, temos uma comunicação muito boa, nos entendemos e falamos no nosso próprio dialeto!

Quando Luca Turilli e Fabio Lione saíram, um dos argumentos na época foi que eles queriam tratar de outros temas além da fantasia medieval. Você está disposto a fazer músicas sobre outros temas?

Alex: O universo musical do Rhapsody of Fire pode conter muitas coisas. Desde o clássico até o barroco, heavy metal, baladas e música de filme. Nós fizemos músicas tão diferentes e é um privilégio poder incorporar tantas coisas. O que não sou muito fã é de incluir esses temas mui-

to futuristas, como Turilli acabou fazendo depois. Ele gosta desses temas e tudo bem, é legal às vezes ouvir bandas que usam esses teclados futuristas. Gosto de Rammstein, com essa abordagem mais pesada. Só que na banda que fundei e represento não é bem o que quero. Prefiro falar usar sobre corais e orquestras para falar sobre 'Game of Thrones' e 'Senhor dos Anéis' do que coisas do espaço. Quando escrevo música, essa é minha influência principal. São fantasia, guerreiros, heróis etc. Não é moda, é o que gostamos de fazer.

O primeiro álbum com Giacomo foi *Legendary Years* (2017), com releituras de clássicos antigos. Como foi essa experiência?

Alex: Foi um risco, devo dizer. Queria ser fiel às versões originais. Isso foi acordado com Giacomo. Foi uma maneira de apresentar a nova formação da banda e nosso novo cantor. Foi também uma forma de atualizar as músicas antigas. Os fãs antigos podem preferir a versão antiga e alguns podem se surpreender com o novo cantor. Claro que Lione e Giacomo têm vozes diferentes, mas muitas vezes quando ouço me lembra as versões originais. Quando gravei esse disco, entendi a potência dessas músicas. Deu muito trabalho, até mais do que compor um disco de inéditas! (risos)

O que você mais sente falta da formação antiga do Rhapsody of Fire e o que mais gosta dessa formação atual?

Alex: Nesse novo Rhapsody eu gosto muito da amizade que há e do fato de termos estabilidade. Temos uma base forte, quando fazemos shows há uma grande energia. Sei que não é a formação antiga, mas é nossa nova realidade. Desde 2011 estamos com essa nova formação. Vemos que os fãs estão sempre felizes. Nossa última turnê nos EUA foi incrível! Sempre que tocamos, sentimos o poder de sermos tão unidos e amigos. Isso é algo raro de encontrar. No passado, tinha essa abordagem mais inocente. Éramos eu e Luca compondo. Lembro de ir para a Alemanha gravar os primeiros álbuns e mal sabíamos que poderíamos fazer algo com tamanho reconhecimento. Não sabíamos que seríamos grandes, mas era especial. São coisas legais de se lembrar do passado. Mas você precisa também da estabilidade que temos agora. Isso não era o caso no passado, no final tudo colapsou. Até tinha certa estabilidade, mas enfim, foi algo triste.

Em 2024 temos vinte anos de *Symphony of the Enchanted Lands Part 2*. Qual sua memória mais forte dessa época?

Alex: Foi uma época incrível. O título já foi um sucesso e conquistou o coração dos fãs. Nós ficamos loucos nessa época, gastamos muito dinheiro. Tivemos uma orquestra e Christopher Lee. Trabalhamos muito duro para conseguir. Não consigo escolher uma só música como minha favorita desse disco, é como uma experiência completa. Nós chamamos essa turnê na América Latina de 'Glory of the Enchanted Lands' justamente por causa desse aniversário de vinte anos do álbum. Vamos tocar músicas desse disco.

Falando sobre essa turnê, o que os fãs podem esperar do setlist? E por que o Rhapsody of Fire veio tão poucas vezes para o Brasil?

Alex: Já faz doze anos desde que tocamos a última vez no Brasil. Sempre ansiamos por voltar e agora foi a hora certa. Se dependesse de mim, eu tocaria todo ano aí! (risos) Amo a América Latina e o Brasil. É um sonho para mim só de estar aí. Os fãs são sempre incríveis, sempre com uma calorosa recepção. Por isso nós sentimos tanta falta. Estamos felizes de voltar. Vamos tocar muitas músicas novas e antigas que os fãs querem ouvir. Vamos todos nos divertir.

Você tem planos para encerrar a atual saga?

Alex: É uma pergunta boa porque chegaram a circular notícias de que esse seria o terceiro e último disco da saga. Mas isso não é verdade. O próximo disco será o quarto da saga e não vamos encerrar aí. Deve ter mais uns dois! Precisamos pensar a respeito. Acabamos de encerrar esse! Mas vai ter pelo menos mais um com certeza.

Massimo Battista

Paolo Marchesich, Alex Staropoli,, Giacomo Voli, Roby de Micheli, Alessandro Sala

O TERCEIRO E ÚLTIMO ATO

Em cerca de dez anos, o Nightwish precisou enfrentar diversas trocas de integrantes - incluindo a admissão da cantora holandesa Floor Jansen - e se debruçou sobre o curioso tema da aventura humana no planeta Terra

A saída de Anette e a chegada de Floor

Se a saída de Tarja Turunen e a chegada de Anette Olzon foi traumática e exposta para os fãs na mídia, no caso da substituição da sueca pela holandesa Floor Jansen a história foi diferente. Ainda cheia de pontos de interrogação, os reais motivos para a troca permanecem ocultos. Há quem sustente a tese de que Tuomas Holopainen e companhia não estavam satisfeitos com sua performance ou que a demissão teria sido causada por causa da gravidez ou do afastamento que ela solicitou por causa de uma doença. O fato é que no meio da turnê de divulgação de *Imaginaerum* surgiu o anúncio de que Floor, ex-After Forever, assumiria os microfones – na teoria, inicialmente em caráter provisório. Em 2013, Olzon se pronunciou ainda com bastante mágoa sobre o ocorrido à revista Menaiset. "Aconteceu comigo o que aconteceu com Tarja. Fui demitida. Nenhum dos membros da banda veio ao hospital para me ver. Eu sugeri que deveríamos cancelar alguns shows até me recuperar, mas os meninos se recusaram a discutir esta questão. Eu ainda estava me recuperando quando levaram a cantora holandesa Floor Jansen para me substituir. Eu me perguntava o que eu tinha feito de errado para merecer isso. Eu estava com medo, é claro, por que isso era um dos sustentos da minha família. Mentalmente, o que ficou pesado foi o fato de que os meninos da banda decidiam tudo por mim. Eu não tinha uma palavra a dizer. Se o Tuomas dissesse 'agora vamos para a África', então nós íamos."

Até mesmo uma espécie de documentário foi produzido mostrando a chegada de Jansen, chamado *Please Learn the Setlist in 48 Hours*, referência ao tempo que Floor teve para aprender as músicas do Nightwish enquanto assumia a turnê. Há quem diga que na verdade a holandesa já estava de sobreaviso, mas são teorias. Foi com essa formação que a banda desembarcou no Brasil para uma série de shows em dezembro de 2012. Para variar, a nova vocalista dividiu os fãs, com comentários dizendo que Holopainen não estaria explorando todo seu potencial nos shows. A verdade é que Jansen consegue cantar do gutural ao lírico e no Nightwish ela começou ainda tateando no escuro e entendendo qual seria seu papel.

Fotos: Divulgação

Com a chegada de Floor Jansen se inicia a terceira fase do Nightwish

Showtime e a saída de Jukka

Para coroar o início dessa terceira fase da banda, foi gravado um DVD no tradicional festival Wacken Open Air chamado *Showtime, Storytime*, recheado de hits das eras Tarja e Anette, mas com Floor no vocal. A essa altura, o multi-instrumentista Troy Donockley já acompanhava as turnês do Nightwish tocando suas gaitas e fazendo backing vocals. O registro foi o último ao vivo com o baterista Jukka Nevalainen, que se afastou das baquetas primeiro de maneira provisória por causa de problemas de insônia. Sua saída para valer da banda se daria apenas em 2019, mas a realidade é que desde 2014 ele decidiu sair e dar lugar a seu amigo Kai Hahto, que atuava no Wintersun.

Este foi o comunicado que Nevalainen soltou ao explicar aos fãs a decisão: "Como começar a dizer algo que você não quer dizer, embora você saiba que a decisão é a única (pelo menos a única correta) que você poderia ter tomado no momento? Eu estou enfrentando um dilema agora, e vou fazer o meu melhor para encontrar as palavras certas. Por alguns anos, tenho sofrido de uma ocasional, mas muito complicada insônia, algo que tem sido minha companheira indesejada por muitas das nossas turnês também. Tenho feito o meu melhor para tentar controlar ou, pelo menos, lidar com isso. Ainda assim, nós não sabemos realmente por que precisamos dormir, então, infelizmente, não há muitas informações disponíveis sobre o porquê de alguns de nós sofrermos com a falta de sono. Não há 100% de cura para o problema. Durante o último mês, ficou evidente para mim que, em razão da minha insônia, eu não posso cumprir com as minhas obrigações como músico do jeito que eu quero e com a precisão que a música merece. Assim, decidi me afastar de minhas funções como baterista do Nightwish durante as gravações do próximo álbum e da turnê subsequente. Eu ainda vou me envolver com o dia a dia da banda, mas a coisa mais importante e especial, que é tocar, não será possível, por enquanto. O tempo irá dizer o que acontecerá no futuro.

Em um nível pessoal, minha decisão é, obviamente, indescritivelmente triste. Felizmente, olhando por uma outra perspectiva, isso é 'apenas' uma parte do constante e inevitável fluxo da vida. As coisas tristes são parte disso, assim como as bonitas e inesquecíveis experiências e aventuras que eu tive o prazer de vivenciar. Certamente, haverá muitas aventuras pra frente também. Meu grande amigo Kai Hahto [Wintersun] gravará a bateria no próximo álbum. Eu estou extremamente grato por ele não ter hesitado nem por um minuto quando decidiu nos ajudar nessa situação desafiadora. Sobre a turnê, tudo ainda está em aberto, mas informaremos vocês assim que possível quem fará parte do line-up."

Troy Donockley

Endless Forms Most Beautiful

Com a chegada de 2015, o Nightwish se preparava para lançar, finalmente, seu primeiro álbum com Floor nos vocais. O assunto principal das músicas girou em torno da biologia, da evolução das espécies e da diversidade da vida no planeta Terra. Tuomas, que sempre gostou desses temas, resolveu apostar forte nesse mote e logo de cara foram anunciados os singles *Élan* e *Sagan*. Enquanto a primeira trata de uma força ou princípio criador da vida, a segunda é sobre Carl Sagan, famoso cientista americano e divulgador da ciência. Vale lembrar que foi justamente nessa turnê que o Nightwish fez um dos shows mais importantes de sua carreira no Rock in Rio, tendo como convidado o vocalista Tony Kakko, do Sonata Arctica, que fez dueto com Jansen em *Last Ride of the Day* e *The Islander*.

Kai Hahto

Ao Sea of Tranquility, Tuomas comentou sobre o curioso e enorme nome do disco *Endless Forms Most Beautiful*: "Eu estava realmente lutando com o título do álbum. Eu sabia que havia certos temas: louvor pelas maravilhas do mundo natural, evolução, amor... Tudo isso. Mas como reunir tudo isso em um título? E então eu lembrei, espere aí, a citação clássica de 'A Origem das Espécies'. Ainda sinto arrepios, é tão perfeito. Imediatamente liguei para os outros membros da banda – o que vocês acham disso? É o melhor título de álbum de todos os tempos!"

Abrindo o tracklist, *Shudder Before the Beautiful* fez muito fã das antigas se lembrar dos arranjos de *Oceanborn*, principalmente pelos teclados da introdução e do sintetizador que Tuomas utiliza no solo no estilo "batalha" com a guitarra de Emppu Vuorinen. *Yours Is an Empty Hope* chamou muita atenção pelo fato de ser parecida com *Dark Chest of Wonders* e é sem dúvida um dos registros mais pesados da discografia dos finlandeses. A balada *Our Decades in the Sun* é um dos pontos altos, com Floor cantando uma belíssima letra de Tuomas sobre a relação de pais com filhos, e é uma das únicas do disco que foge da proposta temática. Outro destaque é a quase balada *Edema Ruh*, sobre os atores itinerantes personagens do livro "O Nome do Vento", do escritor americano Patrick Rothfuss.

Já *The Eyes of Sharbat Gula* é um caso curioso. Trata-se de uma música instrumental inspirada na icônica foto da mulher afegã que batiza a canção e está estampada na capa da revista National Geographic, que acabou se tornando símbolo da luta das mulheres daquele país no meio do caos das guerras que assolavam aquela região. A última faixa é a épica *The Greatest Show on Earth*, com nada menos do que 24 minutos e diversas partes interligadas que contam a história desde o surgimento da vida até o esplendor da diversidade da fauna e da flora que hoje habitam os ecossistemas dos cinco continentes.

Jukka Koskinen

Vehicle of Spirit e celebração da carreira

Embora o Nightwish tenha lançado poucos anos antes um DVD, possivelmente a turbulência que atingiu a banda com novos integrantes e novo disco despertou no agora sexteto a vontade de criar um novo registro em vídeo. Assim surgiu *Vehicle of Spirit*, verdadeiro compilado de shows realizados principalmente na Inglaterra e na Finlândia que coroou o início da terceira era e o disco *Endless Forms Most Beautiful*. Pegando carona na comemoração de vinte anos de fundação do grupo, que ocorreu em 2015, surgiu a vontade de fazer outro DVD. Pela primeira vez na história da banda, o Nightwish fez uma viagem no tempo para celebrar essa data importante numa turnê mundial, recordando hits de álbuns praticamente esquecidos, como *Angels Fall First* e *Oceanborn*. Clássicos como *Elvenpath*, *The Carpenter* e *Gethsemane* foram resgatados em versões repaginadas, já que o grupo não é nada parecido com o que gravou esses registros lá atrás. A grande novidade foi a voz de Troy, que surgiu, por exemplo, em *The Carpenter* e adicionou muito no resultado. Mais uma vez o grupo passou pelo Brasil para show único em São Paulo com abertura do Delain. O país escolhido para registrar mais esse DVD, no entanto, foi a Argentina. Assim surgiu *Decades: Live in Buenos Aires*, lançado em 2019. Após essa intensa celebração da carreira, o ano seguinte reservaria grandes desafios e mais um disco de inéditas.

Sobre revisitar a carreira e voltar a se conectar com músicas antigas, Tuomas contou ao Metal Chest of Wonders: "Cerca de um ano atrás, eu ouvi todos os álbuns em ordem cronológica. Então, fiz uma lista das músicas que eu sentia que deveríamos tocar – as óbvias como *Dead Boy's Poem* e *The Carpenter* - e dei

Showtime, Storytime
(2013)

Endless Forms Most Beautiful
(2015)

Human. :II: Nature
(2020)

aos outros membros da banda para saber o que eles pensavam. E acho que houve apenas uma mudança feita a partir dessa lista, uma música chamada *Astral Romance* estava lá, mas decidimos substituí-la. Foi assim que começou. Acho que a ideia do álbum veio da gerência, do Ewo. Eu também brinquei com a ideia, embora não seja o maior fã de DVD ao vivo ou lançamentos ao vivo, mas algumas dessas músicas só serão tocadas nesta turnê. *The Carpenter* ou *Sacrament of Wilderness* nunca mais serão tocadas, então essa é uma boa maneira de imortalizar essas músicas. Tenho sentimentos muito mistos sobre elas."

Human :: Nature e a pandemia de covid-19

O ano de 2020 está marcado da memória de muita gente como um período desafiador e triste, repleto de perdas de vidas e de empregos. Tudo isso por causa da pandemia de covid-19, que assolou o mundo inteiro a partir de março. O Nightwish cogitou adiar o lançamento de *Human :: Nature*, segundo registro da era Floor, mas no final das contas o álbum saiu apenas um mês depois de todos os países se fecharem na quarentena. Sobre o conceito, Tuomas explicou que se tratava de uma espécie de continuação do anterior, só que dessa vez focando na história da humanidade. O tecladista revelaria depois que na verdade pensou numa trilogia, que se estenderia com o tema da grande aventura humana como mola mestra até o próximo disco. Para a Blabbermouth, ele contou que um dos pontos altos foi poder utilizar o potencial de três vocalistas ao máximo: Troy, Floor e Marko.

"Eu apenas comecei a fazer as músicas uma por uma. Não tinha ideia de como o álbum todo soaria. As músicas foram surgindo uma a uma e, em algum momento, percebi que quase todas eram sobre a humanidade. A palavra 'humano', a palavra 'natureza', elas aparecem muito nas letras. De alguma forma, é um álbum conceitual sem a intenção de ser. Também há um pequeno jogo de palavras adorável porque também é sobre a natureza humana, como somos enquanto espécie. Deixamos a orquestra completa para as primeiras nove faixas, então isso abriu muito espaço para os instrumentos e os vocais. Foi uma decisão deliberada. Depois, a orquestra entra com tudo para o último épico sinfônico. Mas acho que quando se trata do processo de fazer o álbum, a fórmula foi praticamente a mesma dos anteriores. Tentei deixar as músicas o mais finalizadas possível por conta própria, depois as apresentei à banda e começamos o processo do zero novamente. É resultado de muitas coisas diferentes. Simplesmente percebemos que não tínhamos explorado todo o potencial dos três vocalistas da banda porque todos têm seu som único, todos são cantores

A formação que gravou o álbum *Endless Forms Most Beautiful*, repleto de temas sobre Ciências Naturais

verdadeiramente incríveis, então por que não fazer um disco orientado para os vocais, especialmente na primeira metade dele? Vamos fazer um trabalho para cantores. Faça cada coro em três harmonias e foi isso que acabamos fazendo."

A ideia dessa vez foi lançar um disco duplo em que a primeira metade simbolizasse o lado "humano" e a segunda, a "natureza". É por isso que as primeiras músicas trazem vocais e a última parte é totalmente instrumental – sem a presença humana, de certa forma. Outra curiosidade é que a maioria das músicas traz apenas uma palavra no título: *Music*, *Noise*, *Shoemaker*, *Harvest*, *Pan*, *Procession*, *Tribal* e *Endlessness* no primeiro ato. Apenas *How's the Heart* quebra a regra. A segunda parte é chamada de *All the Works of the Nature Which Adorn the World*, dividida em oito partes. Com mais elementos de orquestra, menos guitarra, mais jogo de vozes e menos letras baseadas em termos técnicos de biologia, o disco agradou uma maior quantidade de fãs do que o antecessor. No começo, o destaque é o single *Noise*, que trata de um tema que ninguém poderia apostar que testemunharia Tuomas se debruçando sobre: a nociva dependência que as pessoas cada vez mais contraem em relação ao mundo das redes sociais. *Shoemaker* é mais uma homenagem a um cientista, desta vez, o geólogo e astrônomo Eugene Shoemaker, que teve suas cinzas levadas para a Lua após sua morte. Já *Harvest* foi pensada para Troy brilhar com sua voz doce e macia. A música trata de outro assunto instigante: a relação do homem com a agricultura. A faixa que encerra o disco, *Endlessness*, é uma das mais bonitas da fase Floor e traz Marko como protagonista refletindo sobre a passagem do tempo. O tempo diria que se trataria da última faixa na voz do gigante finlandês que seria ouvida no Nightwish, já que pouco tempo depois ele anunciaria sua demissão do grupo.

À Tuonela Magazine, Floor refletiu na ocasião sobre o fato de estar começando no Nightwish, já obter reconhecimento e com *Human :: Nature* sua presença ter se amplificado. Ela comentou sobre o disco ter saído em plena pandemia. "Não vamos esquecer que este é o meu segundo álbum de estúdio com a banda, sabe? Este ano, celebro dez anos de Nightwish, mas é apenas o segundo disco de estúdio e para o Kai, foi o primeiro, então alcançar esse reconhecimento é especial. Mesmo que para Tuomas e Emppu talvez nem seja tanto, para todos é sempre muito especial, pois são nossos fãs que tornam isso possível. Lançamos um álbum e logo depois a pandemia nos atingiu. Então, havia muita insegurança ao redor. Nós conseguimos, então estamos superorgulhosos", disse.

Saída de Marko e DVD virtual da pandemia

A pandemia não dava trégua e a turnê de divulgação de *Human :: Nature* precisou ser adiada várias vezes. O maior problema interno, entretanto, surgiu quando Marko Hietala anunciou em 2021 que deixaria a banda alegando problemas de saúde mental e discordância de práticas da indústria fonográfica. "Estou deixando o Nightwish e minha vida pública. Há alguns anos não tenho sido

Vehicle of Spirit (2016)

Virtual Live Show from the Islanders Arms 2021 (2022)

Yesterwynde (2024)

capaz de me sentir validado por esta vida. Temos grandes empresas de streaming que exigem trabalho integral de artistas inspirados, enquanto compartilhamos os lucros de forma injusta. Os maiores promotores de turnês obtêm porcentagens até mesmo de nossos próprios produtos, enquanto pagam dividendos ao Oriente Médio. O último ano me obrigou a ficar em casa e a pensar. E me encontrei muito desiludido com essas e muitas outras coisas. Descobri que preciso dessa validação. Para eu escrever, ver e tocar, preciso encontrar novas motivações e inspirações. Está até no meu livro que sou depressivo crônico. É perigoso para mim e para as pessoas ao meu redor se eu continuar. Alguns dos pensamentos há pouco tempo eram sombrios. Não se preocupem, estou bem. Tenho meus dois filhos, uma esposa, o resto da família, amigos, um cachorro e muito amor. E eu não acho que vou sumir pra sempre. Conspiração é a palavra do dia. Para as pessoas que gostam delas, preciso dizer que meu 55º aniversário é agora no dia 14 de janeiro e certamente já cumpri meu tempo por aqui. Culpar Tuomas é um insulto tanto a ele quanto ao meu pensamento livre. Isso é uma coisa muito triste para todos nós também. Tenham cuidado, por favor."

Esse colapso interno pegou a banda de surpresa e, após algumas manobras, Jukka Koskinen, do mesmo Wintersun que cedera Kai Hahto anos antes, foi anunciado primeiro como substituto provisório. Ainda que especulações citassem que o escolhido seria um baixista que também soubesse cantar, Jukka chegou de maneira discreta e deixou o trabalho de cantar apenas com Floor e Troy. O teste de fogo, em plena pandemia, seria a realização de um show virtual, totalmente diferente do que a banda já havia feito. Sem a possibilidade de eventos presenciais, o show *Virtual Live Show from the Islander Arms* foi anunciado, com ingressos podendo ser adquiridos mundialmente. Numa breve entrevista antes da exibição, Jukka foi oficializado como substituto provisório. O show em si dividiu opiniões já que a tecnologia utilizada não foi das melhores.

Mais uma vinda ao Brasil e o câncer de Floor

Em 2022, o Nightwish retornaria ao Brasil para shows no Rio de Janeiro e em São Paulo acompanhados dos também finlandeses do Beast in Black. Poucos meses antes, Koskinen havia expirado seu período de testes na banda e foi devidamente efetivado como baixista oficial. No setlist estavam presentes clássicos como *Ghost Love Score* e *Nemo*, mas também as novas de *Human:: Nature*, que o Brasil conseguiu assistir finalmente depois de dois anos do lançamento do álbum. O ano de 2022 ainda reservava uma surpresa triste: Floor Jansen descobriu que estava com câncer de mama. Em anúncio transcrito pelo G1, a holandesa comentou o caso. Ela se curou depois e hoje em dia está livre da doença. "Tive a alegria de subir muito alto e compartilhei

Tuomas Holopainen

com você. Mas agora uma nova onda me atingiu. E não é boa. Eu tenho câncer de mama. Não senti o câncer, não sabia que estava lá até que, como uma mulher de mais de 40 anos, fui fazer o exame de mamografia padrão, algo que muitos países oferecem de graça para alguns. A mamografia salva vidas! É desconfortável e você pode pensar que não terá algo em seus seios de qualquer maneira, mas VÁ! E para os homens que estão lendo isso: lembre sua esposa, namorada, mãe, irmã para ir e fazer um check-up. Mesmo sem o luxo que eu, como uma mulher ocidental, experimento com exames de mamografia gratuitos: VÁ!"

Anúncio da pausa e *Yesterwynde*

O turbilhão de acontecimentos no Nightwish parece ter atingido o ápice e com Floor anunciando que está grávida novamente, o mais sábio a fazer era dar uma pausa. Ainda que o motivo oficial do intervalo não tenha sido cravado, quem

Ensaio fotográfico no National History Museum em Londres

Fotos: Divulgação

observa a banda de perto podia perceber que os anos de estrada e os vários desafios somados à pandemia mexeram com todos e assim ficou decidido, conforme a banda explicou em comunicado de abril de 2023. "Agora que a turnê de *Human :: Nature* está chegando ao fim, vamos compartilhar com vocês nossos planos para a próxima fase da nossa jornada. Depois dos shows programados para junho de 2023, vamos dar uma pausa por tempo indeterminado e isso inclui performances ao vivo. Não vamos fazer turnê do próximo álbum. As razões para essa decisão são pessoais, mas nós todos concordamos que é vital para o futuro do grupo. Nós asseguramos que amamos trabalhar juntos e essa decisão não tem a ver com a gravidez da Floor ou outros projetos individuais. De qualquer forma, o novo álbum com doze músicas será lançado em 2024, com três videoclipes! A banda está animada para continuar sua aventura musical. Fiquem ligados."

Em abril de 2024, o Nightwish anunciou *Yesterwynde*, terceiro registro da fase Floor e primeiro sem Marko Hietala desde *Wishmaster*. O álbum encerrará a trilogia sobre a natureza e a humanidade iniciada em *Endless Forms Most Beautiful* e trata do assunto das memórias e do passado, conforme a banda explicou em comunicado. O disco sairá no dia 20 de setembro, pela Nuclear Blast. "Uma magia habita em cada início, cheia de expectativa pelo que está por vir, fazendo com que o tempo pare brevemente. Este momento parece quase infinito, repleto de possibilidades ilimitadas para o futuro e o início de uma nova era. E agora esse momento chegou para o Nightwish. *Yesterwynde* é uma viagem fantástica através do tempo, da memória e dos melhores anjos da natureza humana. Após três anos de produção, estamos muito empolgados para compartilhar nosso décimo álbum com o mundo!"

Sobre o título do disco, Tuomas explicou para a Kerrang!: "É uma palavra inventada. Há essa coisa chamada 'The Dictionary Of Obscure Sorrows'. Isso me deu a ideia de que, se você não tem uma palavra em inglês para descrever uma certa emoção, você pode simplesmente criar a sua. Este dicionário em particular é dedicado a isso, como a sensação de saudade por um lugar que você nunca esteve. Que sentimento é esse? E era algo estranho, eu me lembro. Este disco nasceu de uma certa sensação que eu senti muito fortemente, mas não conseguia encontrar uma palavra na língua humana para descrevê-la. Então, comecei a conversar com Troy (Donockley, multi-instrumentista) e perguntei: 'Devemos inventar uma nova palavra? Isso faz algum sentido para você?' E ele disse: 'Sim, essa é uma ideia brilhante!'"

E foi assim que, passados quase trinta anos desde sua fundação sob a luz de uma fogueira numa noite fria finlandesa, que o Nightwish chegou até aqui, defendendo com unhas e dentes o título de maior banda da história da Finlândia e maior do metal sinfônico. O futuro dirá até onde a mente de Tuomas Holopainen e companhia conseguirá chegar. A aventura até aqui, no entanto, já foi bastante intensa e rendeu muitas histórias para contar.

ClassiCrew

1964 THE BEATLES
A Hard Day's Night

Lá nos anos 60, quando as bandas de rock davam seus primeiros passos, não era comum bandas do gênero gravarem discos completos, apenas singles (ou compactos, como chamávamos na época) – os álbuns eram prerrogativa do jazz e da música clássica. Porém, o produtor e visionário George Martin, que esteve com os Beatles desde seus primórdios, viu ali um nicho de mercado a ser explorado pelo Fab Four. Assim, em 63 saiu *Please, Please Me* e a ideia de Martin se mostrou tão acertada que no ano seguinte já saía o terceiro trabalho da banda, *A Hard Day's Night*. Só que dessa vez haveria uma novidade: vendo o sucesso que os filmes com Elvis Presley faziam na época, a United Artists ofereceu um contrato para os Beatles também estreassem na telona. Mais uma ideia que deu muito certo.

O enredo da comédia, extremamente simples, mostra os quatro se dirigindo a Londres para participar de um programa de TV e, no caminho, se envolvem nas mais variadas peripécias, boa parte delas envolvendo fugas às carreiras de hordas de fãs insanas – num determinado momento, um tombaço não programado de George (levando Ringo no embalo) se tornou uma das cenas mais clássicas do filme. Há também um personagem icônico, o suporto avô de Paul, John McCartney, interpretado por Wilfrid Brabell.

O disco acabou sendo dividido em duas partes: o lado 1, com sete músicas, trazia a trilha sonora do filme, enquanto o lado B tinha outros seis temas inéditos, mas que não faziam parte da película. Foi também o primeiro disco a trazer apenas músicas de Lennon e McCartney, sem contar com nenhum cover, como nos dois anteriores.

O título veio de uma frase dita por Ringo Starr após um dia de filmagens: "Esta é a noite de um dia difícil." Na época do lançamento do filme, o baterista foi questionado a respeito e respondeu: "Na verdade, foram dois meses difíceis, já que foi o tempo que levou para fazer o filme. Mas o pior era ficar horas sem fazer nada, esperando para gravar." E Paul, do alto de seus 22 anos, completou: "Além disso, tínhamos que acordar cedo! Tinha dias em que precisávamos estar de pé às seis da manhã. Tenho certeza que isso não faz bem pra saúde!"

Já o sucesso de *A Hard Day's Night* fez muito bem para a saúde dos quatro. O disco foi primeiro lugar nas paradas americana e britânica, alem de ser certificado Disco de Platina na Grã-Bretanha e Disco de Platina quádruplo nos EUA. Já o filme foi (e é) aclamado como um dos melhores e mais influentes do gênero.

Antonio Carlos Monteiro

1974 QUEEN
Sheer Heart Attack

A história não é nova: quem vê nos dias de hoje o sucesso que determinada banda alcançou durante sua carreira nem sempre se dá conta de que o início não foi exatamente repleto de louros. Com o Queen não foi diferente. Apesar de ter lançado dois excelentes discos, *Queen* (1973) e *Queen II* (1974), público e crítica se mostravam consideravelmente indiferentes ao potencial do quarteto. Tanto que foi somente apenas o lançamento do segundo disco que a banda fez seus primeiros shows fora da Grã-Bretanha, e mesmo assim abrindo para o Mott the Hoople a convite da banda numa tour pelos EUA. Mesmo criando uma amizade entre as bandas que duraria décadas (o vocalista do Mott, Ian Hunter, participou do concerto em tributo a Freddie Mercury), Freddie não gostou nem um pouco do negócio: "Ser banda de abertura foi uma das experiências mais traumáticas da minha vida", desabafou tempos depois. E como desgraça pouca é bobagem, Brian May contraiu hepatite no meio da turnê, o que fez a banda ser forçada a cancelar o resto da turnê enquanto o guitarrista baixava no hospital.

Nesse clima, o grupo entrou em estúdio para gravar seu terceiro disco naquele clima de "é tudo ou nada". Só que as gravações não foram menos atribuladas. Além de terem passado por quatro estúdios diferentes, no dia 2 de agosto de 74, menos de um mês após o início dos trabalhos, Brian May passou mal no estúdio, foi levado ao hospital e diagnosticado com úlcera no duodeno. Foi operado no dia seguinte e ficou fora de combate até o final do mês.

Só que, como sabemos, a flor mais bela pode surgir do lixo atômico. Assim, produzido por Roy Thomas Baker e pela própria banda, *Sheer Heart Attack* saiu no dia 8 de novembro daquele ano e, de cara, mostrou uma mudança na abordagem musical da banda: o lado progressivo ficava um pouco de lado, abrindo espaço para o rock puro e simples e até para o pop. Mais que isso, nesse disco o Queen abriu a caixa de hits, enfileirando temas como *Brighton Rock*, *Killer Queen*, *Now I'm Here* e *Stone Cold Crazy* – esta foi definida pela revista Q

como „um thrash metal escrito antes de esse termo ter sido inventado."

O disco alcançou o Top 10 em quatro mercados, incluindo um nada desprezível 20. posto na parada britânica, onde também foi certificado Disco de Platina. Animado com o sucesso que finalmente chegara, um ano depois o Queen soltaria *A Night at the Opera* – e o resto é história.

Antonio Carlos Monteiro

1994 MÖTLEY CRÜE
Mötley Crüe

"Em retrospecto, a coisa mais inteligente que poderíamos ter feito era mudar o nome da banda. Isso faria com que a completa aceitação ou negação fosse baseada na música, não no nome", escreveu Nikki Sixx nas 'liner notes' do encarte de relançamento de *Mötley Crüe*, em 2003. No entanto, a aversão do baixista ao único trabalho com John Corabi ganhou outros contornos ao longo dos anos. "É um álbum sem foco, e foi uma experiência difícil e prolongada", disse ele à revista Sweden Rock, em 2016. "Foi doloroso para mim, porque Corabi não sabe escrever letras, então tive de fazer tudo sozinho."

A história, porém, mostra que há quatro verdades, e as outras três tanto divergem da de Sixx quanto são convergentes. E elas são dos outros envolvidos: Mick Mars (guitarra), Tommy Lee (bateria) e o próprio Corabi. "É provavelmente o melhor disco que fizemos em termos musicais. (...) É o meu 'White Album', (...) e não estou dizendo que os outros são ruins ou algo assim, porque amo cada álbum que fizemos, mas ele tem algo especial" disse Mars em 2012, fazendo alusão a um dos clássicos dos Beatles.

"Honestamente, é um dos meus discos favoritos da banda. Sonoramente, as músicas e a forma de tocar são complicadas, (...) e quando você o analisa hoje, ele ainda soa incrível", afirmou Lee ao Beat, da Austrália. Em outra entrevista, ao Riff Crew, também australiano, Lee fez coro ao guitarrista: "As músicas desse disco, cara! Eu ainda ouço e digo 'meu Deus! Porra!', e é um dos meus álbuns favoritos, também. Estou com Mick. Porra, que álbum realmente fantástico".

"Sempre achei o Tommy um grande baterista, mas ele elevou sua performance a outro nível. É a melhor da carreira dele, provavelmente. Posso dizer o mesmo do trabalho de guitarra do Mick e até mesmo de Nikki no baixo. (...) Não sei por que ele (Sixx) despreza tanto o disco, mas não dou a mínima. (...) Ele quer dizer o quanto detesta o que fizemos juntos? Sem problema. Eu amo *Mötley Crüe* e sei que muitos fãs também o adoram", disse Corabi a este repórter, em 2017.

É verdade que as viúvas de Vince Neil tiveram dificuldade de aceitar um substituto que não era apenas um intérprete, e sim um vocalista infinitamente superior, que tocava guitarra e ainda compunha e, sim, escrevia letras. O placar final dos criadores - 3 a 1, de virada e com olé - pode representar duas coisas: (i) Sixx teria opinião diferente se o sexto álbum do Mötley Crüe tivesse sido comercialmente bem-sucedido; e (ii) *Mötley Crüe* é, de fato, o melhor trabalho da banda. Do início ao fim, o mais inspirado, talentoso e bem tocado. Escute.

Daniel Dutra

2004 ANGRA
Temple Of Shadows

O Angra passou pela maior prova de fogo de sua carreira com *Rebirth* (2001). Afinal, como sabe todo mundo que não morou em Marte nos últimos 25 anos, esse foi o disco que a banda lançou após a saída de três integrantes, incluindo aí o vocalista Andre Mattos. O álbum foi muito bem aceito e os fãs abraçaram a nova formação, o que levou o quinteto a cair de cabeça em um projeto mais ousado no trabalho seguinte: um disco conceitual em que o metal melódico que consagrou a banda foi revestido de várias camadas de prog metal e até de metal mais pesado. O resultado foi *Temple of Shadows*. Segundo Rafael Bittencourt (guitarra), criador do conceito e das letras, contou a este repórter na época do lançamento do álbum, ele narra a história de um guerreiro católico que participa da I Cruzada e se envolve em todo um processo de reflexão de suas convicções. Trazendo à tona uma discussão sobre "religião, religiosidade, filosofia e a importância, ou não, disso na vida das pessoas", segundo ele a intenção era lançar um questionamento "sobre a incoerência entre o que uma religião propõe e onde ela pode chegar quando se envolve com política e grana."

Para a produção foi novamente chamado Dennis Ward, que havia assinado *Rebirth*, e as gravações aconteceram entre janeiro e julho de 2004 nos estúdios Mosh, em São Paulo, e House of Audio, na Alemanha. Porém, logo surgiu uma questão que causou grande desgaste na banda: Edu estava com um problema na laringe que prejudicou sua voz. Segundo Ward, que passou por algo semelhante, a forma de curar esse problema seria esperar. "Ou você opera, o que é perigoso, ou espera." Só que a banda precisava lançar o álbum, então a gravação de voz se tornou um exercício de paciência para todos. No fim, deu certo e a voz de Edu soa muito bem no disco.

Temple of Shadows contou com alguns convidados, como Kai Hansen (Helloween), Hansi Kürsch (Blind Guardian) e Sabine Edelsbacher (Edenbridge). Porém, o mais inesperado deles foi Milton Nascimento, que cantou alguns versos em português na faixa *Late*

Redemption. Segundo Kiko relatou na mesma entrevista a este repórter "a gente tinha essa idéia de ter convidados que tanto mostrassem nosso lado heavy metal e outros que mostrassem nosso lado brasileiro."

O álbum foi lançado em setembro de 2004 e se tornou um dos maiores sucessos de venda do Angra, atingindo o total de 800 mil cópias comercializadas.

Antonio Carlos Monteiro

CJ SNARE

✷ 14/12/1959 † 05/04/2024

Por Leandro Nogueira Coppi

Quando se fala em hard rock, muita gente louva a década de 1980. De fato, aqueles foram anos dourados para o gênero. Entretanto, é pouco lembrado que de 1990 a 1992 o estilo seguiu revelando muitas bandas de destaque. Uma dessa safra foi o Firehouse. Logo em seu homônimo primeiro álbum, de 1990, a nova sensação do hard fez sucesso inclusive no Brasil, com os singles *Don't Treat Me Bad* e seu maior hit, *Love of a Lifetime* – correndo por fora, *All She Wrote* também teve clipe exibido por aqui.

Em 2005, em entrevista ao site Rock Eyez, CJ Snare foi questionado sobre o Firehouse ser sempre lembrado por *Love of a Lifetime* e recordou um célebre conselho que recebeu: "No início de nossa carreira, Jon Bon Jovi nos disse: 'Pegue uma música, guarde-a e nunca, nunca mais a toque. Isso vai arruinar sua carreira!'"

Então, o vocalista recordou que quando levaram as primeiras demos do álbum para a Epic Records, tinham outra composição diferente para ser a balada. "Os executivos nos disseram: 'Tudo está aqui! *Don't Treat Me Bad* e todas essas coisas estão no lugar, mas vocês simplesmente não têm aquela power ballad.' Então, ofereceram trazer alguns compositores para tentar nos ajudar e só lembro de levantar a mão, meio timidamente, e dizer: 'Bem, tenho uma música...' Eles a amaram e ela se tornou um grande sucesso. Isso é o meu legado? Bem, quer saber? Poderia ser pior...", revelou.

O Firehouse foi formado em 1984 na cidade americana de Richmond, no Estado da Virgínia. Surgiu da dissidência de outros dois grupos: do White Heat, vieram Bill Leverty (guitarra) e Michael Foster (bateria) e do Maxx Warrior, Perry Richardson (baixo, hoje no Stryper) e Snare. Snare chamou a atenção de Leverty e Foster, que o viram cantar em um clube noturno. Ele atendeu ao pedido de Leverty e encaixou seus vocais em algumas músicas do guitarrista. Imediatamente convenceu a dupla.

Nascido Carl Jeffrey Snare, começou a tocar piano clássico aos 6 anos de idade, instrumento que usou para compor o hit *Don't Treat Me Bad*. Mais tarde, estudou na Universidade Estadual da Flórida, onde se formou em Engenharia Elétrica. Após se juntar ao Firehouse, CJ e banda se mudaram para Charlote, na Carolina do Norte, e em 1989 assinaram com a Epic.

O sucesso com o debut, *Firehouse*, foi imediato. No início de 1992, o grupo ganhou o American Music Awards na categoria "Nova Banda de Hard Rock e Heavy Metal Favorita". Além de Estados Unidos e Brasil, já dispunha de um exército de fãs na Europa, Japão e, principalmente, em países do sudeste asiático.

Apesar de o grunge estar bombando naquele ano de 1992, o Firehouse não foi mal com seu segundo álbum, *Hold Your Fire*. Ficou no Top 10 americano com outra balada, *When I Look into Your Eyes*, e foi bem também com outros dois singles, *Reach for the Sky* e *Sleeping With You*.

Para o público brasileiro, o lançamento seguinte foi ainda mais especial. Com o sucesso da balada *I Live My Life for You* na trilha da novela A Próxima Vítima, o Firehouse nos visitou pela primeira vez para promover o álbum *3* (1995) por meio de uma 'press tour'. Tocou no Programa Raul Gil, Jô Onze e Meia (Jô Soares), Programa Livre (Serginho Groisman), Xuxa Hits (Xuxa) e fez um acústico na Rádio Transamérica FM. Foi só em 2007 que a banda se apresentou para o público brasileiro, no festival Hard in Rio, no Rio de Janeiro – ao lado de Ted Poley (Danger Danger). Em 2013, foi a vez de São Paulo.

Após o álbum *3*, CJ Snare e o Firehouse lançaram mais quatro álbuns, porém nenhum deles chegou nem perto do sucesso dos três primeiros. Perry Richardson deixou a banda e nos últimos anos vem tocando com o Stryper. A partir de então, o posto de baixista passou por outras mãos, inclusive do brasileiro Dario Seixas. Por sua vez, em paralelo ao Firehouse, CJ montou o projeto Rubicon Cross, participou de alguns outros lançamentos e também atuou como produtor e engenheiro de som para outras bandas.

Em 2020, CJ Snare foi diagnosticado com câncer de cólon. Devido à doença, precisou cuidar da saúde em 2023 e foi substituído temporariamente pelo jovem Nate Peck. Para tristeza da comunidade hard rock mundial, CJ faleceu no dia 5 de abril de 2024 de parada cardíaca, deixando esposa e um casal de filhos.

Firehouse
Firehouse (1990)

Firehouse
Hold Your Fire (1992)

Firehouse
3 (1995)

Firehouse
Good Acoustics (1996)

Rubicon Cross
Rubicon Cross (2014)

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

anúncio: www.jduartedesign.com

LEFT ARM JACK – HEROES

O som da Left Arm Jack é caracterizado pela mistura do Heavy Rock Melódico com elementos de rock progressivo em uma ambiência cinematográfica.

O ÁLBUM INTITULADO 'HOME' TEM PREVISÃO DE LANÇAMENTO PARA O FINAL DE AGOSTO E CONTA COM OS IRMÃOS BUSIC (DR.SIN) COMO CONVIDADOS ESPECIAIS.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

MS METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon prime music · Available on iTunes · MS METAL RECORDS

Divulgação

Martin Nordin, Harald Göthblad, Johanna Sadonis, Nicke Andersson e Linus Björklund: cada vez melhores

LUCIFER À MODA ANTIGA

Johanna Sadonis explica o conceito por trás do novo álbum da banda, incluindo a paixão por filmes de terror, e o seu papel como mulher e líder do Lucifer

Por Daniel Dutra

Com uma década de vida, o Lucifer vem lançando um álbum melhor do que o outro, e *Lucifer V* chegou ao mundo no início de 2024 já como forte concorrente a figurar nas listas de melhores do ano. É o trabalho mais acessível da banda hoje formada por Johanna Sadonis (vocal), Linus Björklund e Martin Nordin (guitarras), Harald Göthblad (baixo) e Nicke Andersson (bateria, sim o guitarrista do The Hellacopters), mas Johanna explica por que isso não significa necessariamente que o quinteto vá estourar nas rádios. Teve isso e outros assuntos bem interessantes. Confira.

A capa do novo álbum é tão boa quanto a capa de *Lucifer IV*, e fica muito evidente como o aspecto visual do Lucifer também faz diferença. Como vocês chegaram ao conceito?

Johanna Sadonis: Ele foi criado um pouco em cima da hora. Eu e Nicke discutimos isso durante um tempo, nos perguntando o que deveríamos colocar na capa, e eu sempre disse que deveria ser algo diferente do que já havíamos feito. A minha ideia era ter uma foto da banda, mas ele não estava muito certo disso, então sugeri que estivéssemos todos deitados dentro de caixões, um ao lado do outro. Conseguimos um caixão de transporte muito antigo, com mais de cem anos, e o levamos para o estúdio para fazermos as fotos. Depois que as vimos, Nicke disse: 'Sabe, eu acho que deveria ter somente você na capa', e eu respondi que então colocaríamos as fotos de cada integrante no encarte. Nicke achou que era mais impactante assim, mas eu lembrei que era mais uma capa apenas comigo, por isso ele é quem falaria isso para os outros caras (risos). O raciocínio dele era o seguinte: atualmente, para aqueles que não compram o disco em vinil, a capa nas plataformas de streaming é muito pequena, então a imagem ficaria muito pequena e difícil de reconhecer se tivesse todos nós alinhados dentro de caixões. Eu sou a empresária da banda, então é claro que entendi o que ele quis dizer. Faz sentido ter algo que se destaque. No fim, acho que encontramos uma boa solução, porque fica muito legal quando você abre o encarte.

Os vídeos de *At the Mortuary* e *Slow Dance in a Crypt* são baseados no estilo de George A. Romero, e em *At the Mortuary* há uma cópia de "O Bebê de Rosemary" (N.R.: livro escrito por Ira Levin e publicado em 1967) no banco do carro. Qual é a sua história pessoal com filmes de terror?

Johanna: Eu e Nicke somos fãs de filmes antigos de terror, mas eu não queria que os vídeos parecessem de mau gosto ou cafonas. Queria que eles ficassem bacanas, ainda que fossem uma história de amor. Comprei aquele livro num sebo em Nova York, porque "O Bebê de Rosemary" (N.R.: dirigido por Roman Polanski e lançado em 1969) é o meu filme de terror favorito, e pensei em colocá-lo no clipe como uma homenagem. Esse é o meu tipo de terror favorito, o psicológico, aquele que está na sua cabeça. Atualmente, o

terror está gráfico demais, parece que as pessoas não são mais tão sensíveis e precisam ver alguém furar a cabeça do outro com uma furadeira durante meia hora, e eu acho isso meio idiota. A menos que seja num filme antigo de zumbis, porque aí o papo é outro, tem um lado cômico. Hoje, usam muitos efeitos, e antigamente os filmes eram mais baseados no terror psicológico, na sugestão, como em "Psicose" (1960), de Alfred Hitchcock. Nele, você vê a silhueta da faca ferindo alguém e acredita que verá a mulher sendo esfaqueada, mas não vê, e isso é incrível. Adoro isso! No terror, o que não é tão óbvio é sempre mais interessante. O mistério é mais interessante. Essa obviedade de sangue jorrando e pedaços explodindo é chata, e também pode ser percebida noutras artes, como na música pop, por exemplo. É como se o mundo estivesse emburrecendo, regredindo. É muito triste.

E quais são seus outros favoritos, além de "O Bebê de Rosemary"?

Johanna: Eu e Nicke temos o mesmo gosto para filmes de terror. Gostamos de "O Exorcista" (1973) e da franquia "A Profecia" (N.R.: com três filmes entre 1976 e 1981), e eu gosto de terror italiano, como os filmes de (Dario) Argento e (Lucio) Fulci.

Musicalmente, *Lucifer V* traz uma abordagem mais palatável e radiofônica. Foi intencional?

Johanna: Sim, e é uma coisa boa, né? Quando se vem do metal underground, como eu, é comum ouvir de outras pessoas a frase 'ela se vendeu'. Honestamente, não estou nem aí, porque se a qualidade da música é boa e ela faz sucesso por ser boa, então não há nada de errado nisso. Porém, ainda que você ache que ela pode tocar nas rádios, nós ainda não chegamos lá, ainda somos uma banda underground (risos). A situação do Lucifer é muito estranha, porque no underground nós somos 'muito mainstream', e no mainstream nós somos 'muito underground' (risos), então estamos nessa 'zona morta', que é como lugar nenhum. Mas eu estou acostumada a ser estranha, porque fui assim a vida toda. Antes, eu era estranha por ser metaleira; agora, sou estranha no metal (risos).

E perguntei porque músicas como *Riding Reaper*, *A Coffin Has No Silver Lining* e *Strange Sister* só aumentam a minha sensação de que o Lucifer poderia ser um Heart moderno vindo dos anos 1970, se isso faz sentido para você...

Johanna: Ah, totalmente, porque eu amo o Heart dos anos 1970! Era uma banda muito legal! Ainda assim, não soamos modernos o suficiente para tocar nas rádios, por exemplo. Não damos às pessoas o que o mainstream manda dar. Se quiséssemos ser modernos, teríamos que contratar algum produtor chique para que ele polisse o nosso som, mas não queremos isso e não gostamos disso. Mantemo-nos fiéis a nós mesmos, fazendo o que fazemos, e assim veremos no que vai dar. Ainda assim, acredito que parte disso se dá ao nome da banda e ao visual, que é muito sombrio, mas eu me recuso a abandonar isso, porque é o que realmente amo. Não sei se isso quer dizer que a banda nunca 'chegará lá' ou se significa que levará muito tempo para que o rock mainstream perceba que o Lucifer tem essa capacidade. É claro que eu quero que o grupo seja bem-sucedido, mas não quero sacrificar o que eu gosto, do ponto de vista da produção e do visual. Se isso significa ser condenada a ser underground, então que seja, porque as pessoas percebem quando algo é sincero. Eu sou fã de metal, percebo quando uma banda está de sacanagem e quando uma banda faz a coisa para valer, e acredito que a integridade acaba vencendo a corrida. Mas é um processo muito lento. Nunca fomos uma banda popular, mas pelos nossos fãs, e eu vi isso agora, já que tocamos recentemente nos Estados Unidos, percebi que crescemos porque, mesmo com uma pandemia entre nossos discos, havia muita gente nova e muitas pessoas cantando as músicas junto conosco. Isso me chocou um pouco, porque eu estou sozinha no interior da Suécia quando faço um disco, não penso que haverá outra pessoa 'do outro lado da linha' (risos). É somente na turnê, quando subo no palco e vejo todos aqueles rostos que sorriem como se me conhecessem, que cantam aquelas bobagens que eu escrevi enquanto estava sozinha no meu quarto. Às vezes, isso me faz chorar, porque me comove perceber que toquei outras pessoas e que elas cantam junto comigo. Então, quando me dei conta disso, percebi que temos fãs fieis e leais, que têm aparecido num crescimento lento, porém contínuo. Creio que isso é melhor do que ser uma banda que se torna popular de repente e não se sustenta.

LUCIFER V
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Já que mencionei o Heart, gostaria de falar sobre seu papel no Lucifer, porque você é a imagem da banda, e digo isso na perspectiva de liderança, criatividade e orientação. Em um mundo ainda misógino, quão importante é para você ser esse exemplo?

Johanna: Atualmente, é um pouco melhor do que quando eu era adolescente, nos anos 1990. Não havia muitas mulheres no metal, e eu me deparei com muito sexismo, mesmo sem me dar conta porque era uma coisa geracional da época, porque não se questiona muito essas coisas quando se é criança e adolescente. Levou alguns anos para eu perceber que a forma como eu era tratada não era legal. Melhorou hoje em dia, mas o problema ainda existe, ainda vejo diferenças no tratamento, na forma como homens são tratados e como mulheres são tratadas no mesmo espaço. Gostaria que isso fosse algo superado e resolvido, que não fosse mais um tema de discussão, mas infelizmente ainda é algo presente. Inclusive, tem gente que eu não fazia ideia de que ainda age de maneira sexista, tipo a minha mãe. Meus pais estiveram em casa para o Natal, vindos da Alemanha, e eu e Nicke estávamos na cozinha preparando as comidas. Enquanto Nicke lavava a louça, minha mãe disse: 'Olha! O rockstar está lavando a louça para mim!', e ela não se deu conta de que eu tenho o mesmo emprego que ele, entende? Parece uma coisa diferente porque ele é homem e minha mãe está com 70 anos, e o mundo era diferente na época dela, então ela não percebe que me trata de maneira diferente do que meu irmão, por exemplo. E não é que minha mãe faça isso conscientemente, mas está tão enraizado que ela não se dá conta. No geral, é irritante e às vezes cansa quando estou em turnê e tenho de lidar com idiotas. Nos EUA, por exemplo, tivemos uma mulher como gerente de turnê e às vezes falávamos sobre algum otário que disse alguma bobagem (risos). Foi bom poder conversar com outra mulher sobre isso durante a turnê e nos vingarmos (risos), e fico feliz por poder de alguma forma tornar tudo isso um pouco mais fácil para garotas e mulheres. É por isso que estou na cruz, por isso uso o colarinho clerical e todas essas coisas que supostamente as mulheres não podem fazer. É a minha forma de mandar o patriarcado se foder!

PROFILE

ALAN SOUZA (INVENTTOR)

Por Leandro Nogueira Coppi

Primeiro disco que comprou:
"Ozzy Osbourne - *Bark at the Moon*."

Melhor disco de heavy metal:
"Metallica - *Ride the Lightning*."

Último disco que comprou:
"Solstice - *Lamentations*."

Disco que mudou sua vida:
"Iron Maiden - *No Prayer for the Dying*."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Testament, Volbeat, Inventtor e White Buffalo."

Música que mais gosta de tocar:
"*Traído pela intuição*. Peso e melodia, sempre provoca um clima diferente nos shows da Inventtor."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso: "."
"São tantas (risos). Mas fico com Roberto Carlos - *É Proibido Fumar*."

Além dos projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?
"Soen!"

Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?
"Witchcraft - *It's Not Because of you*."

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"Whiskey Myers - *Virginia*."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Country rock, MPB anos 60 e 70."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Não faço ideia."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Um cara bem alterado, creio eu, queria levar um pouco do meu cabelo pra casa (risos)."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Estou com meus amigos no palco!"

Disco que mais ouviu na vida:
"Paradise Lost - *Icon*."

Melhor capa de disco:
"Mercyful Fate - *In the Shadows*."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Nunca daria um disco para ele (risos)."

Disco que gostaria de ter gravado:
"Obituary - *World Demise*."

Música que gostaria de ter composto:
"Rush - *A Farewell to Kings*."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Black Sabbath - *Sabbath Bloody Sabbath*."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Sepultura - *Schizophrenia*."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"Overdose - *Circus of Death*."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Drowned - *Bonegrinder*."

Música que melhor define sua carreira:
"*Santificam a sua Maldade* (Inventtor). Sorrimos todos os dias sem querer."

Três hinos do rock/metal:
"Judas Priest - *Hell Patrol*, Lynyrd Skynyrd - *Free Bird* e My Dying Bride - *I Cannot Be Loved*."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"The Georgia Thunderbolts seria inusitado!"

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Latino (risos)."

Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?
"Violino."

Site/Redes sociais:
https://linktr.ee/inventtorband

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

January 30 - February 3, 2025
Miami, Florida - Ocho Rios, Jamaica

Candlemass
40 YEARS OF DOOM
DELAIN
Emperor
Flotsam and Jetsam
HammerFall
JD EXTREMO
30TH ANNIVERSARY SHOWS
Kalmah
SAMAEL
Septicflesh
Sonata Arctica
Stratovarius
Subway To Sally

...and 40 more!

Stay tuned for our lineup here:

THE WORLD'S BIGGEST THE ORIGINAL HEAVY METAL CRUISE

4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com

Tel.: +1 305 777 4878

STAY HEAVY REPORT

Homenagem a Vinicius Neves

A família Roadie Crew está em luto pela perda do amigo e companheiro Vinicius Neves, falecido aos 45 anos de idade vítima de câncer de pâncreas. Profissional de Marketing e Comunicação, empresário visionário, agitador cultural e fanático por heavy metal, Vinicius idealizou, produziu e apresentou o programa Stay Heavy durante muitos anos ao lado de sua esposa, Cintia Diniz.

O Stay Heavy começou em outubro de 2003 na allTV, emissora de internet que na época também era transmitida pela TV a cabo em São Paulo. No primeiro semestre de 2005, o programa foi indicado ao 'Prêmio Claro de Música Independente' na categoria de "Melhor Programa de TV" de 2004, ao lado de programas de TVs abertas como MTV, TV Cultura e outras. Com o excelente resultado da votação, o Stay Heavy fechou um acordo com a Rede NGT e a produtora Alpha Canal para formar a própria rede de transmissão.

O Stay Heavy fez a cobertura do Wacken Open Air, além de matérias de shows no Brasil e as diversas atrações nacionais e internacionais que passaram pelo programa.

Como organizador de eventos e líder carismático, realizou o Stay Heavy Metal Stars, um de seus maiores orgulhos no meio da música pesada. Durante diversas edições, pôde unir músicos de diferentes estilos, de medalhões conhecidos mundialmente a novatos do cenário brasileiro, a se juntarem no mesmo palco. Assim, não só divertiu e entreve o público presente como ajudou a criar novas e duradouras amizades.

Com 25 anos de carreira, trabalhou em áreas como Marketing Móvel, Marketing Digital e Desenvolvimento de Negócios em empresas de médio e grande porte. Além disso, foi criador da banda About2Crash, com a qual pôde realizar o sonho de tocar no Rock in Rio.

Vinicius também foi colaborador assíduo da revista Roadie Crew, fazendo resenhas, coberturas de shows no Brasil e exterior, além de ter a coluna Stay Heavy Report.

Neste momento de dor, gostaríamos de estender nossas mais profundas condolências à família e amigos. Que encontrem conforto nas lembranças felizes compartilhadas com Vinicius Neves e na gratidão pelas vidas que ele tocou tão profundamente. Em seu último show com o About2Crash, realizado no palco do La Iglesia (SP), o tema de sua festa era a celebração da vida. Vinicius também será lembrado por sua luta e resiliência.

Stay Heavy!

About2Crash

Vinicius e a eterna companheira Cintia Diniz

SOUND CITY RECORDS

Valhall Music

EDEL e·a·r MUSIC

GAMMA RAY
SIGH NO MORE
Com uma nova formação, em seu segundo álbum o Gamma Ray abriu o portal para uma odisseia pelo universo do power metal; uma jornada épica onde cada faixa é uma explosão de energia e virtuosismo.

GAMMA RAY
INSANITY AND GENIUS
Com Insanity and Genius, o Gamma Ray buscou os limites do power metal abusando, com brilho, de virtuosismo, criatividade e energia.

GAMMA RAY
LAND OF THE FREE
Tido pela maioria dos fãs como seu grande clássico, Land of the Free é o grito de liberdade do Gamma Ray, uma jornada épica que solidificou o nome do grupo no panteão do power metal.

TARJA
WHAT LIES BENEATH
Em seu terceiro álbum solo, Tarja Turunen mergulha nas profundezas da alma, revelando uma paisagem sonora majestosa onde sua voz reina suprema sobre arranjos luxuosos, explorando os mistérios que residem na emoção humana.

MYRATH
KARMA

H.E.A.T
FREEDOM ROCK

DEEP PURPLE
INFINITE - THE GOLD EDITION

NEW MODEL ARMY
UNBROKEN

Adquira em
www.valhallmusic.com.br

anúncio: www.jduartedesign.com

KILLSWITCH ENGAGE
SUMMER BREEZE
2024

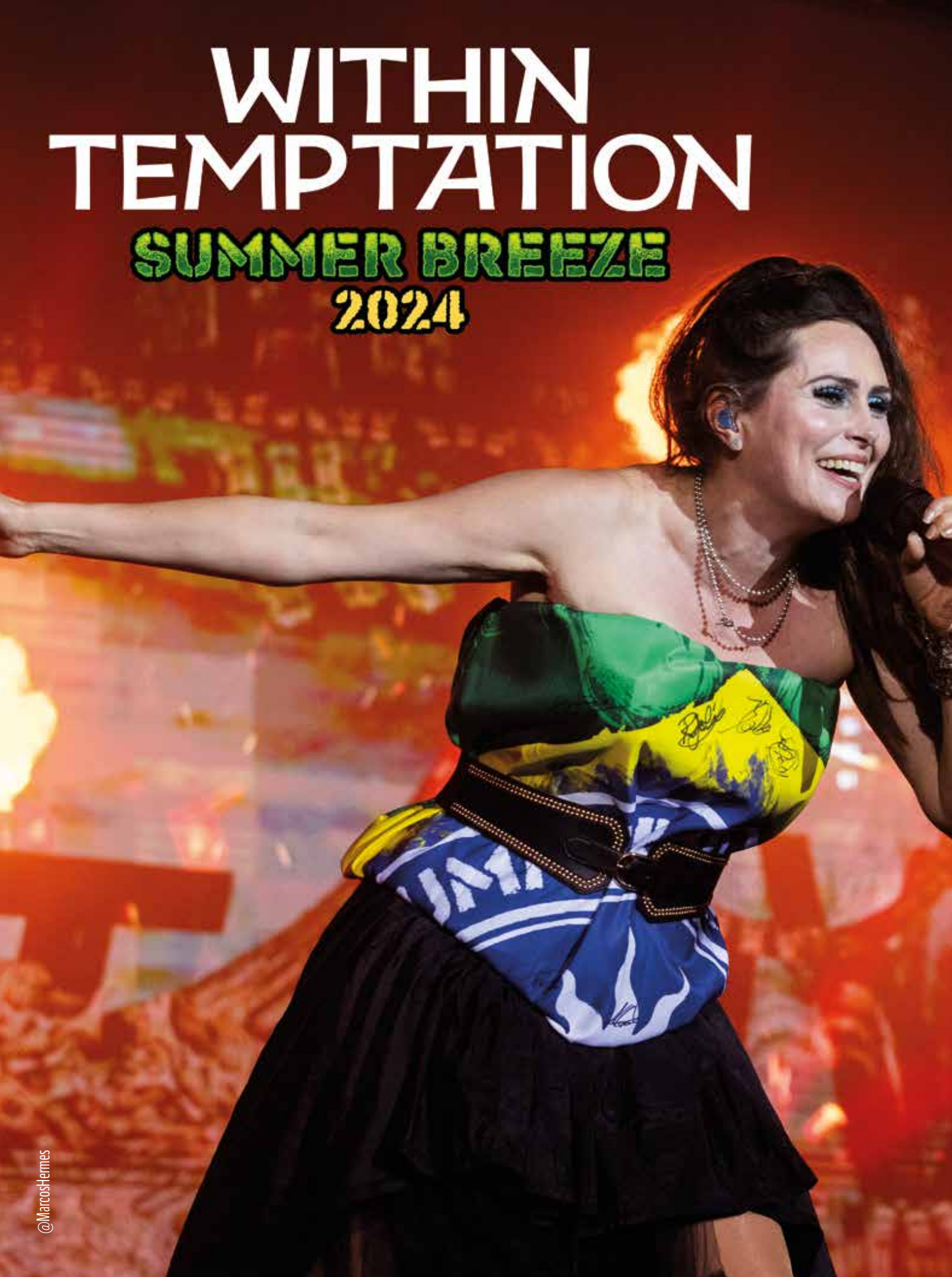
ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

@raphagarcia - MHermes arts

WITHIN TEMPTATION

SUMMER BREEZE 2024



@MarcosHermes

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Bruno Luiz
Guitars
Raphael Dantas
Drums, Vocals, Keyboard
Daniel Fuchshuber
Bass Guitar
GLORIA PERPETUA
THE DARKSIDE WE WANNA HIDE
SCAN ME
OUT NOW!
CONVIDADOS:
Timo Tolkki Luís Mariutti Guilherme Hirose Vitor Rodrigues Christian Passos
Vitor Veiga Marcelo Kalunga Rogério Byron João Noleto
@gloriaperpetuametal
ASE MUSIC
DESIGNLARA ARTWORK
THE ART OF AURÉLIO LARA
WWW.DESIGNLARA.COM.BR
Shinigami 死神 Records
www.shinigamirecords.com.br

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!